

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

REGO, Otávio Brandão. *Otávio Brandão (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. 139 p. dat.

**OTÁVIO BRANDÃO**  
**(depoimento, 1977)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: história de vida

entrevistador(es): Maria Cecília Velasco e Cruz; Renato Lessa

levantamento de dados: Maria Cecília Velasco e Cruz; Renato Lessa

pesquisa e elaboração do roteiro: Maria Cecília Velasco e Cruz; Renato Lessa

sumário: Nara Azevedo de Brito

conferência da transcrição: Nara Azevedo de Brito

copidesque: Elisabete Xavier de Araújo

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 15/01/1977 a 10/02/1977

duração: 6h 50min

fitas cassete: 05

páginas: 139

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação, em 1975.

Esta entrevista subsidiou a elaboração da tese de doutorado de Dulce Pandolfi, publicada no livro *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB* (Rio de Janeiro, Relume-Dumará; Fundação Roberto Marinho, 1995).

temas: Anarquismo, Astrogildo Pereira, Bloco Operário e Camponês (1928-1930), Cooperativismo, Greves, Movimento Operário, Otávio Brandão, Partido Comunista do Brasil, República Velha (1889-1930), Sindicalismo, Sindicatos de Trabalhadores.

## Sumário

### *1ª Entrevista: 15.01.1977*

Origem familiar; formação escolar e intelectual; jornal A Semana Social; protesto contra a Primeira Guerra Mundial e a prisão; os anarquistas; sindicalismo em Maceió; criação da Sociedade dos Irreverentes e da Congregação Libertadora da Terra e do Homem; setores ativos do operariado; sindicatos amarelos; anarquismo e anarco-sindicalismo; políticos e movimento operário; anarquismo e revolução; Insurreição de Magé (1918); inviabilidade do anarquismo; sindicatos anarquistas; a Coligação Social; Federação Operária; ação política anarquista; caráter individualista do anarquismo; socialistas e positivistas; a imprensa e a questão social; relações com Prestes; o Bloco Operário e Camponês; dificuldades do BOC em São Paulo; Teotônio Sousa Lima; atividade política nas fábricas; aliança com o tenentismo..... p. 1-37

### *2ª Entrevista: 21.01.1977*

Contatos com anarquistas; reunião em Buenos Aires e liquidação do BOC (1930); expulsão do Brasil (1931); influência do BOC entre os trabalhadores; I Conferência Comunista do Brasil; difusão do anarquismo no Brasil; José Elias da Silva; desagregação do PC; popularidade dos políticos entre os operários; os amarelos no porto; movimento cooperativista; jornal A Voz do Povo; greve da Leopoldina (1920); deportações de anarquistas por Eptácio Pessoa; Lima Barreto; organização das greves; greve dos gráficos (1929); adesão de Astrojildo ao comunismo; o Partido Comunista e a disciplina partidária; a insurreição de 1935; Coligação Social (1920); Everardo Dias; o grupo Clarté; o Partido Socialista; ligações dos sindicatos com o coronel Bandeira de Melo; luta contra os anarquistas; Astrojildo Pereira; reorganização dos sindicatos; insurreições da Internacional para o movimento no Brasil; atuação de Astrojildo Pereira; criação do PC e propostas de trabalho; I Congresso do PC; perfil dos fundadores do PC; o trotskismo; papel da esposa no movimento operário..... p.37-97

### *3ª Entrevista: 10.02.1977*

Influência da Internacional na fundação do PC; reorganização dos sindicatos; órgãos do PC; trabalho junto aos camponeses; vereador em 1946; organização interna do PC; interferência da Internacional na linha do partido; atividades nos sindicatos; diferenças entre anarquismo e comunismo; o PC e as leis trabalhistas; proposta de frente cínica entre o PC e os anarquistas; tentativa de ligações com a Coluna Prestes; adesão ao comunismo; II Congresso do Partido; política reformista burguesa nos anos 20; sistema eleitoral na República Velha; criação e atuação do BOC; atuação como vereador; Revolução de 1930; reunião em Buenos Aires; legislação eleitoral..... p. 97-139

*1ª Entrevista: 15.01.1977*

M.C. - Otávio, onde e quando você nasceu?

O.B. - Eu nasci a 12 de setembro de 1896, na cidade de Viçosa, de Alagoas, no interior, a cem quilômetros do litoral, no meio das plantações de cana-de-açúcar. Subiam, desciam ladeira, até as portas da cidade, aquelas plantações de cana-de-açúcar. Viçosa é uma cidade muito pequeno-burguesa, cercada de latifúndios, antigos engenhos, engenhos de açúcar. Só muito depois é que apareceu uma usina. Então, o ambiente era este: uma pequena burguesia urbana - uns progressistas, outros confusos, outros reacionários - e aquele latifúndio cercado a cidade, latifúndios de plantações de cana-de-açúcar. Lugar muito bonito, o rio Paraíba no meio dos pedregais, aquelas matas, às vezes matas virgens. Uma coisa raríssima na história do Brasil a gente encontrar matas virgens. Uma dessas, subindo a serra Dois Irmãos, atravessei com um grupo de amigos: seis horas subindo e abrindo caminho com um facão, porque de outra forma não era possível dar um passo - aquele entrelaçamento de cipós, da base até lá em cima, eram matas virgens. Agora estive em Itatiaia e vi lá matas bonitas, mas os paus são finos, quer dizer são recentes, e a mata não é virgem. A gente pode penetrar de um extremo a outro, como na Europa.

M.C. - E qual era a profissão de seu pai?

O.B. - Meu pai era prático de farmácia. Era um homem democrata, progressista, um homem de idéias muito avançadas para a época. Não esqueça de que, chegou 15 de novembro de 1889, houve a Proclamação da República no Rio de Janeiro, e chegou lá a notícia muito depois. Não havia telégrafo; não havia estrada de ferro. Então, os pequeno-burgueses urbanos reuniram-se na Câmara Municipal e proclamaram sua adesão à República. Bom; até aí, nada demais. Na hora dos triunfadores, sempre aparecem os oportunistas. O diabo é que Viçosa ficava longe, no interior, e um dia chegou a notícia: "Dom Pedro II recompôs a Monarquia". E todos começaram a dizer: "Estamos perdidos, vamos ser enforcados, porque fizemos um documento público." [risos] E, assim, um escândalo tremendo. Então, foram a meu pai para ele retirar a assinatura. Estava lá: Manuel Correia de Melo Rego. Mas meu pai respondeu: "Não; eu coloquei a assinatura; agora, acabou-se. Prefiro ser enforcado a retirar a assinatura." Então ele deu coragem aos outros pequeno-burgueses e ficou o dito pelo não dito. Depois é que chegou a notícia de que a República estava se consolidando, que a Monarquia estava perdida. Ele disse: "Está vendo? Imagine que vergonha, nós, depois de termos assinado esse documento, retirarmos a nossa assinatura! Teria sido uma desmoralização total." Eu tenho aí uma cópia desse documento.

Era um homem assim, de caráter! Eu, do ponto de vista do pensamento, devo muito a meu pai, e do ponto de vista do sentimento, devo à minha mãe.

Minha mãe era dessas mulheres amorosas, cheia de carinho, cheia de doçura. Uma coisa admirável. Muitos anos depois saí pelo mundo... Mas ela morreu logo, quando eu tinha quatro anos de idade.

M.C. - Você tinha irmãos?

O.B. - Tinha uma irmã - os outros morreram - que ainda está viva. Depois da morte de minha mãe, eu cresci, saí pelo mundo procurando suas amigas. Chegava num lugar, perguntava: "A senhora conheceu d. Maroquinha, da Farmácia Popular, rua do Juazeiro?" Ela dizia: "Ah, eu conheci:" E eu perguntava: "Como era dona Maroquinha?" Ela respondia: "Era uma maravilha de mulher." Para as amigas ficou aquela recordação. Então, do ponto de vista do sentimento, devo muito a minha mãe. Está ali o retrato dela, ao lado do meu pai.

M.C. - Otávio, o que você estudou? Onde?

O.B. - Bem; eu estudei em Viçosa. Apreendi a ler com a professora Maria do Â. Era uma negra. [risos] Dava bolo a três por dois. Eu tinha muito medo dela! Ela, porém, nunca me bateu. Apreendi rapidamente a ler. E é interessante que Graciliano Ramos, que hoje é uma glória nacional, também aprendeu a ler com Maria do Â. Ele num dos livros, ataca a Maria do Â; e eu, num artigo, no *Diário de Notícias*, no Suplemento Literário, a defendi. Ela ensinou a ler a dois escritores: [risos] um é uma celebridade; o outro é negado por todos os lados. É uma questão de classe! Mas, de qualquer forma, ela nos ensinou a ler, além de outros e outros. É uma mulher pobre, negra, professora primária, perdida no interior de Alagoas, vivendo só, naquela pobreza, e acabou na miséria Maria do Â.

M.C. - E o ginásio?

O.B. - Bem; depois fui para outros colégios. Sobretudo o colégio do Professor Tibúrcio Nemésio. Este homem tinha idéias progressistas. Era da pequena burguesia urbana, progressista, lá de Viçosa. Ele também contribuiu para o meu desenvolvimento. Depois, fui para Maceió, e aí quiseram converter num santo o caboclo rebelde de Viçosa. Era um colégio de Irmãos Maristas, mas eu não queria aprender o catecismo. Meu pai não me ensinou o catecismo, meu pai nunca me mandou à igreja. Ele só acreditava em Deus e na madrinha dele - esta coisa de adotar uma santa, que era madrinha da Igreja de Santa Rita, lá na região dos Canais e das Alagoas. Ele falava: "Só acredito em Deus e na minha madrinha Santa Rita." Nunca me mandou à igreja. E os Irmãos Maristas queriam me ensinar o catecismo. Eu não queria, então, fui castigado. Parece que era às quatro horas da tarde a hora de ir brincar em Maceió. Quatro horas da tarde, eu era castigado. Ia para um salão, ficava olhando a parede [risos] durante duas horas. Parece que foram trinta e tantas horas de castigo para eu me tornar católico! Eu, de fato, não era católico e não conhecia o catecismo. No fim, eu, desesperado, sem ter para quem apelar, penso: "Se eu recusar, volto a Viçosa, e lá não tem nada, não tenho futuro. Que fazer?" No final aceitei e me tornei católico.

M.C. - E quando é que você rompeu com o catolicismo?

O.B. - Fui católico dois anos e meio. Em 1912, rompi totalmente e nunca mais voltei ao catolicismo. Fui o primeiro a romper na família. Então foi um escândalo, uma coisa tremenda. Meu tio, Alfredo, que pagava meus estudos, ficou desesperado e dizia: "Quando eu morrer, vou pagar este crime de ter contribuído para educá-los, e você saiu assim contra a Igreja!" Havia um tio padre, irmão da minha mãe. Foi também uma luta tremenda contra ele. Havia o bispo de Alagoas, que também era Brandão. Tudo era Brandão e tudo católico. E essa gente toda caiu em cima de mim. Uma coisa

terrível! Foi uma luta desesperada, que durou de 1912 a 1919. Em 1919 tudo se complicou, porque havia nossa luta no seio da família, mas também havia a luta social, em Maceió, ajudando os operários a conquistar o dia de oito horas, conquistar aumento de salários, liberdades sindicais. Aí fui metido na cadeia de Maceió, e a única solução era fugir de Alagoas. A família se opunha, mas havia já um bandido para me matar. Então, foi em 1912 a ruptura. Claro que eu não podia ter a base teórica que tenho hoje: falta de livros, falta de amigos. Fiquei sozinho naquela luta, anos e anos. E a família toda dizendo: " Volta, volta ao catolicismo."

M.C. - Você participou de algum grupo anticlerical?

O.B. - Não.

M.C. - Existia algum em Maceió?

O.B. - Não; não havia ninguém. Eu falava com uns, com outros, ninguém queria. Eu sozinho, absolutamente só, anos e anos. Tal o atraso! Não havia livros, não havia ambiente, não havia nada. Fui estudando literatura em geral, como, por exemplo, hindus, que consegui, os gregos sobretudo, os alemães, os russos etc. E, estudando filosofia, li o livro de Büchner, *Força e matéria*, li Darwin, li Haeckel, biólogos. O que encontrei, eu fui lendo e devorando com aquela ansiedade. Para poder resistir àquela pressão toda do ambiente. Li Nietzsche. E isto me salvou. Eu digo: " Não; não volto nunca mais, nunca mais."

M.C. - Isso foi na época em que você estava na faculdade?

O.B. - Sim; eu estava no Recife, em 1912, estudando farmácia. Estudei três anos e completei o curso no Recife. Mas, paralelamente, estudei os naturalistas, ciências naturais, teoria e prática. Saía pelos arredores de Recife estudando botânica, mineralogia, geologia. E estudando literatura universal. Aí conheci os hindus; conheci o *Rig-Veda*, que é o mais bonito dos quatro Vedas. Li o *Rig-Veda*; li *Sa Kuntale*,<sup>1</sup> de Kalidaga; li o que encontrei. Até hoje eu guardo esse exemplar do *Sa Kuntale*. Eu admirei muito os hindus. E fui procurando os materialistas, aqui, ali e acolá.

M.C. - E como você entrou em contato com as idéias anarquistas?

O.B. - Isso já foi depois, em Maceió. Em Maceió, houve um tipógrafo, Antônio Bernardo Canelas. Ele era tipógrafo, jornalista, tudo. Ele editou o jornal *A Semana Social*, em Maceió. Ele não estudava. Acreditava demais na própria intuição, mas era muito inteligente. Tinha antenas; pegava as coisas no ar. Canelas editou esse jornal. Esse jornal teve muita importância, porque, quando o governo declarou guerra à Alemanha, *A Semana Social* botou lá a manchete: "Abaixo a guerra imperialista." Somente Maceió, Rio e São Paulo é que protestaram contra a guerra. A esmagadora maioria dos intelectuais: Rui Barbosa, Coelho Neto, toda essa gente apoiando os Aliados contra os alemães. E nós contra os Aliados e contra os alemães, de modo que foi um coisa impressionante. E Canelas tinha amizade com Astrojildo Pereira, aqui no Rio de Janeiro. Astrojildo morava em Niterói, a correspondência vinha para o Rio de

---

<sup>1</sup> *Sa Kuntale* (o anel perdido) é uma peça do poeta indiano Kalidaga (Sec. V).

Janeiro. Então, Astrojildo começou a dar indicações. Aí eu li Bakunin, *Deus e o Estado*; li Kropotkin, *A conquista do pão*; li Sebastião Faure; li Malatesta. O que encontrei, fui lendo. E li Nietzsche, que contribuiu muito, porque, como ele mesmo diz, no prefácio lá de um dos seus livros: "Retirai deste livro amargo, razões para tudo." [riso] É como a Bíblia, a gente tira dali o que bem quer. E então, Nietzsche serviu para eu resistir àquele ambiente clerical, àquela pressão da família, àquilo tudo. Ele representou um papel positivo. E as outras idéias dele, em filosofia e em sociologia, eu repudiei. Admirei sobretudo as poesias, como aquele "Canto da Noite", que ele escreveu em Roma. Quanto às idéias, muitas das idéias dele, que depois contribuíram para o nazismo, eu rechacei já em 1916, 1917, quando ele diz: "O Estado é o mais frio dos monstros..." Porque Nietzsche tem muitas coisas anarquistas e tem coisas que serviram para Hitler. A primeira parte foi a que eu adotei. O livro dele *O anticristo*, que é uma crítica ao cristianismo, também li. E foi o que eu encontrei em Maceió. Sobre a Rússia, o único livro que encontrei foi um livro do século passado... Stepniaquim descrevendo os Narodnaiavolia, os terroristas do século passado. Foi o único livro que encontrei, não encontrei mais nada de lá. Ou então artigos de jornal, mas artigos caluniosos. Todos esses jornais caluniando a revolução na Rússia.

M.C. - A *Semana Social* foi fundada quando?

O.B. - Mais ou menos em 1916 ou 1917, por aí assim.

M.C. - E você começou a escrever para o jornal em que época?

O.B. - Escrevi artigos contra, por exemplo, aquelas coisas do Olavo Bilac, o militarismo, a defesa nacional, aquilo tudo. Escrevi um artigo de que ainda me lembro. Fui à redação, sentei-me num canto qualquer e fui ditando, Canelas escreveu e publicou. E um outro... Eu li *A mãe*, de Máximo Gorki, que exerceu uma influência muito grande em mim, porque eu vi a mãe proletária, a mãe operária, que, levada pelo carinho e pelo amor do filho, foi-se transformando até se tornar uma revolucionária. *A mãe*, de Máximo Gorki, exerceu grande influência na minha vida. E escrevi [risos] influenciado pelo livro de Gorki, um apelo à revolta. Foi um escândalo! Saiu em *A Semana*. Foi um escândalo, uma coisa terrível, chamando o povo todo à revolta contra os comendadores, os latifundiários, a burguesia.

M.C. - O jornal tinha uma tiragem grande?

O.B. - Não; grande não podia ser, porque era boicotado. Somente grupos de operários, em Maceió, e pequeno-burgueses urbanos progressistas é que liam *A Semana Social*.

M.C. - Ele era boicotado de que forma?

O.B. - Bem; dinheiro não tinha. Canelas deixava de comer para juntar dinheiro para poder comprar papel, e havia sempre dificuldades.

M.C. - Ele era o único editor do jornal?

O.B. - É; ele era o tipógrafo, o jornalista, o doutor, o escritor, tudo, tudo. Ele não tinha cama. Havia, assim, um lugar debaixo... Não tinha linotipo, era tipógrafo.

Debaixo daquelas caixas dos tipos, um cantinho, era ali que ele dormia.

M.C. - E os operários em geral liam esse jornal?

O.B. - Liam; os operários de Maceió liam esse jornal. Grupos de operários. Acabou tudo na cadeia de Maceió. Uns 14!

M.C. - Por quê?

O.B. - Imagine! A Igreja Católica zangada, porque eu fiz conferências, mostrando a origem da terra alagoana através de milhões de anos, e perguntavam: "E Deus?" Eu respondia: "Deus não tem nada a fazer nesse terreno. É a geologia. Deus não entra nesse terreno." Então a Igreja muito zangada, pois queria que eu fosse um esteio da Igreja Católica como os outros Brandões. Por exemplo, se a gente chegava num lugar e perguntava: "Quem construiu aquela igreja?" A resposta era sempre: "Foi um tal Brandão." Mais adiante, a gente perguntava: "E essa outra?" "Foi um tal Brandão." E quando não construiu, pelo menos reconstruiu. O irmão da minha avó, o vigário Francisco de Borja Barros Loureiro, reconstruiu a igreja de Viçosa, que até hoje está lá.

M.C. - Quer dizer que a sua família é uma família tradicional em Alagoas?

O.B. - E clerical, com aquele fanatismo danado, muito duro, muito duro. E essa coisa de virgindade de Maria! Eu dizia: "Não me aborçam com bobagens." E eles reagiam: "Como bobagem? Isso é uma coisa sagrada, e não sei o quê." Eu dizia: "Ela foi mãe e ficou grávida, não podia ser mais virgem." Eles respondiam: "Mas que escândalo!" E os tios ficavam ofendidos, não queriam discutir. Eles diziam: "Mas que desaforo, que ofensa." Eu explicava: "Não estou ofendendo o senhor, não estou dizendo nada." "Um menino que vi nascer outro dia quer me dar lição." "Eu não quero dar nenhuma lição, mas estudei religião, e o senhor não estudou." "Que desaforo, que ofensa." Não havia meio de discutir. Nesse ambiente era muita coação, sempre. Os parentes todos, um bando de beatos. Precisava ter paciência, se não eu os mandaria: "Vão para o inferno, que se danem!" Mas eu não dizia.

M.C. - Mas como é que os operários foram presos? O senhor estava contando...

O.B. - Bem; isso já foi depois. Em 1917, esse protesto contra a guerra repercutiu muito. Maceió teve essa glória - Maceió, Rio de Janeiro e São Paulo. Ninguém mais protestou. Um avacalhamento geral. A massa dos intelectuais era toda de aliadófilos, como Rui Barbosa. Todos diziam "Esta é a última guerra! Esta é a guerra da justiça! É a guerra do direito contra a força! Eu sou pela força do direito, contra o direito da força!" E diziam "Muito bem! Viva Rui Barbosa!" Essa palhaçada toda. E nós, contrários.

Isso abalou aquilo tudo. O jornal foi fechado. Canelas teve que ir embora para o Recife, não pode mais ficar. E, pela primeira vez, penetrei na vida ilegal. Passei 15 dias no interior. Veio a multidão - imagine -, a multidão envenenada: empregados do comércio, estudantes, cerca de cinco mil pessoas. Fizeram um comício na praça dos Marítimos e, depois, saíram para a redação de *A Semana Social*. Lá, bateram à porta, que estava fechada, pois o Canelas estava dormindo. Uma vizinha veio e acordou o Canelas. Ele acordou com aquele barulho: "Lincha Canelas! Mata Canelas! Espião boche!" (Chamavam os alemães de boches.) Então, a vizinha passou pelos fundos...

Sabe como são essas casas no interior: não têm quintal, e passa-se de uma casa para a outra. Essa senhora levou Canelas para a sala de jantar e botou a rede por cima dele. Ele ficou ali encolhido, ouvindo esse barulho de cinco mil pessoas gritando: "Espião boche! Acaba com isso! Mata! Lincha o bandido!" E, naquele meio, um sujeito, não sei quem, gritou: "Quem escreveu o artigo contra a guerra não foi Canelas, foi Otávio Brandão! Vamos quebrar as costelas dele!" [riso] Minhas costelas não são de ferro! Eu já previa isso e estava no interior, lá em Viçosa. Então, no final, os amigos que estavam na multidão, disseram: "Não; não foi Otávio Brandão que escreveu o artigo contra a guerra."

Passou; mas o jornal morreu. Minha família aí embrulhou tudo, e todos começaram a dizer: "Antes era por causa do catolicismo; agora já se mete no meio desses desordeiros e é acusado de espião boche." Eu digo: "Eu não; não tenho nada de espião boche. Essa guerra é um crime, nós somos contra os alemães e contra os Aliados."

Depois, no final, houve a insurreição de 1918, dos operários aqui, e Oiticica foi deportado para Maceió. Eu fui visitá-lo no engenho Mundaú, da família dele. Então, conversamos um pouco. Sei que aproveitaram umas conferências de um espírita e lançaram um manifesto. A Polícia saiu atrás do autor do manifesto, e o encontrou. Meteram-no na cadeia. Fui visitá-lo e, por crime de solidariedade, fui preso. Creio que 13 ou 14 pessoas, inclusive operários, foram presas, acabaram na cadeia de Maceió.

M.C. - O manifesto era sobre o quê?

O.B. - Não me lembro mais. O manifesto foi provocado por esse Viana de Carvalho, que era espírita e andava fazendo propaganda do espiritismo. Então, parece que Oiticica escreveu este manifesto. Não tinha grande importância, mas a questão era que antes nós tínhamos levantado esses problemas todos, e a Polícia aproveitou para acabar com o movimento. Invadiu os sindicatos, deu pancada a torto e a direito...

M.C. - Que sindicatos?

O.B. - Ah! Nós criamos um sindicato de operários. Era o Sindicato de Ofícios Vários. Quer dizer, da Igreja Católica, zangada por causa da nossa explicação materialista da origem da terra alagoana, perguntavam: "E Deus?" Eu dizia: "Deus não entra, não tem nada a fazer na geologia." A burguesia zangada, por que os operários trabalhavam 12, 14, 16 horas na fábrica de tecidos de Fernão Velho, em Rio Largo, por um salário miserável, e nós lutávamos pelo dia de oito horas. E fomos conquistando aqui, ali e acolá, o dia de oito horas, aumento de salários e liberdades sindicais. Bom: a burguesia zangada; a Igreja Católica zangada; os agentes do imperialismo, que vendiam gasolina e essa coisas todas, zangados, porque provei que Alagoas tinha petróleo, e eles diziam sempre: "O Brasil não tem petróleo! O Brasil não tem petróleo!" E eu provei que Alagoas tinha petróleo. Isto em 12 de outubro de 1917. Os latifundiários zangados, porque nós penetramos no interior pregando divisão das terras. "A terra aos trabalhadores de enxada." Então se juntaram todos: a Igreja Católica, os agentes do imperialismo, a burguesia, os latifundiários. E o ódio. Então, publicavam: "Maximalismo em Maceió." Aquelas manchetes e aquilo tudo.

M.C. - Quer dizer que você também atuou politicamente na cidade?

O.B. - Isso em 1917; e fui ao interior, aos engenhos dos meus parentes, procurar lá os trabalhadores de enxada e dizer: "A terra pertence a vocês! Divisão das terras! A terra ao trabalhador de enxada!" A família se reuniu e disse: "Ainda mais essa! O homem é um inimigo de Deus, um inimigo de Cristo, e agora é inimigo dos próprios parentes, quer a desgraça dos parentes!" Houve um conselho da família proibindo que eu visitasse, lá, os latifúndios.

R.L. - Otávio, só havia anarquista em Maceió?

O.B. - Houve o Canelas, que era anarquista; houve o... Rosalvo Guedes; que foi meu amigo, uma criatura excelente, ele foi preso. Houve um que tinha um nome estrangeiro mas era brasileiro.

M.C. - Mas todos morando em Maceió?

O.B. - Todos vivendo em Maceió.

M.C. - E fora de Maceió?

O.B. - Fora de Maceió, houve o meu amigo Alcides Pimenteira, um alfaiate. Um dia a Polícia foi lá prendê-lo e o encontrou: "Onde é que está Alcides Pimenteira?" Mostraram o morro do cemitério e disseram: "Está ali; vão buscá-lo." Estava morto.

M.C. - E ele morava onde?

O.B. - Morava em Viçosa, na rua Elói Brandão.

M.C. - Em Viçosa, tinha alguma fábrica?

O.B. - Não; não tinha fábrica, mas havia o descaroçador de algodão, havia os padeiros, havia assim um movimento. Em 1946, criaram uma célula e deram o meu nome a essa célula. Célula do Partido Comunista. Mas isso em 46.

M.C. - E, em Maceió, era grande a classe operária?

O.B. - Não era grande; havia muito artesão, operário de construção civil, alfaiate artesão, alfaiate a domicílio. Juntando esta gente toda, dava alguma coisa. Fizemos um comício com quinhentas pessoas na sede do Sindicato de Ofícios Vários. Aquela massa ali, e nós falando.

M.C. - Existia outro sindicato?

O.B. - Existia um outro na rua 16 de Setembro: Sindicato de Ofícios Vários. O que houve foi que nós fomos procurar e mexer essa gente toda; mas nós não tínhamos, assim, uma base teórica. Depois eu lhe dou o meu livro, *Caminho*, que descreve esse movimento em Maceió, de 1916, 1917, 1918, até março de 1919. Acabou tudo logo, na cadeia de Maceió.

M.C. - Quer dizer que nem todos esses artesãos eram sindicalizados?

O.B. - Não; não eram sindicalizados. Nós ainda fazíamos um trabalho de propaganda, de congregar essa gente toda. Sindicato de Ofícios Vários, isto é, de qualquer um. Qualquer um, de qualquer que fosse o ofício aderiu ao sindicato. A gente jogava a rede, dizia: "Nós somos pescadores. Nós lançamos a rede de arrasto e puxamos. O que vem está certo." Não podíamos, por exemplo, fazer um Sindicato dos tecelões. Havia fábrica de tecidos em Jaraguá, mas aquilo era como fortalezas, muito difícil de penetrar; havia a fábrica de tecidos de Fernão Velho, em Rio Largo, mas era também muito difícil penetrar.

M.C. - Porque era difícil, Otávio?

O.B. - Porque eu morava em Maceió, e era preciso ir morar naqueles lugares. E a vigilância era tão grande! Havia os capangas, bandidos pagos pelas fábricas para vigiar, espiões e tudo isso. O atraso era tão grande que a pessoa se arriscava muito. Eu me arrisquei indo lá nos engenhos e fazendas, fazendo propaganda no meio dos trabalhadores. Havia capangas por todos os lados.

M.C. - E, em Maceió, como é que vocês faziam a propaganda?

O.B. - Bem; nós, lá nos sindicatos, fazíamos conferências, fazíamos comícios. A Polícia foi deixando, até certa hora.

M.C. - Vocês tinham algum jornal além de *A Semana Social*?

O.B. - Não; só *A Semana Social* e, depois, manifestos. Imagine: havia uma roubalheira para aumentar o preço do açúcar. Nós conseguimos descobrir isso e denunciemos os nomes daqueles capitalistas. Reuniu-se a Associação Comercial de Alagoas para rebater a acusação. Nós lançamos um manifesto e grudamos nos postes em 1918. Foi um escândalo, uma coisa pavorosa. E o título era este: "Povo, à revolta!" E terminava dizendo que o Brasil só endireitaria no dia em que - hoje não faria assim - o último burguês fosse enforcado com as tripas do último político. [riso] Cada coisa dessas era um escândalo. Uma cidade pacata, pequeno-burguesa, cheia de funcionários públicos, aquela vida vegetativa, aquilo tudo, e aparece um grupo assim!

Primeiro, fundamos a Sociedade dos Irreverentes, o nome já... Mas entrou lá um espírita e veio pregar espiritismo. Então, dissolvemos a sociedade. Dizíamos: "Não; já tem espírita de mais aí. Não precisa mais."

M.C. - Isso foi quando, a Sociedade dos Irreverentes?

O.B. - Mais ou menos em 1917. Então, dissolvemos a Sociedade dos Irreverentes. Mas, em 1918, fundamos uma coisa mais séria, que se chamou Congregação Libertadora da Terra e do Homem, pregando a divisão de terra, aumento de salários, a valorização da cultura brasileira, uma série de problemas. A questão agrária, li, discuti. E fomos penetrando nas fazendas e engenhos, pregando "terra aos trabalhadores de enxada", a divisão das terras. Um escândalo pavoroso.

M.C. - Você fundou a Congregação com quem?

O.B. - Fui um dos fundadores.

M.C. - E quem mais?

O.B. - Na maioria, eram pequeno-burgueses; os operários aderiram depois. Pequeno-burgueses; jornalistas; o poeta Faustino de Oliveira, uma criatura excelente, ainda está vivo; o Rosalvo Guedes, que era um pequeno empregado; Umbelino Silva, também um pequeno empregado.

M.C. - Canelas não participou disso?

O.B. - Não; já tinha sido expulso. A Polícia obrigou-o: "Ou você vai embora, ou será preso e expulso." Então, ele foi para Pernambuco, e lá editou um jornal dos operários. Depois, foi para Paris. Esteve aqui e acolá. Esteve em Moscou, num congresso. E, de volta, ele disse: "Na hora de votar o projeto de Lenin, eu votei contra. Fui o único voto contra." Eu lhe disse: "Foi uma asneira que tu fizeste; tinha que votar a favor." [riso] Ele achava que ele era uma glória, mas eu disse: "Foi uma asneira; tinha que votar a favor." [risos] Ele guardou o anarquismo até a morte. O Canelas tinha qualidades. Era corajoso, valente, não se avacalhou. Mesmo no meio desses perigos, de tudo isso, era corajoso. Mas acreditava na intuição e não estudava nada. Mesmo em Paris, não estudou nada. Então, morreu anarquista. No final, acabou brigando, descompondo. Foi para o jornal *A Pátria*, na seção operária, descompondo. Mas isso já foi uma história de 1923, 24.

M.C. - Voltando, então, para a época sobre a qual a gente estava conversando. Na Congregação Libertadora da Terra e do Homem, vocês tinham o apoio de algum setor da classe operária?

O.B. - Tínhamos operários.

M.C. - Que participavam?

O.B. - Sim; era, em geral, um movimento... Os russos chamam de *stirrina*<sup>2</sup> um movimento espontâneo dos operários. Um atraso muito grande. A macumba de lá se chama xangô. Eram trabalhadores que não iam às reuniões para ir ao xangô. A cabeça deles, cheia de xangô e iemanjá. Era uma luta muito grande. Para você ter uma idéia do ambiente, eram fetichistas, quer dizer, xangô e toda esta coisa, espíritas, protestantes e aquela massa de católicos, oficialmente católicos, mas na realidade eram católicos fetichistas.

Eu trabalhava numa farmácia, e vinham aqueles doentes. Apareceu lá um doente com uma úlcera muito grande na perna. Eu lhe disse: "Vamos tratar desta úlcera, tomar injeções e lavar isso. Eu lavo." Lavei muita úlcera, muita ferida. Ele disse: "Quanto o senhor cobra?" Eu respondi: "Nada." Ele perguntou: "Mas por que? Em nome de que o senhor quer fazer isso?" Eu lhe disse: "É amor ao Brasil e à humanidade." Ele continuou: "Mas nem um tostão?" Eu respondi: "Nem um tostão." Ele falou: "Vou pensar." Dias depois, ele voltou e disse: "Não aceito. Sou espírita. Cometi muitos crimes numa encarnação anterior, e agora esta úlcera é uma provação. Quando eu me reencarnar, então, não terei mais úlcera e não terei mais esses sofrimentos todos. É uma

---

<sup>2</sup> Em russo, no original, significa movimento espontâneo.

provação. Deus quis assim, Jesus Cristo quis assim, e isto ainda é uma bênção." Eu aí dei uma tunda danada em Alan Kardec e na religião, mas ele ficou irreduzível. Eu lhe disse: "Você vai morrer, dá gangrena, e você morre." Tempos depois pedi notícias dele, e ele tinha falecido. Era um ambiente assim.

M.C. - Quer dizer que a massa do operariado era toda...

O.B. - É; operários, assim, empestados de fetichismo, de espiritismo, de catolicismo misturado com fetichismo. Era uma luta muito grande e muito difícil.

M.C. - Mas que tipo de organização era a Congregação? Era um sindicato ou era uma sociedade?

O.B. - Não era um sindicato; era uma associação, assim, para lutar pela reforma agrária, no melhoramento das condições de vida e trabalho dos operários, por uma cultura nacional, para aproveitar o folclore alagoano, que foi e é muito rico. Tudo isto. Mas isso foi 1918, veio 1919, e a Polícia esmagou tudo.

M.C. - E quais foram os resultados práticos da ação desenvolvida pela Congregação?

O.B. - Bem; melhor dizer sobre todo esse processo... como *A Semana Social* e tudo isso. O resultado prático foi o seguinte: em certas fábricas, conquistamos o dia de oito horas e aumento dos salários. Trabalhavam 12, 14, 16 horas! Conseguimos aumento dos salários e liberdades sindicais e essas idéias todas foram sendo espalhadas entre aqueles intelectuais.

Imagina, houve uma exposição, com cento e tantos quadros. Eu fui à exposição. Fui ver. Não havia um quadro inspirado por Alagoas. Nada. Nem a paisagem alagoana, nem os homens alagoanos. Havia cópias de coisas japonesas, cópias de paisagens da Europa, de Alagoas nada, nada. Uma escola de pintura, cento e tantos quadros, e não havia um único de Alagoas. Então, fizemos um apelo para que se inspirassem na natureza brasileira, no trabalhador alagoano, descrevendo a vida alagoana. E aí foram surgindo. O Moreira e Silva passou a pintar homens e mulheres do povo: um vencido, uma mulher fazendo renda e paisagens alagoanas. O outro, o Lima, este também dedicou toda a vida às paisagens alagoanas. Paisagens lindas! Coisas maravilhosas. Toda a vida, imagina! Em 1960, quando voltei a Alagoas, reencontrei-o. Ele me prometeu um quadro, mas não deu. Dedicou toda a sua vida às paisagens, quer dizer, um resultado concreto da nossa propaganda.

M.C. - E as reivindicações, como, por exemplo, aumento salarial, diminuição da jornada de trabalho, foram conseguidas através de greves?

O.B. - Não; foram dessas agitações. Os patrões com medo! E os jornais escreviam: "Maximalismo em Maceió! Cuidado! Perigo!" Era assim. Os patrões ficaram com medo.

M.C. - Quer dizer que eles concederam isso...

O.B. - Era a primeira vez, a primeira vaga de movimentos em geral. E eles diziam que iam parar a fábrica. Os patrões ficaram com medo. Eram patrões muito reacionários, muito atrasados, burrinhos, burrinhos. E, então, foram cedendo aqui, ali,

acolá. E os resultados só não foram maiores, porque, em 1919, como eu lhe disse, os 13 melhores militantes acabaram na cadeia de Maceió e os outros, espalhados aqui e ali, perderam os empregos.

M.C. - Quais eram as principais pessoas que trabalhavam na Congregação Libertadora da Terra e do Homem?

O.B. - Seu criado, Rosalvo Guedes, Alcindo de Oliveira, Umbelino Silva.

M.C. - Os mesmos que fundaram o Sindicato de Ofícios Vários?

O.B. - É; os mesmos.

M.C. - E, no campo, vocês conseguiram organizar um pouco os trabalhadores?

O.B. - Não, não; era muito difícil, muito difícil. No livro *Caminho*, eu escrevo que chego num lugar e vem logo a religião: "Mas Deus fez o mundo assim, desde o começo do mundo. O trabalhador ali, no cabo da enxada; e os donos das terra. É o Senhor. Foi Deus quem fez assim. E o senhor quer acabar com isso?" Outros faziam outras alegações. E, no final, os mais inteligentes disseram: "Bem; suponhamos: nós dividimos a terra, retalhamos a terra, acabamos com isso. Vem o soldado imediatamente de Maceió. O senhor garante que o soldado não virá para retomar a terra, restituir a terra ao dono?" Eu não podia garantir. Eles falavam: "E como é que o senhor propõe uma coisa que não pode garantir?" Então, eu vi que aquela propaganda não daria nada, que teríamos que rolar muitos anos, teríamos que estudar a questão agrária a fundo, criar organizações próprias para poder fazer alguma coisa no campo.

M.C. - Vocês não tiveram tempo de criar essas organizações próprias?

O.B. - Não; nós queríamos criar. Aliás, a Congregação Libertadora da Terra e do Homem já era com esse espírito. Nós pregávamos a revolução... A revolução não, a reforma agrária, o imposto sobre herança - que seria dedicado à compra de terras, que seriam entregues aos trabalhadores.

M.C. - E quando a Congregação foi fechada?

O.B. - Nós é que a fechamos por que não podíamos mais nos mover. Na cadeia de Maceió, todo o tempo, um sujeito do lado de fora das grades ficava me olhando. Quando saí, perguntei: "Quem é esse sujeito?" Disseram: "É o Horato Maurício; é um pistoleiro político. Tem promessa de ser oficial da Polícia Militar de Alagoas, caso liquide você." E os amigos diziam: "Não saia de noite. O Horato Maurício está aí de tocaia, esperando para matá-lo." E, no final, em março, fui preso.

M.C. - Março de que ano?

O.B. - De 1919. Fui preso na cadeia de Maceió.

M.C. - Você foi preso por quê?

O.B. - Porque fui visitar o Rosalvo Guedes. Solidariedade moral. O Rosalvo Guedes foi preso porque descobriram que foi ele quem mandou imprimir o manifesto. O tipógrafo denunciou. Mais um manifesto. Então, os amigos me diziam: "Não saia de noite, que o Horato Maurício liquida você." E o secretário do Interior disse à minha família, ao meu tio, Manuel: "Não me responsabilizo pela vida de Otávio Brandão." Ele manda matar e, depois, a família estava avisada... Minha família ficou aterrorizada. Eu não podia mais me mexer, vivia vigiado pela família, que se opunha que eu partisse. No final, eu organizei a fuga. Corri para Jaraguá, comprei uma passagem com o nome mudado e saltei no Rio de Janeiro. A família disse: "Volta." Eu levei 41 anos sem poder voltar. Escrevi aos amigos: "Eu agüento a cadeia de Maceió e agüento uma surra. [riso] Posso voltar?" Os amigos diziam: "Não volte. A questão não é de cadeia, nem de surra, é que liquidam você. Você prejudicou os agentes do imperialismo, com a luta pelo petróleo; prejudicou a Igreja Católica, explicando a origem da terra alagoana durante milhões e milhões de anos sem Deus; prejudicou os burgueses, lutando pelo dia de oito horas; e prejudicou os seus parentes latifundiários, pregando a divisão das terras, a terra ao trabalhador de enxada. Não volte, não volte." E rolaram 41 anos sem que eu pudesse voltar.

M.C. - Havia alguma ação organizada por parte dessas forças contra o movimento de vocês?

O.B. - Sobretudo com a guerra, já houve uma mobilização, porque os Aliados tinham agentes pagos por toda a parte. Foram eles que organizaram esse comício, que depois desfilou para liquidar o Canelas. Havia o governo; havia a Igreja Católica, que botava aqueles artigos: "Maximalismo em Maceió." Pavor, havia um ambiente de pavor. E eu era considerado o chefe, o dirigente.

M.C. - Havia sindicatos da burguesia em Maceió?

O.B. - Não, não.

M.C. - Eles não eram organizados?

O.B. - Havia a Associação Comercial, que era um centro de reação e de tudo mais. Eram burgueses muito reacionários e burros, ignorantes até. Muito ignorantes. Tinham medo. Tinham medo de tudo: medo de Deus, medo do Diabo, do inferno, medo de tudo. Morriam e deixavam lá no testamento: tantos contos de réis para dizer tantas missas, para construir uma igreja, para isso e para aquilo.

M.C. - E quando é que vocês fecharam a Congregação Libertadora?

O.B. - Ela morreu em 1919.

M.C. - E o Sindicato de Ofícios Vários também morreu?

O.B. - Bem; a Polícia invadiu, bateu, deu surras de sabre, imagina você! Batendo, assim, nos operários e fechou aquilo tudo.

M.C. - Também em 1919?

O.B. - Sim; em 1919.

M.C. - E essa invasão foi provocada por algum movimento?

O.B. - Não; nenhum movimento. Então, o ambiente era assim, de pavor, no meio daquela pequena burguesia e da grande burguesia.

M.C. - Existiam em Maceió organizações operárias ligadas à Igreja Católica?

O.B. - Não; a Igreja só pensou nos operários muito depois. [riso] Antes, ela combatia a reforma agrária e dizia: "Nada disso. A terra pertence a Deus; ninguém pode tocar na terra" E uma das razões da condenação da Igreja também foi essa. Eu queria a reforma agrária, e a Igreja era contra. E a Igreja não pensava nos operários. Os operários, largados, abandonados. Depois, a Igreja, muito esperta, muito politqueira, começou a criar esses sindicatos operários [riso] e, ultimamente, é a maior propagandista da reforma agrária. Eu digo: "Quem te viu, quem te vê!" [risos]

M.C. - Quais eram os setores mais ativos entre o operariado?

O.B. - Havia alfaiates artesãos, que não eram bem operários, eram alfaiates artesãos; havia a construção civil; havia um ou outro tecelão; havia empregados no comércio, que eram muito ativos; havia gráficos, mas estes não se diziam operários: "Eu sou artista." [riso] Eu achava uma graça enorme e perguntava a eles: "Por que você não é operário?" Eles me respondiam: "Não; operário é uma categoria inferior. Eu sou artista." [riso]

M.C. - Isso entre os gráficos?

O.B. - Sim; diziam: "Eu sou artista." Não eram operários. Para você ver a mentalidade! E a lutar contra essas muralhas todas, um pequeno grupo corajoso, bravo. Eu dou os nomes deles no livro *O caminho*. Precisava muita coragem, desprendimento, porque, por exemplo, Rosalvo Guedes passou anos e anos desempregado, passando necessidades.

M.C. - Não conseguia emprego.

O.B. - É; depois, era o pavor. Encontrei-o, em 1960, magro, envelhecido, doente, um filho louco. Uma tragédia.

M.C. - Mas você me contou que os comerciários participaram daquele movimento provocado pelo seu artigo na *A Semana Social*, ao lado dos estudantes, movimento contra o Canelas, não é? Agora, você me falou que eles eram um setor bastante ativo, mas...

O.B. - Empregados no comércio, mas era uma minoria. Ao passo que ali, contra nós, era uma multidão, mobilizada pelos agentes dos Aliados. Era uma multidão...

M.C. - Quer dizer que desses setores todos...

O.B. - O mais ativo era aquele pequeno grupo de empregados no comércio; o Umbelino Silva, Faustino de Oliveira, e este outro que eu disse o nome, que foi preso e eu fui visitá-lo na cadeia... o Rosalvo Guedes, que também era empregado no comércio. Todos esses eram os mais ativos. O trabalho de Canelas rendeu, espalhou-se, mas o jornal foi fechado, Canelas foi embora. A penetração no meio dos operários ficou mais difícil, porque não tínhamos mais um jornal, só um manifesto de tempos em tempos. Ao passo que com *A Semana Social*, aquilo ia penetrando nos operários em Maceió.

M.C. - Quer dizer que o Sindicato de Ofícios Vários era pequeno, não é? Era um sindicato pequeno.

O.B. - Sim; mas num comício que fizemos na sede do outro sindicato, apareceram tantos trabalhadores, que no final eu falei da janela do sindicato. E o trabalhador ficou ali. Esse sindicato ficava na praça da cadeia. Eu olhei assim, vi a cadeia e disse: "Mau negócio. [riso] Nós escolhemos uma sede, que daqui não teremos que caminhar muito para ir parar na cadeia."

M.C. - E sindicatos amarelos existiam em Maceió?

O.B. - Não; não havia. Bom, parece que havia no cais do porto. Uma vez Oiticica fez uma conferência lá.

[FINAL DA FITA 1-A]

M.C. - Otávio, me conte mais um pouco sobre esse sindicato do porto. Você se lembra de alguma coisa? Eles eram muito ativos ou não?

O.B. - Não; eles queriam aumentos de salários, ameaçavam, tinham o apoio da Polícia - lá em Maceió, como no Rio -, tinham o apoio do governo e tudo isso, mas não eram um sindicato de luta de classe, eram beneficentes.

M.C. - O governo apoiava o sindicato?

O.B. - Sim; funcionavam livremente, aqui no Rio de Janeiro, por todo o Brasil, esses sindicatos amarelos.

M.C. - Quer dizer que eles eram muito pouco reprimidos, não é?

O.B. - Não eram reprimidos. Aqui, o escândalo era tão grande, que o Luís Oliveira, presidente do Sindicato dos Estivadores do Rio de Janeiro, candidatou-se a vereador, e o chefe de polícia, que era uma peste reacionária, o marechal Fontoura, mandou que os policiais e os agentes secretos votassem em massa em Luís Oliveira.

M.C. - Isso em que época?

O.B. - Isso foi mais ou menos em 1926, por aí assim. E nós conseguimos provar isso e publicamos no jornal do Mário Rodrigues toda a denúncia. O Luís Oliveira,

que se dizia vereador operário, eleito pelos operários, foi eleito pelos agentes da Polícia, por ordem do marechal Fontoura, um dos piores chefes de Polícia que reprimiram os movimentos no tempo de Bernardes.

Depois, havia um outro no Sindicato dos Estivadores do Rio – Sotelo Vital. Um dia, houve qualquer coisa, e os policiais foram prendê-lo. Disse ele: "Eu não posso ser preso." "Como não pode? Todo mundo é preso! Por que você não é preso?" Ele meteu a mão e puxou... Era agente da Polícia secreta. Você me compreendeu? É; o Sotelo era braço direito do Luis Oliveira. Era um ambiente nessas condições. Por todo o Brasil, por todo este Brasil, nos portos, nos transportes, era um ambiente horrível...

Aqui está Laura,<sup>3</sup> era bela em tudo: no caráter, na inteligência, na cultura. Um caráter de aço. Inteligente, culta, devotamento. Não consegui nada; 23 anos nesta luta para repatriá-la e não consegui nada.

M.C. - Otávio, eu queria voltar um pouco ao anarquismo e fazer algumas perguntas sobre...

O.B. - Então, esses eram anarquistas, ou de tendências anarquistas.

M.C. - Quem?

O.B. - Esses que eu citei, os nomes em Maceió.

M.C. - Eu queria fazer uma pergunta. Existe alguma diferença, ou existia naquela época, entre um anarquista e um anarco-sindicalista?

O.B. - Bem; a diferença é que o anarquista podia ficar em sua casa, entre quatro paredes, como Fábio Luz, no Rio de Janeiro, que era um escritor. De tempos em tempos, ia lá fazer uma conferência e mais nada. Ao passo que o anarco-sindicalista, não: ficava no sindicato, ocupava postos no sindicato, onde era secretário, ou presidente, vice-presidente, qualquer coisa... E ficava ali todo dia, todo dia, ajudando os operários. Era esta a diferença: diferença muito importante.

M.C. - Quer dizer, uma diferença de prática?

O.B. - Sim.

R.L. - E não havia nenhuma diferença de objetivos teóricos?

O.B. - Bem; não era clara. No terreno da filosofia, não era clara. Isto porque um se entregava à luta prática, revolucionária, ou pelo menos progressista, lá no sindicato, à rotina; e o outro ficava entre quatro paredes, como Fábio Luz, no meio dos seus livros. Uma pessoa honesta, sincera, mas de tempos em tempos fazia uma conferência. E a conferência tinha muito de humanitarismo e dessas coisas, mas não era luta de classes. E eles não sabiam nada, não queriam saber nada de nada sobre Marx. Diziam que Marx era um reformista. Imagine! Eu fiquei assombrado quando li os primeiros livros de

---

<sup>3</sup> O entrevistado refere-se à sua primeira mulher, Laura, e ao movimento liderado por ele pela repatriação do seu corpo. Laura foi expulsa do Brasil, junto com Otávio Brandão, em 1931, morrendo no exílio, na União Soviética.

Marx: "Mas o homem é ateu, o homem é materialista." Diziam que Marx era um social-democrata, era reformista, pela conciliação das classes. Uma calúnia miserável contra Marx!

M.C. - E, quando é que você leu, pela primeira vez, Marx, foi em que época?

O.B. - Na segunda metade de 1922.

M.C. - Ah! Já foi mais tarde, não é?

O.B. - É; em Maceió, era compreensível; mas aqui no Rio de Janeiro... Saí de porta em porta, fui ao Museu Nacional procurar os cientistas, fui à Garnier procurar a fina flor da literatura e queria saber três coisas: quem era Lenin, o que houve na Rússia em 1917 e o que era marxismo. Não encontrei, entre os cientistas e os literatos, um que me explicasse. Ficavam com medo: "Não; eu não quero saber. Isso complica, ouviu? Isso acarreta perseguições. Eu não quero saber nada disso." Nem um encontrei. E, às vezes, eram grandes eruditos, como, por exemplo: Rocha Pompo, que era uma erudição colossal sobre História do Brasil, e não sabia nada de nada. O filho de Alencar não sabia nada de nada; os cientistas do Museu Nacional não sabiam nada de nada. E esses jornais burgueses, todos, um por um, a publicar calúnias e infâmias contra a União Soviética, contra a revolução na Rússia. Os tais telegramas de Riga.<sup>4</sup> Não encontrei um que me explicasse. Só mesmo na segunda metade de 1922 é que Astrojildo me emprestou livros de Marx, Engels e de Lênin em traduções francesas.

R.L. - Otávio, você falou antes que havia essa diferença entre anarquistas e anarco-sindicalistas. Então, quais eram os principais anarquistas e os principais anarco-sindicalistas?

O.B. - Bem; o principal anarquista era Oiticica. José Oiticica era o chefe do anarquismo. Havia o Fábio Luz; havia, em São Paulo, o diretor de *A Plebe*, Edgard Leuenroth; havia todos nós.

R.L. - Esses não trabalhavam nos sindicatos?

O.B. - Bem; Edgard Leuenroth tinha o jornal *A Plebe*, fazia algo de concreto; Oiticica ia às vezes a alguma reunião nos sindicatos etc.; mas os anarco-sindicalistas, que em grande parte eram estrangeiros, portugueses, espanhóis, italianos, esses ficavam ali na tarimba, ajudando os operários e dirigindo greves aqui, ali e acolá. Essas greves gerais foram dirigidas pelos anarco-sindicalistas.

R.L. - Qual era o objetivo deles?

O.B. - O objetivo era conquistar o dia de oito horas, os aumentos dos salários... Agora, quando se perguntava: "E depois?" "Depois, greve geral!" "Muito bem. E depois da greve geral?" Aí não sabiam o que fazer.

---

<sup>4</sup> Provavelmente referem-se aos acontecimentos relacionados ao levante bolchevique em Riga, Letônia, de janeiro a maio de 1919.

R.L. - Eles não tinham claro qual seria a etapa posterior.

O.B. - Quais são as etapas da revolução, não sabiam. As forças motrizes da revolução, os aliados do proletariado, não sabiam. Era uma espécie de ditadura sindical, muito confusa, sem nenhum esclarecimento. Não sabiam. Depois da greve geral, não sabiam o que fazer.

M.C. - E qual era a estratégia de luta?

O.B. - Não tinham.

M.C. - E tática de luta?

O.B. - Ah! A tática era esta: fazer greves gerais. E, no dia seguinte, não sabiam o que fazer, porque eram contra a política. Confundiam política com politicalha. Eram contra a política e contra a máquina do Estado. Organizar uma nova máquina revolucionária do Estado sobre as ruínas da máquina do Estado burguês... Diziam: "Não, não; nada de Estado." Todos esses teóricos: Bakunin, Kropotkin, nada de política e nada de máquina do Estado. Kropotkin, por exemplo; dizia: "Os homens são homens, e não se pode dar uma parcela de autoridade ao indivíduo sem corromper." Pronto! Então, não há solução. E, na Espanha, onde houve condições extraordinárias, aquelas greves gerais [riso], no dia seguinte, eles não sabiam o que fazer. Então, a burguesia retomava o poder e esmagava o movimento. Como aqui: greves gerais em todas as grandes cidades, em 1917 e 1920, um movimento importante e eles não sabiam o que fazer.

M.C. - Como é que você definiria a ação direta?

O.B. - A ação direta era a greve, a greve geral.

M.C. - Era a greve?

O.B. - A greve geral, sem nenhum intermediário e sem nenhum político.

R.L. - Seria uma greve espontânea?

O.B. - Não; podia ser organizada pelos anarco-sindicalistas. Eles tinham muita força. Imagine você que o sindicato dos tecelões se chamava União dos Operários em Fábricas de Tecidos... Quando passo pela rua Acre, olho, e está lá ainda o edifício. O sindicato era no primeiro andar. Eu olho, paro, assim, e um mundo de recordações me vem à cabeça. Eles aproveitaram a guerra e fizeram greves gerais. Sobretudo de tecelões, empregados das fábricas de tecidos. Eles criaram uma espécie de comitês de sindicato nas fábricas. O secretário do sindicato telefonava e dizia: "Chama aí o fulano." E vinha um membro do comitê atender o telefone do escritório do patrão. E ele dava as ordens: "Parar! Greve geral!" E a massa obedecia. Ali, na rua Acre, era uma coisa colossal: mulheres - havia muita mulher teceló -, aquelas mulheres, aqueles homens, tudo com aquela cara de mendigo, de fome lenta, a cara chupada. Eles enchiam a rua Acre, perto da praça Mauá. E tinham esses comitês de fábrica, importantes. O Epitácio pegou essa gente toda e deportou para Portugal. Os brasileiros, ele deportou lá para Mato Grosso, e os estrangeiros, para Portugal, Espanha, Itália.

M.C. - Você se lembra do nome de algum desses anarco-sindicalistas, aqui do Rio?

O.B. - Só pegando no meu livro *Agrarismo e industrialismo* [riso], que está escondido, para ver o nome deles. Eu não guardo as coisas...

R.L. - Astrojildo Pereira era anarco-sindicalista?

O.B. - Não; era anarquista. Esse era jornalista anarquista. Ele editava folhetos, jornais, e o jornalzinho *Crônica Subversiva*. Depois, ele trabalhou no jornal *Spartacus*: foi diretor do jornal *Spartacus*; depois, no jornal *A Voz do Povo*. Ele era jornalista; esse era ativo, mas jornalista.

M.C. - E o José Romero?

O.B. - José Romero era anarco-sindicalista. Foi deportado para a Espanha, parece que voltou. Nunca mais o vi.

M.C. - Carlos Dias, também?

O.B. - Carlos Dias foi anarco-sindicalista, mas depois traiu, capitulou de uma forma vergonhosa. Os patrões e o governo enviaram Carlos Dias, em 1926, a Genebra para o tal Bureau Internacional do Trabalho. Ele aceitou tudo isso. Obrigou-nos a uma luta tremenda. Houve cadeia, muitos operários foram presos, mas no final ele fracassou. Foi uma tentativa de Alberto Thomas,<sup>5</sup> diretor do Bureau Internacional do Trabalho, de Genebra, para arrastar o movimento operário brasileiro, em massa, para o Bureau Internacional do Trabalho. E, em nosso jornal *A Classe Operária*, em 1925, atacamos muito Alberto Thomas. O jornal foi fechado por isto, e, em 1926, nova tentativa com Carlos Dias. Ele se prestou a ser um palhaço da burguesia e do governo e ir a Genebra. É assim. Ele degenerou.

M.C. - A Federação Operária, aqui no Rio, era um organismo anarquista?

O.B. - Sim; a Federação Operária era anarquista.

M.C. - O Maximiano de Macedo, você chegou a conhecer?

O.B. - Não; houve um Maximiano, mas era gramático, não era operário, professor Maximiano, escreveu gramáticas. Não conheci. Conheci Edgard Leuenroth, conheci Canelas, conheci Astrojildo, conheci José Romero, conheci... Bom; há muitos nomes lá no meu livro...

R.L. - Otávio, nessa época havia alguns políticos que procuravam apoio junto a classe operária...

O.B. - Queriam intrometer-se no movimento operário, exatamente para desviar o movimento da luta de classe, em nome do reformismo. Por exemplo: Maurício de

---

<sup>5</sup> Diretor do Bureau Internacional do Trabalho entre 1920 e 1932.

Lacerda, Nicanor do Nascimento, muitos, muitos políticos pequeno-burgueses se meteram no meio dos operários. Maurício tinha muitos defeitos, mas teve um lado positivo: quando vinha a reação, ele protestava contra a Polícia. Protestou sempre a favor dos operários. Era advogado disso. Mas queria meter aquela ideologia toda... ele se julgava – essa coisa horrível do pequeno-burguês – superior aos outros.

R.L. - Qual era a ideologia dele?

O.B. - Ah! Confusão.

R.L. - Confusão?

O.B. - Sim; no final, foi ser representante de Prestes. Andou com essa palhaçada toda. No final, obrigou-me a desmascará-lo na Tribuna da Câmara. Foi uma luta terrível, difícilima. Eu, sozinho; ele, apoiado por toda a burguesia. Mas isso já foi em 29.

R.L. - Essa história você vai contar depois.

O.B. - Depois, esses homens... Havia a nossa luta, que era luta de classes mesmo. O anarquismo era luta de classes, era o proletariado contra a burguesia e o proletariado contra o governo, com toda a confusão da anarquia. Depois, veio a derrota, mas aí não era culpa nossa, porque em dedicação, em sacrifício, desemprego, nós sofremos tudo, sempre defendendo os operários. Os intelectuais iam distribuir manifestos nas portas das fábricas, e lá vinham as prisões. Fizemos tudo, [riso] mas o anarquismo não ajudou. De qualquer forma, objetivamente, era luta de classes.

M.C. - Como o anarquismo justifica a revolução? Por que a revolução era necessária?

O.B. - Contra a burguesia... Você se lembra do canto da Internacional: "De pé, vítimas da fome, de pé, famélicos da terra. Ruge a razão, ruge e consome, a crosta bruta terra." Objetivamente, era luta de classes. E há um pensamento de Lenin, que eu tenho em alguma parte, dizendo que, no meio daquela confusão dos anarquistas, havia algo de puro, algo de nobre, que iria se desenvolver. Eles queriam fazer greve, lutavam por aumento de salário, pelo dia de oito horas, por liberdades sindicais, contra o governo. Por exemplo, a greve da Leopoldina, as greves gerais em todo este Brasil eram dirigidas pelos anarco-sindicalistas, que não eram corruptos. Havia os amarelos, que recebiam dinheiro da Polícia. Eles, não. Imagine: passavam fome, miséria, desemprego, porque havia aquelas listas negras. Alguém, por exemplo, deixava o sindicato, não era mais presidente, nada, e ia procurar trabalho. Ora, havia a lista negra. Eu conheci um desses... Chamava-se Guilhermino Leite. Ele andou - era tecelão -, andou aqui, em Petrópolis, São Paulo, procurando trabalho como tecelão e não conseguiu. Ele estava na lista negra, porque participou da insurreição de Magé. Depois, foi ser motorista.

M.C. - Como é que foi essa insurreição de Magé?

O.B. - Foi em 1918.

M.C. - Em 1918, junto com o que houve aqui no Rio, não é?

O.B. - É; foi em 1918. Lá, os operários dominaram Magé. Eram tecelões. Dominaram Magé durante dois ou três dias e, no fim, não sabiam o que fazer. Aqui, o movimento já tinha fracassado, porque Oiticica levou um tenente do Exército, o Ajust, um judeu, que prometeu que faria coisas extraordinárias lá no Exército e era um traidor. Denunciou tudo à Polícia. Quando estavam reunidos os dirigentes – Oiticica, Astrojildo Pereira –, chegou a Polícia e prendeu todos. Lá se foi. Houve greves em Bangu. Foi um movimento importante. O proletariado foi para o Campo de São Cristóvão com bombas na mão, jogando bombas nos soldados.

M.C. - Otávio, como seria a sociedade depois da revolução? Quer dizer, a sociedade que os anarco-sindicalistas imaginavam.

O.B. - Bem; não queriam o Estado, quer dizer, não queriam o Exército. Armariam os sindicatos, armariam milícias operárias, e estes operários defenderiam a revolução contra as tropas... Haveria pequenas comunas agrícolas, aqui, ali e acolá, em lugar da centralização, como nós. Já Marx queria a centralização. Eles eram pelo federalismo e as pequenas comunas.

Depois, quando chegou 1921, passei por uma crise. Dois anos e meio de anarquismo, eu vi que terminava em derrota. Caminho, não vejo nenhum. Ir para onde? Não tem. O ano de 1921 foi um ano de crise. Por um lado, uma felicidade extraordinária com Laura, no casamento com Laura; mas do outro lado, uma crise política, moral e filosófica. Ir para onde? Não sei. Voltar ao anarquismo, não volto. O anarquismo está perdido. Foi o principal culpado dessas derrotas. Demos tudo. Sacrifício total, em tudo e por tudo. Centenas de militantes, e, no final, nada. E não víamos nenhuma saída. Por isso; porque o anarquismo não queria a política, não queria a máquina do Estado; queria essas pequenas comunas agrícolas, o federalismo sem concentração. Então, não tinha futuro nenhum. Bakunin não compreendeu isso; Kropotkin não o compreendeu também; mesmo homens de valor como eles dois não compreenderam nada de nada.

M.C. - E como é que funcionavam os sindicatos anarquistas? Como é que eles se organizavam?

O.B. - Bem; eles tinham esses comitês nas fábricas. E, com esses comitês, dirigiam todo o movimento. E aqueles que não tinham comitês, aquela tarimba, chegava quatro horas da tarde, no sindicato, vinha aquela massa. Os sindicatos ficavam perto da rua Larga, em lugares assim. A rua Larga tem um movimento colossal, até hoje. Então, o trabalhador saía da fábrica, da oficina, entrava no sindicato e ali recebia manifestos, recebia explicações, pagava mensalidade e aquilo tudo. Havia aquela disciplina.

M.C. - Quer dizer que, além dos sindicatos, muitas vezes, eram criados comitês nas fábricas?

O.B. - Onde os operários tiveram força, os comitês foram criados. Por exemplo, na Gávea, tiveram força. Era uma grande concentração operária. Havia duas fábricas enormes: uma na rua Jardim Botânico; a outra lá dentro, a fábrica Carioca. E havia uma terceira, a São Félix, na rua Marquês de São Vicente. Onde eles tiveram força recriaram os comitês de fábricas, sob influência da revolução na Rússia.

Imagine: no dia 1º de maio de 1919, pelo menos sessenta mil trabalhadores desfilarão pela avenida Rio Branco, dando vivas a Lenin, com um retrato

de Lenin no peito. E depois, em 1921, o vácuo. Por causa dos erros do anarquismo! A massa conquistou melhorias, já não tinha mais aquela combatividade, e o Eptácio a reprimir a torto e a direito. Quando chegou o rei Alberto, calculei mais de mil prisões. Eu não fui preso, porque fui embora para São Paulo. Caboclo é desconfiado, e fui embora para São Paulo. Depois, Eptácio deportou os brasileiros para Mato Grosso, para essas zonas por aí, e deportou cem ou 150 estrangeiros anarco-sindicalistas...

R.L. - E, em cima da constatação desta dificuldade do anarquismo, apareceram várias tentativas de se organizar partidos, nessa época, não é? Em 1920, 1919...

O.B. - É; partidos pequeno-burgueses, partidos socialistas, tudo isso.

R.L. - Como é que eram esses partidos?

O.B. - Pequeno-burgueses, jornalistas, advogados se reuniam, fundavam um partido e queriam a participação... Queriam ser deputados, senadores, ministros - carreirismo, oportunismo. Não tinham nenhuma coesão. Pouco depois, nós os combatíamos e esses partidos se desfizeram.

L.R. - Aquela Coligação Social você combateu também?

O.B. - Sim; era Everardo Dias; era Nicanor do Nascimento. Nicanor era desses políticos que se intrometem na classe operária. Não são traidores propriamente, mas iam deformando... Nós queríamos dar consciência à classe operária. Mesmo no tempo do anarquismo, tínhamos uma base teórica. Astrojildo tinha, eu tinha, Oiticica tinha. Conhecíamos todos os livros do anarquismo que chegavam até aqui; e eles não, era aquela confusão toda. Eles não tinham nenhuma ideologia. Era o reformismo mais ordinário.

R.L. - Nicanor tinha o mesmo projeto que Maurício de Lacerda.

O.B. - Maurício, então, era auto-suficiente. Julgava que ia ser um chefe do Brasil, que iria dominar o Brasil e era um confusionista de marca maior. Uma confusão tremenda.

R.L. - Mas, independente da confusão, eles tinham uma penetração muito grande entre os operários.

O.B. - A princípio, ah, você nem sabe! Em 1927, eu levei soco, levei empurrões, no Engenho de Dentro. Foi um coisa pavorosa. O irmão dele, o Paulo, que era uma maravilha, foi o único Lacerda que prestou.

R.L. - O Fernando não prestou?

O.B. - Ih; Fernando tem uma história suja, terrível!

M.C. - O Fernando Lacerda?

O.B. - É uma história suja, terrível.

O Paulo Lacerda era de uma pureza extraordinária. Nós fomos fazer comício no Engenho de Dentro. Diziam que eram três mil operários. Não sei se eram três mil, mas mais de mil eram.

M.C. - Isso em que época?

O.B. - Em 1927. [riso] E os trabalhadores não permitiram que a gente falasse. Chamaram o Paulo Lacerda de Caim. Gritavam: "Caim!" Era uma coisa horrível. E começaram a bater nele. Eu ainda levei uns tantos socos e empurrões, mas não podia bater num operário. Eu não podia bater nos operários. Então, tratei de escapar. E, de longe, eu vi que o Paulo estava apanhando, e gritei: "Paulo, Paulo, vem, vem para cá!" Mas ele estava bloqueado e não podia. Então, fiz como um carneiro, aquele golde de ariete, assim com a cabeça, compacto, fui lá, segurei o Paulo pelo braço, puxei-o e lhe disse: "Vamos, vamos embora!" Bem; porque antes, o Chester, um estudante do Ginásio Pedro II, foi lá atacar Maurício, e aquela massa ficou louca contra nós. (Tínhamos o jornal *A Nação*, que era diário naquele tempo. Quando eu passo ali em frente do Teatro Municipal, olho aqueles arranha-céus. Era ali a redação. Um velho edifício. Foi derrubado.) Então, o Chester fez isso, e os operários ficaram indignados. Era um delírio pelo Adolfo Berganini e Maurício de Lacerda.

M.C. - Agora, voltando para aquela época...

O.B. - Espera aí, deixa eu terminar. Bem; então, fomos lá para desmanchar aquele ambiente. Não nos deixaram falar. Bateram em nós. Paulo apanhou muito; Geraldo Nolares, que era um garçom, apanhou muito; e eu levei muito soco e não levei mais, porque escapei. Bem; fomos para a redação [riso] com a cara inchada de bofetada. O Paulo também. Nós olhamos - coisa interessante -, e dissemos: "E agora? Vamos lá amanhã?" [riso] A gente, mesmo se a pessoa não fosse corajosa, num ambiente semelhante, encorajava-se.

No dia seguinte, estávamos lá. Fomos recebidos por uma vaia tremenda. Eles gritavam: "Safados, apanharam ontem e vêm hoje para apanhar mais." Uma coisa assim. E aquela vaia: "Uh! Uh!" E eles decidiram que eu falasse, mas respondi: "É difícil abrir o comício nesta hora." [riso] "Vou apanhar mais!" Mas eles responderam: "Vai você virar a cabeça dos operários hostis!" Virar a cabeça? Era todo um grupo assim, corajoso, valente. Então eu disse: "Bom; se é decisão da maioria." Trepei no gradil do Engenho de Dentro, segurei o gradil com a mão, olhei a massa e me veio a idéia de que havia dois grupos: um grupo de operários, pretos muitos deles, manchados de carvão, manchados de óleo, ali perto de mim; e, lá no segundo plano, os funcionariinhos do Engenho de Dentro, de gravatinha de polícia. Eu falei para mim mesmo: "O problema é cindir o comício, cindir essa massa." [riso] Foi isso que me salvou. E eu comecei: "Não, camaradas, não vim aqui atacar o sr. Maurício de Lacerda; vim aqui expor o programa do Bloco Operário e Camponês." E comecei a explicar o programa. Naquele meio os almofadinhas do segundo plano, começaram a gritar: "Esse é também um caim! É um miserável, bandido, infame, inimigo de Maurício Lacerda!" Respondi: "Eu já disse que não sou inimigo." Daí a pouco, um daqueles negros dobrados, sujos de carvão e de óleo, disse: "Deixa o moço falar." Quando ouvi isto, eu pensei: "Estou salvo." Continuei o discurso à vontade, explicando o programa. Não falei em Maurício; disse apenas que não ia atacar o Maurício.

Depois, veio um outro orador. Falou. E depois foi o ponto culminante: Paulo

Lacerda ia falar. Quando eu anunciei - "Agora vai falar o camarada Paulo Lacerda!" - foi aquele grito. Parecia um bando de loucos, nunca vi uma gente assim. Gritavam: "Não pode! Não pode! É um bandido! É um infame. É um caim! Traiu!" Porque Paulo e Fernando lançaram um manifesto, condenando a linha oportunista de Maurício. Eles gritavam: "É um caim! caim!..." Foi uma coisa louca! E eu gritava: "Fala, Paulo!" Naquele meio, os negros dobrados do primeiro plano disseram: "Deixa o moço falar." E Paulo, então, fez o discurso. Foi o que nos salvou. Acabamos criando uma boa célula de sessenta comunistas no Engenho de Dentro. Acabou tudo sem disputa, perdendo emprego, surrados, uma história tremenda, mas isso já é de 1929, 30.

M.C. - Vamos voltar lá para 1917, 18, 19...

O.B. - Lá, os sindicatos, havia os amarelos, ligados à Polícia, ligados ao governo, produzindo sempre de portas abertas para o governo.

M.C. - Isso aqui no Rio também?

O.B. - Por toda a parte, por todo o Brasil.

M.C. - Agora, aqui no Rio, quais eram os setores mais ativos?

O.B. - Eram o dos Estivadores, com Luis Oliveira; o Trapiche de Café, com Heitor Batista; o Carvão Mineral... No Marinheiros e Remadores, houve uma tentativa, mas não puderam, nós os derrotamos. Havia o Carrinhos de Mão...

M.C. - Os carregadores?

O.B. - É; os carregadores de carrinho de mão; o Sindicato dos Automóveis.

M.C. - Esses eram todos sindicatos amarelos.

O.B. - Sim; amarelos, dirigidos por amarelos, e, às vezes, o sujeito era ligado diretamente à Polícia. Como Sotelo, que disse: "Eu não posso ser preso."

M.C. - E os ferroviários?

O.B. - Bem; os ferroviários estavam lá, naquele engano d'alma, além de cegos, perdidos. Em 1925, com o nosso jornal *A Classe Operária*, que penetrava, aí conquistamos muitos ferroviários.

M.C. - Nesse período de 17, 18, 19, eles eram...

O.B. - Não sei, não sei bem, porque não convivi. Não estava no Rio nesse tempo.

M.C. - A Federação Operária, aqui no Rio, você ainda encontrou, não é?

O.B. - É; era anarco-sindicalista. Lutou muito, mais acabou liquidada.

M.C. - E ela congregava que tipo de sindicatos basicamente?

O.B. - Congregava grande número de sindicatos: União dos Operários da Construção Civil; o Sindicato dos Sapateiros; O Centro Cosmopolita, que era dos garçons, cozinheiros etc.; a União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Grandes sindicatos: tecelões, construção civil. Grandes sindicatos.

M.C. - Pedreiras, não é?

O.B. - Isso era da construção civil. Grandes sindicatos! Ainda me lembro, foi o meu primeiro...

M.C. - Os sapateiros.

O.B. - Os sapateiros, pois é. Centro Cosmopolita. Muitos sindicatos.

M.C. - E o que diferenciava um sindicato anarquista de um não-anarquista?

O.B. - É que o anarquista, objetivamente, era pela luta de classes; e os outros, não. Os não-anarquistas eram aquele engano d'alma...

M.C. - E quanto ao funcionamento interno, à forma de se organizar o sindicato?

O.B. - Bem; sempre estavam lá os militantes anarquistas. Faziam conferências, chamavam oradores para fazer conferências, explicando as coisas aos operários. E, objetivamente, é esta a grande questão: luta de classe, objetivamente.

M.C. - E aqui no Rio existiram ligas de bairro? Em São Paulo os anarquistas fundaram algumas.

O.B. - Bom; ligas de bairro, eu não sei. Não me lembro. Havia sempre os sindicatos. Por exemplo, havia uma sucursal, na Gávea, da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, mas era sucursal, no Clube Chuveiro de Ouro. Uma vez, eu fui bater lá na Gávea.

M.C. - Clube Chuveiro de Ouro?

O.B. - É; era um clube, Chuveiro de Ouro. Havia ali a sucursal do sindicato. E em Vila Isabel, também...

R.L. - Além da ação sindical, que mais os anarquistas faziam em termos de ação política?

O.B. - Bom; folhetos, jornais. Jornal *Spartacus*, 1919; *A Voz do Povo*, 1920. Era diário, *A Voz do Povo*. Morreu porque não tinha dinheiro... Bom, a linha era falsa, e não tinha dinheiro. Uma coisa estava ligada a outra. Era assim: conferências, grupos de propaganda que saíam para o interior. Sempre um anarquista era convidado para fazer conferências em Juiz de Fora, em Petrópolis, aqui, ali e acolá. E tinha organizações nesses lugares, sobretudo os tecelões.

M.C. - Quer dizer que o anarquismo penetrou bastante entre os têxteis.

O.B. - Bastante entre os tecelões, na construção civil, nesses sapateiros artesãos, que fabricavam sapato Luís XV e trabalhavam em casa. Entre esses alfaiates, também artesãos. Essa coisa não ficou clara na época: a diferença entre artesão a domicílio, trabalhando a domicílio, para a fábrica ou para o patrão, e o operário que trabalhava na fábrica, no meio das máquinas. Eram artesãos, e daí o anarquismo. O anarquismo correspondia pelas condições de vida, ao individualismo, ao artesanato, àquela mentalidade pequeno-burguesa, àqueles planos irrealis: nada de Estado, nada de política.

M.C. - Otávio, existiam fábricas de sapato no Rio?

O.B. - É.

M.C. - Aí existiam operários que trabalhavam nas fábricas...

O.B. - Os anarquistas, em geral, não tinham ligações com essas fábricas. Tinham era com os fabricantes de Luís XV.

M.C. - Ah, com sapateiros...

O.B. - Os sapateiros artesãos, com o alfaiate artesão. Era assim. E daí o individualismo deles. Quando chegava a hora: "Disciplina! Nenhuma disciplina!" E brigavam. "Disciplina... Estado... Você é um politiqueiro. Quer ser senador. Não fez carreira no anarquismo e quer ser deputado, senador e ministro."

M.C. - Agora, lembrando da sua época de anarquista...

O.B. - Dois anos e meio.

M.C. - Por que você fala que o anarquismo era marcado por uma idéia individualista?

O.B. - Porque eles fizeram greves, a maioria dessas greves espontâneas. Bem; veio a guerra de 1914, a carestia, miséria, salários baixos; então, os operários foram à greve de qualquer forma, em São Paulo e em todas as grandes cidades. Mas o anarquismo, exatamente, corresponde ao pequeno-burguês exasperado e desesperado. Não é a teoria do proletário, que age sempre coletivamente, porque individualmente o operário não vale nada, não representa nada. O anarquista, por exemplo, faz greve, como esses sapateiros e esses alfaiates que eram artesãos e trabalhavam em casa. É assim. E o anarquismo corresponde exatamente a essas condições de vida; daí, o individualismo. Da mesma forma que o marxismo corresponde à classe operária, a grandes concentrações, grandes empresas, que lutam com massas; já o anarquismo pode lutar individualmente, como Fábio Luz, como Oiticica, todos nós.

M.C. - Quer dizer...

O.B. - Daí o individualismo... Não é da classe operária; o anarquismo representa a pequena burguesia: camadas exasperadas pela miséria, pela exploração, pela opressão e camadas desesperadas. São pequeno-burgueses exasperados e desesperados. Por isto só

fiquei dois anos e meio e passei 1921 procurando, procurando, sem encontrar. Só em 1923 é que encontrei o meu caminho.

R.L. - Bom; além dos anarquistas, existiam outros grupos socialistas dentro da classe operária.

O.B. - Reformistas, não na classe operária, mas entre os advogados, os jornalistas, como Agripino Nazaré, Nicanor do Nascimento, Maurício de Lacerda.

R.L. - Não havia sindicatos operários socialistas?

O.B. - Não; que eu me lembre, não. Havia esses grupos que queriam fundar partidos socialistas. Eram grupos e fracassaram um por um. Nós os combatemos no tempo do anarquismo e os combatemos no tempo do Partido Comunista. E foi uma felicidade. Você vê agora, por exemplo, em Portugal: esse Mário Soares está fazendo uma obra horrível, infame. É incrível o que ele está fazendo! O Partido Comunista não soube lutar. O Cunhal cometeu erros grosseiros. Se eu estivesse com ele, iríamos brigar. Quase sempre se ofendem. A gente começa a análise crítica, e se ofendem. Podia ser exceção... Esse Mário Soares com o Partido Socialista é que pescou em águas turvas e chamou a si... está fazendo toda a obra da burguesia. De modo que foi um trabalho positivo impedir os partidos socialistas reformistas. Acabariam na social-democracia, preparando o caminho para todos esses militares.

M.C. - E os positivistas? Eles tinham alguma penetração no meio da classe operária aqui no Rio?

O.B. - No meio dos militares. Sobre os positivistas, eu lhe conto um fato. Em 1925, o nosso jornal *A Classe Operária* foi fechado. Eu tinha um amigo, Abelardo Nogueira, alagoano, que sempre ia visitar o Teixeira Mendes. Bem; eu fiz um pacote com a coleção completa, que Abelardo levou ao Teixeira Mendes e lhe disse: "Seu Mendes, aqui está um jornal dos operários." Diz ele: "Não quero." Abelardo falou: "Mas seu Mendes, é um jornal que apareceu assim, assim..." Ele repetiu, sem abrir o pacote: "É pura metafísica." Diz o Abelardo: "Não, não seu Mendes, não tem nada de metafísica; são questões concretas: a vida dos operários, a vida dos camponeses, a revolução na Rússia." Mas ele disse: "Não; não leio; é pura metafísica." E nem abriu o pacote. Para ver a estreiteza, a burrice, a estupidez desses homens. Homens que estudaram muito. Vários deles eram o que se chama de eruditos, não tinham nenhuma cultura geral. Veja a estreiteza deles! Eu conheci vários positivistas, e não chegamos a nenhum acordo. E minha Laura os conheceu ainda mais de perto, os positivistas. Com a sua estreiteza, eles não poderiam penetrar no seio da classe operária. Eram elementos militares, burgueses, que sustentavam aquilo.

Há o Centro Positivista na rua Benjamin Constant. O Paulo Filho, diretor do *Correio da Manhã*, publicou lá um artigo, dizendo que eu fiz propaganda de Proudhon, aqui, nos meios operários. Eu escrevi uma carta a ele, dizendo: "Jamais fui partidário de Proudhon – era de Bakunin – e nunca fiz propaganda dele, em nenhum lugar do mundo." O Centro Positivista tinha um boletim que logo transcreveu: "Otávio Brandão fez propaganda de Proudhon." Então, o Paulo Filho publicou a retificação no *Correio da Manhã*, e eu disse: "Nunca!" A minha tendência era outra; era Bakunin e Kropotkin, e não Proudhon.

R.L. - Otávio, você conheceu Antônio Picarollo?

O.B. - Só de nome. Era um revolucionário. Tem um retrato dele no livro do americano...<sup>6</sup>

R.L. Ele não era anarquista, não é?

O.B. - Se ele não era anarquista, pelo menos vivia no meio dos anarquistas. Parece que foi anticlerical.

R.L. - Anticlerical?

O.B. - Da revista *Lanterna*... Parece que era *A Lanterna*.

R.L. - Existia uma liderança operária, anterior a este período, que não era anarquista e também não era comunista. Por exemplo: Mariano Garcia não era de tendências anarquistas.

O.B. - Não o conheci. Eu vim para o Rio em 1919. Antes, estava em Maceió e estive no Recife...

M.C. - E Maceió era muito isolada do resto do país, não é? As notícias não chegavam muito...

O.B. - E, quando chegavam, chegavam atrasadas. Imagina: da insurreição de 1918, no Rio de Janeiro, só chegou a notícia 12 dias depois em Maceió. Então, logo escrevi um poema, glorificando a insurreição no Rio, e consegui publicar no jornal de Canelas no Recife. Saiu lá.

M.C. - E os operários municipais aqui do Rio?

O.B. - Confusão! Era assim: o reformismo, o mutualismo, a beneficência, a benemerência. Essa coisa toda, que o Rui Barbosa queria. Salvar o proletariado com a benemerência. Uma vida tranqüila, sem complicações. Nada de complicações. Como o Hermes Fontes, procurei meio mundo para conhecer essa gente toda e não me arrependo. O Hermes Fontes disse que não queria complicação com ele, não queria brigar com os governos, tinha um empreguinho no *Correio da Manhã*, e acabou se suicidando.

M.C. - E, Otávio, qual era a posição da imprensa em geral, aqui no Rio, em relação à questão social?

O.B. - Reacionária!! Mas uma coisa horrível! Publicando telegramas de Riga. Você pega o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*; era horrível:

---

<sup>6</sup> O entrevistado refere-se ao livro de John Foster Dulles, *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira - 1977.

calúnia, infâmia. "Uma pessoa tomando uma sopa em Moscou, ou Leningrado." - não sei onde - "e nisso encontrou um dedo. Era um dedo de criança." Coisas assim.

M.C. - Mas isso, em relação à Revolução Russa, não é?

O.B. - Contra o movimento operário. Por exemplo: meu amigo Rodolfo Mota Lima, irmão do Pedro, um homem de valor como jornalista, um homem progressista, mas era uma fera contra os revolucionários, trabalhadores e operários. Dizia: "Isso é um desaforo. Esses operários fazendo comício! Estrangeiros fazendo comício na rua! Não têm direito nenhum, Deporta!" E o *Correio da Manhã* ajudou. Toda essa imprensa ajudou Epitácio a deportar.

R.L. - Por que ele era progressista, então?

O.B. - Bom; porque depois de muita discussão com Pedro Mota Lima, comigo - ele, certas vezes, zangava-se comigo - ele, então, começou a mudar lentamente e acabou prestista. Isso já foi depois. Uma vez ele viu um folheto meu, de janeiro de 1920, intitulado: "Despertar: verbo de combate e de energia." Tinha lá: "O Rui Barbosa é um peru de papo inchado, a rebolar-se na esterqueira política." Ele pegou aquilo e disse: "Quem é você para escrever isso contra Rui Barbosa?" Eu disse: "Eu sou um revolucionário, e o Rui Barbosa é um laçao da burguesia." [riso] Eram assim as coisas, a discussão ia naquele meio. Nós nos chocávamos violentamente. Ele escondeu-me, em 1924, quando Bernardes queria me deportar para a Clevelândia. Ele escondeu-me na sua casa em Paulo Matos, e lá comecei a escrever meu livro *Agrarismo e Industrialismo*. E depois ficou progressista. No anos 30, 40, ficou progressista, defendendo idéias democráticas.

Esses jornalistas eram um bando de pestes, reacionários. Depois o seguinte: Jackson de Figueiredo, cansado de ser pobre, diante do cadáver de Farias Brito, disse: "Este homem morre na hora que ia salvar a minha situação." Minha Laura era muito conhecida de Jackson, e o Jackson, apesar das divergências, tinha muita admiração por Laura. Bem; sempre pobreza, pobreza, pobreza, e um dia converteu-se à Igreja Católica. Logo arranhou empregos, aqui, ali e acolá. Nomeou meio mundo para a Polícia, para ser agente de Polícia. O Tasso da Silveira foi ser funcionário da Polícia - e amicíssimo do chefe da quarta delegacia, Oliveira Sobrinho. Então, toda essa gente foi tratando de converter-se à Igreja Católica, porque tinha carreira garantida. Um por um, um por um: Jackson converteu-se oficialmente; Tasso da Silveira converteu-se; Andrade Murici converteu-se; Hamilton Nogueira converteu-se; Tristão de Ataíde. E todos eles fizeram carreira, imagina você!...

R.L. - No Centro D. Vital, não é?

O.B. - É; aquele monsenhor... Leonel Franca e o Centro D. Vital. Então havia gente se convertendo e logo fazendo uma carreira brilhante, como o Jackson...

M.C. - Dirigiu a revista *A Ordem*, não é?

O.B. - É. Essa gente toda vendo tudo isso, depois de uma vida de pobreza, vendo que, da noite para o dia, todos se arranjaram... Jackson começou a colaborar no *Jornal do Comércio*, pagavam muito bem naquele tempo, e bons empregos, aqui, ali e

acolá... Então, isso exerceu uma influência terrível. Fui procurar intelectuais aqui e ali. Ninguém queria, ninguém queria. Depois, no tempo de Prestes, eles aderiam: daí a pouco, eram deputados, ou eram vereadores. No nosso tempo, não: daí a pouco, era desemprego, era xadrez, era soco. Então, ninguém queria aderir. Fui procurar meio mundo: O Belisário era um médico, aderiu ao integralismo. Em 1924 fui procurá-lo, encontrei com ele, uma discussão tremenda, não consegui nada. Fui procurar meio mundo, tanto no tempo do anarquismo, como, depois, com o Partido Comunista. Ninguém queria, ninguém queria. Às vezes, criaturas boas, como Carlos Sússekind de Mendonça, o irmão Edgar Sússekind de Mendonça, mas ninguém queria nada, nada, nada. Aquele medo, pavor, pavor da Clevelândia, das prisões. O Marechal Fontoura era uma fera: mandava surrar a torto e a direito. Era um homem de Bernardes.

M.C. - Otávio, a Câmara dos Independentes, aqui no Rio de Janeiro, às vezes, votava algumas leis trabalhistas já desde 1917. Como é que você explica isso? Você acha que era para conseguir eleitorado, ou não era?

O.B. - Eu não me lembro disso. Sei que no meu tempo eram uns 22 ou 24 e eram umas feras. Havia Seabra, Maurício de Lacerda, uns três, assim, liberais, pelo menos no papel; o resto eram reacionários, mas reacionários burros. Algumas dessas leis, às vezes, era cavação eleitoral para conquistar os votos dos operários, sobretudo esses operários de estabelecimentos do Estado, como lá no Engenho de Dentro como em Deodoro. Alguma cavação desses politiquinhos. Não me lembro de nenhuma dessas leis, e não se falava... Se elas existiram, só procurando nos arquivos, só os historiadores revolvendo os arquivos...

R.L. - Maurício de Lacerda, na Câmara dos Deputados, acho que em 1919, ele tinha um projeto de legislação trabalhista...

[FINAL DA FITA 1-B]

R.L. - Otávio, fala, então, um pouco para a gente sobre essa briga no Conselho Municipal em 1929.

O.B. - Maurício de Lacerda, a princípio, era nosso aliado contra a reação. Ele se dizia representante de Prestes, e Prestes não o desautorizou. Um dia, eu não estou presente - fui a uma reunião do partido em Niterói -, ele aproveita minha ausência e chama o povo do Rio de Janeiro a apoiar a candidatura de Getúlio Vargas, em 1929. Ele sabia que Prestes não apoiava a candidatura de Vargas. Então, quando volto da reunião, perguntei da tribuna da Câmara: "Luís Carlos Prestes autorizou o senhor a convidar o povo a votar na candidatura de Getúlio Vargas? Sim ou não?" Ele disse: "Não aceito imposições." Eu digo: "Não estou impondo nada, estou apenas perguntando ao senhor se Prestes o autorizou a isso." E eu sabia que não. Ele não quis responder. Ele disse que era "Um desaforo fazer pergunta, não recebo." Isto está nos Anais, mas os anais não refletem todo o ambiente. E no final disse: "Eu não aceito imposições de ninguém." E se retirou. E toda a Câmara em peso... (Havia umas tampas assim, na bancada, cada um tinha... fechando a tampa... para guardar livros, qualquer coisa.) Toda a Câmara em peso,

começando pelos partidários de Washington Luís, batendo assim para me impedir de falar. Eu digo: "Senhor presidente, quero continuar o discurso..."

R.L. - Seabra é o presidente, não?

O.B. - Não, era o Mageor. Ah! Seabra era da Aliança Liberal de Getúlio Vargas.

Assim, batendo, batendo, batendo, e "senhor presidente...", mas não consegui. Quer dizer, quando eu fui desmascarar Maurício, que era o homem de reserva da burguesia, aí todos se congregaram num bloco só para salvar Maurício e impedir que eu o desmascarasse. E O Globo, que até então não era hostil, tornou-se uma fera contra mim, contra o Minervino e contra o Bloco Operário e Camponês.

R.L. - E Minervino também participou dessa...?

O.B. - É. De modo que não pude desmascarar Maurício. Maurício ficou inimigo nosso e acabou-se - nunca mais. Porque ele fez uma chantagem. Ele não era representante de Prestes. E sabia que Prestes condenava as duas candidaturas; de Júlio Prestes e de Getúlio. Era assim.

R.L. - E vocês tinham algum contato com Prestes, nessa época? Como intendente.

O.B. - Bem, tentamos. Tentamos várias vezes. Enviamos Astrojildo à Bolívia para falar com ele. Quando foi a Coluna, houve contato lá de membros do partido com a Coluna, e aquele de Pernambuco, um tenente ou capitão... Esqueci o nome dele... É fácil ver o nome dele.

R.L. - Silo Meireles?

O.B. - Não. Desencadeou uma luta armada e acabou assassinado no interior. Bateu em retirada e acabou sendo assassinado no interior. Cleto Campelo!

R.L. - Cleto Campelo!

O.B. - Cleto Campelo conseguiu o apoio de vários comunistas. (Vários comunistas participaram dessa luta, que era para desencadear a insurreição no Recife - foi em Jaboatão - e marchar para se ligar à Coluna Prestes.) Mas foi derrotado logo. Bem, tentamos várias vezes, não conseguimos ligação. Mas quando Prestes atravessou a fronteira, foi para Puerto Suárez na Bolívia, aí mandamos Astrojildo com um livro de Lenin para Prestes ler. Aí que Prestes começou... Já era mais ou menos 1929, aí ele foi ler, em Puerto Suárez na Bolívia. Depois, mandamos novamente para propor uma aliança. O Leôncio conta isso, porque Leôncio foi delegado do partido. Leôncio Basbaum conta isso no livro dele. Ele aceitaria o programa de luta; mas os outros de nenhuma forma: Juarez Távora era contra, todos, todos, todos...

R.L. - Siqueira Campos?

O.B. - Siqueira Campos também. Siqueira Campos pensava numa revolução, quer dizer, um golpe armado para derrubar o governo e tomar o poder. Todos eles, começando por Prestes, eram simples revoltosos e não revolucionários.

R.L. - Mas havia diferenças entre eles.

O.B. - Bom, Prestes era mais da esquerda; Siqueira Campos um pouco no... talvez no centro, não sei bem; e os outros, da direita, extrema-direita; Miguel Costa vacilando, às vezes para esquerda. Mas isso já é depois de 1930.

R.L. - Depois de 30. E como é que foi a preparação da candidatura de vocês, pelo Bloco Operário e Camponês?

O.B. - Bem. Um dia se reúne a direção do partido. Havia Joaquim Barbosa, que depois desertou. E eu disse: "Já uma ou duas vezes tentamos eleger alguém, não conseguimos porque não temos eleitorado próprio, precisa eleitorado próprio." Então Joaquim Barbosa, imediatamente, falou contra, porque ele foi uma vez candidato e foi derrotado. Eu compreendi o oportunismo dele, depois ele desertou. Eu digo: "Bem, se o partido me encarrega, eu vou fazer esse trabalho, com uma característica: o partido não assume nenhuma responsabilidade a respeito da escolha dos candidatos." Aí, Joaquim Barbosa aceitou imediatamente. Eu compreendi o oportunismo dele. É assim. Sem compreender que eu iria levar um ano, um ano e meio, dois anos, a preparar eleitores, eleitores fiéis e que, na hora, o partido iria naturalmente escolher o que estava acostumado. Aqueles eleitores estavam acostumados com a minha propaganda cada dia. Bem, o partido decidiu sem nenhum compromisso relativamente à escolha dos candidatos, e eu fui fazer o trabalho.

O edifício ainda está lá: é na rua da Constituição, esquina da praça da República. Lá num cantinho nós instalamos o Bloco Operário e Camponês. Antes foi na rua do Lavradio, mas ninguém apareceu. Todo dia fazíamos propaganda pela esquina, não conseguíamos nada, nada; mas quando nos mudamos para a praça da República, esquina da rua da Constituição, aí começou a aparecer gente. Aquela massa das fábricas que ia pela rua Larga, por aquela zona toda, dava meia-volta e entrava na sede do Bloco. E eu, toda tarde, fazendo propaganda, dando manifesto, explicações e tudo, e procurando alistar. Aí, eu não sabia como alistar, mas Azevedo Lima, que tinha sido eleito pelo Bloco Operário em 1927, facilitou: tinha lá um cabo eleitoral para toda essa...

R.L. - Por que ele foi escolhido, o Azevedo Lima?

O.B. - Não; nós fizemos um apelo a meio mundo em 1927. Aí era só Bloco Operário, em 27. O jornal *A Nação* fez um apelo a meio mundo, e Azevedo Lima foi o único que aceitou aderir ao Bloco Operário.

R.L. - Mas ele não tinha nenhum passado combativo junto com os operários?

O.B. - Ele tinha, ao lado dos prestistas, da Coluna Prestes, e tudo isso, muita luta com...

M.C. - Ele apoiou o tenentismo, não é?

O.B. - É. Ele, então, apoiou o Bloco Operário. Foi o único que aderiu. Maurício de Lacerda deu desprezo ao Bloco Operário, declarações horríveis. Lançou a candidatura de Prestes para derrotar. Como conseguiu derrotar o nosso candidato no primeiro distrito. O segundo distrito era Azevedo Lima, tinha eleitorado próprio como médico lá

em São Cristóvão. No primeiro distrito era um operário gráfico de São Paulo, o João Jorge da Costa Pimenta. E o Jorge foi derrotado, que ninguém foi votar em Prestes. Era candidatura lançada por Maurício de Lacerda para derrotar. Nós propomos uma frente única, um bloco, e ele cindiu. Ele também foi derrotado, pagou caro. Bem, então, Azevedo Lima foi o único que aderiu e foi eleito pelo Bloco Operário e fez discursos progressistas... Depois traiu. Mas isso eu já tinha sido eleito, como também Minervino.

Bem, eu, todo dia, às quatro horas da tarde, chego lá na praça da República, esquina com rua da Constituição. Abro a porta e fico ali esperando. Chegava um e outro, às vezes verdes, verdes, verdes e eu começava a erva brava na cabeça dessa gente, explicando: "O Bloco Operário é isso, está aqui o programa. O Bloco Operário é isso, lugar de camponês é isso e aquilo outro e tal, tal. Creio que todo o ano de 1928 foi assim. E, no fim, João Jorge da Costa Pimenta era um militante sindical excelente. Nós queríamos transformá-lo num líder político. Não conseguimos, ele recusou ser candidato.

Então Minervino aceitou, era um velho militante, aceitou. Minervino não tinha, assim, uma cultura marxista, mas era homem de uma bravura extraordinária. No meio dos tiroteios da Polícia [riso] ele sempre ficava firme, a Polícia atirando, e ele firme ali, não corria. Aí eu convidava: "Minervino, vamos à fábrica tal" - um arsenal de Marinha, era uma praça de guerra. Ele nunca disse não, uma verdadeira bravura, não sei se ainda está vivo. Tenho que procurá-lo, descobrir. Fui na casa dele duas vezes, não o encontrei mais.

R.L. - Foi há pouco tempo isso?

O.B. - Bom, nos últimos tempos. Mudou-se de Irajá não sei para onde. Tenho de revolver aqueles mundos todos; para quê? Bem, então ele aceitou. Fizemos uma lista das grandes empresas do Rio de Janeiro. E, uma por uma, na hora do almoço, ou às quatro horas fomos para a porta, abrimos um pano, um pano vermelho com letras brancas: "Parai! Assisti ao comício do Bloco Operário." Ele de um lado, e eu do outro. E aquela massa parava. Nós subíamos numa pedra, num banco, num caixão, em qualquer coisa. E começávamos: "pá, pá..." Explicando. Fizemos cerca de sessenta comícios nas grandes empresas. Imaginem vocês! Comício nas três grandes fábricas da Gávea. Comício nas Laranjeiras, que era uma fábrica de tecidos muito importante, grande. (Foram liquidando essas fábricas.) Comícios lá no Moinho Inglês, na Saúde. Comícios lá em Deodoro. Comícios no Engenho de Dentro. Nas grandes empresas. Falando assim diretamente, virando a cabeça dos operários. Eram massas completamente... que não sabiam nada de nada. E distribuindo o programa do Bloco Operário e Camponês e o manifesto especial e tudo mais. Esses comícios e manifestos foram decisivos. Porque aquela massa... Cada eleitor tinha direito a oito votos, podia concentrar "de caixão", como se chamava, e podia dividir por oito pessoas, por oito candidatos, por seis, quatro, dois. E a grande massa, sobretudo na Gávea, concentrou em mim. Os operários da Gávea votaram assim: oito votos, oito votos, e fui eleito.

M.C. - Todos os oito votos para você?

O.B. - Sim, um eleitor dava-me oito votos.

M.C. - Oito votos.

O.B. - Porque eles já me conheciam desde 1925, deste 1919. Ali foram três gerações. Desde 1919 já me conheciam na Gávea. E ao Minervino, nesses subúrbios, tudo isso, foram dando um pouquinho aqui, um pouquinho ali, um pouquinho acolá, no final ele se elegeu. Bem, o governo de Washington Luís claro que não queria, e o quarto delegado, Oliveira Sobrinho, quebrou lanças para nós não sermos reconhecidos. Então um advogado... foi lá assistir... Demos lá a procuração, e ele lutou em cada seção onde nós tínhamos votação. Queriam anular essas seções todas, para não termos nenhum voto. Castro Rebelo é o nome dele. É conhecido, creio que morreu. Então ele travou batalha. Ele dizia: "Esta votação não pode ser anulada, porque está tudo legal. A ata é legal, está tudo em ordem, assim, assim..." E tiveram que respeitar aqueles votos que recebemos, em vez de anular.

Depois, houve a terceira luta na Câmara. A maioria era de Washington Luís e não queria reconhecer a nossa eleição. Aí foi uma luta tremenda. Fomos ao sindicato e lançamos a palavra de ordem: "Se o governo caçar a nossa eleição, a nossa votação, não esperar ordem nenhuma: Parai imediatamente!" Não tínhamos força para fazer greve geral. Mas tínhamos força para fazer greves parciais, porque dominávamos toda uma série... dezenas e dezenas de sindicatos. E sistematicamente: "Parar e não esperar ordem não. Otávio Brandão e o Minervino de Oliveira não foram reconhecidos pela Câmara? Parai imediatamente!" [inaudível]

Aí houve uma coisa interessante: certos burgueses foram favoráveis. Há um livro de Paulo Filho, que foi diretor do *Correio da Manhã*. Morreu. Então ele me conta que o prefeito do Rio de Janeiro - da família Prado -, Prado Júnior, quebrou lanças a nosso favor. E o Paulo perguntou: "Mas, sr. Prado Filho, onde se viu um prefeito, de São Paulo, família tradicional, homem de confiança de Washington Luís, e está quebrando lanças pelos dois comunistas?! Nunca se viu isto." Diz o Prado Júnior, prefeito do Rio de Janeiro: "Oh, Paulo, esses dois eu sei que nunca virão aqui me pedir favores; mas com os outros eu estou até aqui..." [riso] Eu confirmei: "De fato, nunca fomos ao Prado Júnior pedir nada de nada. Se tínhamos alguma coisa a reivindicar, reivindicávamos da tribuna." E o Paulo Filho publicou um artigo dizendo: "Se esses dois comunistas não forem reconhecidos, então ficará provado que eles é que têm razão: que o Brasil não presta; que eles, eleitos regularmente, honestamente, não foram reconhecidos. Então é uma desmoralização para o Brasil. Isso é levar água para o moinho do bolchevismo." [riso] Artigo do *Correio da Manhã*. De modo que um série de burgueses liberais também...

R.L. - Qual foi a posição de Maurício de Lacerda?

O.B. - Bem, Maurício de Lacerda, aí, já estava mais manso conosco. Não foi eleito também. Não queria brigas nesse momento, 1918. As brigas foram de 1927. Aliás, já em 1926, quando eu passo pela Casa de Saúde... ali na rua... perto do Largo do Machado, Casa de Saúde... É do lado direito, perto do Largo do Machado, rua Bento Lisboa, por ali assim. Eu olho e me lembro: é 26, ele estava lá oficialmente preso, na realidade estava descansando. E fui lá, no meio da conversa, eu disse: "Maurício, nós vamos fundar um bloco operário" - 26 "e faremos um apelo a você. Que tal marcharmos juntos nessa luta?" Uma luta muito difícil. Tudo isso. As prisões cheias, muita gente no exílio. Tudo isso. Diz ele: "Mas eu não recebo intimações." Eu digo: "Mas eu não estou fazendo nenhuma intimação, eu estou comunicando, é um simples comunicado." Ele disse: "Eu não recebo isso aqui." Porque ele se julgava uma grandeza nacional, entende? E achava que os outros eram uns pobres vermes que se arrastavam. Eu digo: "Eu não

estou intimando você a nada." E ele recusou. Já em fins de 1926 ele recusou. Ele disse: "Não vou aderir a nada, que não adiro a ninguém e não sei o quê. Eu sou eu mesmo, não sei o quê." Estas coisas de pequeno-burguês que se julga além de ti. Não é nada. Não fez nada. É sempre o palhaço da burguesia, instrumento da burguesia. Mas já em fins de 26, em 27, ele, publicamente, recusou aderir ao Bloco.

R.L. - O Bloco tinha penetrações em outras cidades, não é?

O.B. - Quem?

R.L. e M.C. - O Bloco Operário.

O.B. - Bem, houve votação para o Bloco...

R.L. - Plínio Melo em Porto alegre, por exemplo.

O.B. - É, houve em São Paulo, em Porto Alegre, em Pernambuco. Mas os juízes... Não havia vigilância, como aqui que tínhamos... Como é que se chama o vigilante para acompanhar a votação?

M.C. - Fiscal eleitoral.

O.B. - Fiscal eleitoral. Não tinha fiscal eleitoral, e comeram os votos em muitos lugares. Quando houve eleição de Júlio Prestes e Getúlio Vargas, havia tantos votos para Minervino. E nós propusemos Minervino para candidato a presidente da República. Então havia uma combinação, rachada: tantos para Getúlio, [riso] tantos para Júlio Prestes, e o Minervino não aparecia com um voto. No final apareceu em todo Brasil uns seiscentos votos, e era muito mais. Houve uma série de casos assim.

R.L. - E essa Frente que o Bloco Operário queria criar, incluía que setores políticos?

O.B. - Bem, conforme a data.

R.L. - Conforme a data.

O.B. - A data 27, do Bloco Operário. Incluía Azevedo Lima, Maurício de Lacerda, todos os elementos progressistas que quisessem aderir.

R.L. - Inclusive os tenentes?

O.B. - Todos, todos. Antes já tínhamos tentado nos ligar Prestes.

R.L. - E vocês mantiveram uma relação com os democráticos de São Paulo...

O.B. - Aí era briga, era briga. Era o que eles, eles... Aqui no Rio eles foram a Bangu, penetraram em Bangu de uma forma tremenda.

M.C. e R.L. - Os democráticos de São Paulo?

O.B. - Não. O Partido Democrático do Distrito Federal. São Paulo sempre foi uma de nossas falhas, sempre as nossas posições foram fracas.

M.C. - Em São Paulo.

O.B. - Fizemos várias tentativas, sempre fracassadas. João da Costa Pimenta era um valor sindical enorme, mas era gráfico, e acabou-se.

M.C. - Por quê?

O.B. - Bom, mentalidade estreita do trabalhador sindical.

R.L. - A que você atribui essa dificuldade de São Paulo?

O.B. - Bem, primeiro, nós devíamos ter ido para lá, pelo menos mandar Astrojildo e uns outros para lá; e, segundo, as pessoas que enviamos não deram resultado. João da Costa Pimenta era nos gráficos. Organizar os gráficos e acabou-se, não havia meio. [inaudível] fez um trabalho sindical importante em São Paulo e no Rio, mas queríamos um líder político e não apenas um militante sindical.

M.C. - Perfeito.

O.B. - Bem, era essa a nossa ambição: transformar os militantes sindicais em líderes políticos. Para isto precisava uma base teórica. Chega hora de estudar em..., [riso] No Brasil até hoje, chega a hora de estudar: ler livro, não; ler revista, ler jornal... A outra dificuldade foi esse Aristides Lobo. Aristides Lobo levou anos e anos, o partido insistindo: "Vá às fábricas, vá conversar com os operários." E ele dizia: "Eu não sei conversar com os operários." "Mas meta a cara; também não sabemos, nós vamos à hora do almoço para a porta da sala conversar." Levamos anos e anos e não conseguimos nada de nada com Aristides Lobo. Um dia, soubemos, em vez de estudar Lenin, Marx, Engels, como nós recomendamos, ele leu foi Trotski, virou trotskista e morreu trotskista. Era estudante do Pedro II, jovem, jovem eu o conheci, muito boa pessoa, família tradicional, mas não deu nada, nada. Pegou cadeia e não fez nada. De modo que gente incapaz; gente capaz num terreno, mas incapaz em outro terreno, e o resultado em São Paulo sempre foi uma desgraça.

M.C. - E você acha que esse foi o único fator que contribuiu, quer dizer, esses dois fatores?

O.B. - Não tivemos gente para mandar para lá, e os que mandamos não cumpriram as obrigações. É assim. E no fundo...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.B. - ...nós não conseguimos em São Paulo. Mas no interior conseguimos posições em Ribeirão Preto, em Sertãozinho... Imaginem vocês: uma marcha de verdadeiros colonos das fazendas de café em direção à cidade de Sertãozinho, para fraternizar com os

operários - coisas assim bonitas. O meu amigo Teotônio de Sousa Lima, uma maravilha de homem. É assim. Eu voltei e me informei e soube que ele não tinha mais do que viver, a mulher parece que o abandonou. Ele morava lá num sindicato em São Paulo. Não tinha de que viver. É assim. Teotônio de Sousa, uma maravilha que organizou essas comissões, comícios, marchas, marchas de camponeses em direção à cidade de Sertãozinho. Coisas assim... Teotônio de Sousa Lima, nunca mais me esqueci...

R.L. - Otávio, como é que era essa propaganda que você está dizendo aí, nas fábricas? O que vocês...?

O.B. - Conversávamos na hora do almoço, conversávamos outras vezes e fazíamos comícios: trepar lá no gradil do Engenho de Dentro e aí explicar classe e luta de classes. Agora, fizemos uma coisa bem pensada... Vamos a esses lugares, na hora do almoço, conversar com os operários para saber as condições de vida e trabalho naquela empresa e fazíamos um discurso que só servia para aquela empresa. Levantando os problemas daquela empresa. Eram discursos assim. Desde as primeiras palavras, conquistávamos a atenção da massa, porque era um discurso que só servia para aquela empresa, não servia mais para nenhuma empresa.

R.L. - Em cada empresa vocês faziam um discurso particular?

O.B. - Específico, chamavam discurso específico. Isso dava um trabalho danado; porque tínhamos que ir várias vezes, pelo menos uma ou duas vezes, para poder saber o que aqueles operários queriam, o que é que lhes afetava, tudo isto.

Eu me lembro de um inglês no Moinho Inglês, fábrica de tecidos. Tinha moinho de trigo, tinha fábrica de tecidos. Nós trabalhávamos bastante nas fábricas de tecidos. Havia um inglês que era um safado: dava pancada, dizia desaforo, queria seduzir as moças, tudo isso. Bom, então fomos lá e dissemos: "Aí o inglês mister tal, assim, assim, que é assim, assim, é um safado e um devasso e ameaça de dar pancada." Oh! Aquela massa toda, aquelas moças, muitas moças, tecelãs, assim 18, vinte anos, e às vezes, velhas, olham logo, desde as primeiras, para se interessar. Bom, publicamos um artigo na *Classe Operária...* (É fácil ver a coleção da *Classe Operária*. Não tenho mais a coleção. Eu deixei nove caixões cheios de livros, de jornais, tudo, com meu sogro, pai de Laura. Meu sogro morreu, e os caixões desapareceram. Certamente cupim tomou conta e queimaram). A *Classe Operária* publicou um artigo exatamente sobre isso: [riso] que as moças se reuniram e deram uma surra no inglês, botaram para fora o inglês - um escândalo tremendo. O patrão não queria. O sujeito era inglês, ocupava um cargo lá qualquer, e as moças deram uma surra. Diziam: "Isto é um desaforo, olha aqui a *Classe Operária*, denunciando."

R.L. - Qual é a visão que vocês tinham do Brasil nessa época?

O.B. - A resposta está no meu livro, que se chama *Agrarismo e industrialismo*. O Foster Dulles, no livro dele, diz que eu fui o teórico do Partido Comunista. A nossa visão era a seguinte: primeiro, um país sob domínio imperialista, lá há páginas e páginas sobre o imperialismo em geral e a penetração imperialista no Brasil citando todas estas empresas estrangeiras: Light, Standard Oil, as estradas de ferro inglesas, tudo, tudo, Shell, tudo isso. Quer dizer: a primeira definição é imperialismo, depois a penetração do imperialismo no Brasil, e a palavra de ordem: "Abaixo o imperialismo" -

imperialismo, inimigo principal. Pela primeira vez na história, nós desenvolvemos as coisas assim: o imperialismo como inimigo principal. Bom, depois mostramos que havia sobrevivências feudais. Nós chamávamos o feudalismo. Hoje diríamos sobrevivências feudais do Brasil. Mostrávamos os engenhos do Nordeste, as fazendas de café de São Paulo, tudo isso. Muito material [inaudível]. Inclusive publicamos uma vez, também, uma carta da fazenda de café Guatapará em São Paulo. Eu digo: "Bota na primeira página." Saiu, na primeira página da *Classe Operária*, um artigo, uma denúncia dos colonos da Fazenda Guatapará. Pois então, sobrevivências feudais. Precisava acabar com o latifúndio, retalhar a terra, toda a terra do Brasil, sem abrir exceção, confiscar as empresas imperialistas. Mas, da tribuna da Câmara [riso], eu propus... Havia lá um projeto: pagar dívidas aos bancos americanos no valor de sessenta mil contos. E eu propus não pagar um tostão e empregar os sessenta mil contos para liquidar o analfabetismo no Rio de Janeiro. Foi um escândalo. Diziam: "Mas o senhor prega não pagar dívidas!" Eu digo: "É, eles são imperialistas, nós somos inimigos do imperialismo." Coisas assim. Foi um escândalo. Os lacaios de Washington Luís, às vezes, ficavam com ódio.

Havia um Vieira de Moura, vereador. Esse bebia, carregava dose, ia para lá bêbado. E eu começava a atacar Washington Luís. Eu dizia: "O governo de Washington Luís é assim, assim, o governo de Washington Luís está podre." Estava mais podre que eu imaginava. Ele dizia: "Podre está Vossa Excelência." E ele rebatia, rebatia, mas era assim, estava bêbado. Naquele meio, a Câmara naquele silêncio. Ele dizia: "Vossa Excelência..." Aí todo mundo se calou. Vieira de Moura disse: "Vossa Excelência é uma besta." [riso] Assim na tribuna da Câmara, eu digo: "Besta é você." Ele ficava logo assim atrás. Ele disse: "Eu vou lhe dar uns tabefes." Eu digo: "Vem, que eu é que lhe dou uma surra, vem, vem para cá." Eu tinha Minervino ao lado, ouviu? Ele, então, avançou para me dar uns tabefes. Eu digo: "Vem, vem, que eu te dou uma surra, vem." No final os outros se meteram... Os outros do governo. Diziam: "Vieira de Moura, você está complicando o governo. Washington Luís não vai gostar disso. Não vale a pena e tal, tal." Então ele foi curtir a cachaça lá, numa sala qualquer. Mas era assim, eles iam... Eles estavam certos que teriam os quatro anos de Washington Luís e mais quatro anos naquela mamata de Júlio Prestes. E eu dizia: "Está tudo podre, podre, assim, assim." E eles não... Porque eram reacionários, burros e ignorantes. E pela primeira vez aquele espetáculo, era um escândalo. Um deles [inaudível] ia armado. Ele disse: "Com esse sujeito só tapando a boca com um tiro." Ia sempre armado. E mal sabia que a filha dele ia ser militante do Partido Comunista.

R.L. - Vieira de Moura?

O.B. - Não; era o... Correia Dutra.

M.C. - Otávio, qual era a posição do partido, nesse momento, a respeito dos movimentos tenentistas?

O.B. - A favor, a favor. Nós, da tribuna da Câmara, pedíamos a anistia. Pedíamos anistia para Prestes e para os outros. Apoiamos o Cleto Campelo. Ele recrutou comunistas, meteram os comunistas na luta armada e acabaram assassinados. Um deles era um padeiro, José Francisco, num lugar no interior de Pernambuco, Tapada; acabou assassinado pela Polícia. Quer dizer: Cleto Campelo e a insurreição em Jaboatão, ou no Recife, marcharia em direção à Coluna Prestes, não conseguiu, morreu em combate, ou

assassinado. E vários comunistas morreram. Depois mandamos Astrojildo a Bolívia, Puerto Suárez, propor a Prestes aliança. Depois, o Leôncio Basbaum a Buenos Aires, ou Montevideu, propor aliança. Prestes aceitou; os outros recusaram. Com programa: lutar contra o imperialismo, contra o latifúndio...

M.C. - Por que vocês achavam importantes as alianças com o tenentismo?

O.B. - Porque já em 1850, mais ou menos, Marx lançou uma circular aos comunistas alemães para apoiarem todo o movimento progressista. E nós considerávamos a Coluna - Rodolfo Coutinho, não, foi contra - um movimento de pequeno-burguês revoltoso e progressista. Era nosso dever apoiar todos esses movimentos. Reivindicamos a anistia várias vezes e defendemos da tribuna. É porta das fábricas, diziam: "São bandidos, infames, saqueadores, ladrões." E nós às portas das fábricas: "Devemos apoiar a Coluna Prestes, porque é um movimento progressista, quer acabar com esse atraso do Brasil."

R.L. - Isso logo que a Coluna eclodiu?

O.B. - Logo que... não digo logo. Mas quando tivemos notícia que ela marchou em direção ao Norte e tivemos, então, notícias através de vários simpatizantes do partido que estiveram com a Coluna. Por exemplo: lá perto de Teresina, no Maranhão, ali... Bom, aquele lugar do Maranhão, estiveram lá com a Coluna e vieram contar: a Coluna é assim, assim. Nós sempre defendemos a Coluna.

R.L. - Mas parte do partido... Havia algumas pessoas que eram contrárias à aproximação.

O.B. - Rodolfo Coutinho foi contra a aliança, votou contra.

R.L. - O Joaquim Barbosa parece que também.

O.B. - Joaquim Barbosa também contra. Quando chegou a hora, os outros votaram a favor. Agora, Joaquim Barbosa absteve-se, e Rodolfo Coutinho votou contra e levou, assim, um monte de livros em alemão para provar. Nós dissemos: "Nós não sabemos alemão. Então é a mesma coisa você trazer isso. Você sabe; mas nós não sabemos, agora, nós lemos Marx, Engels e Lenin que dizem isto, isto." E votamos a favor: Partido Comunista marchar ao lado da Coluna. Propor uma aliança...

R.L. - Como é que foi aquele problema da oposição sindical que apareceu no partido?

O.B. - Joaquim Barbosa? Bom, Joaquim Barbosa era um artesão, alfaiate artesão. Sustentava a família dele e a família da mãe. O partido propôs quatrocentos mil-réis para ele largar os paletós que ele fazia e se dedicar ao movimento - ele era o encarregado sindical -, se dedicar ao movimento sindical. Ele recusou. Disse que quatrocentos cruzeiros... quatrocentos mil-réis naquele tempo...

[FINAL DA FITA 2-A]<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> O lado A da fita 2 não foi inteiramente gravado.

2ª Entrevista: 21.01.1977

M.C. - Otávio, referindo-se à sua atuação política em Alagoas, o Foster Dulles cita o seu trabalho *Combates e batalhas*. Que trabalho era esse?

O.B. - Está inédito.

M.C. - E ele teve acesso...?

O.B. - Está em Moscou.

M.C. - E ele teve acesso a esse trabalho?

O.B. - Não; ele apenas me interrogou, me escreveu fazendo perguntas, e eu fui respondendo.

M.C. - Sei.

O.B. - Porque aqui não há nenhuma garantia para guardar.

M.C. - Nunca foi publicado no Brasil?

O.B. - Não. Nunca foi publicado.

M.C. - Em que data você chegou ao Rio de Janeiro?

O.B. - Cheguei em 1919. Em Maio. Vim fugido.

M.C. - E como você entrou em contato com os anarquistas aqui no Rio?

O.B. - Bem, eu já tinha relações com o Astrojildo, com o Oiticica. Fui procurá-los. A primeira visita foi a José Oiticica. A segunda visita foi ao historiador Rocha Pompo. Eu já tinha contato com eles. Logo de noite... um amigo... Fui para o Largo do Machado, lá para um hotel, e um conhecido me levou à casa de Oiticica. Eu tinha o endereço. Então, depois, conheci Astrojildo, que se tornou meu amigo número um até 30. Em 30, Astrojildo capitulou diante da revolução soviética, à palavra de "Revolução soviética imediata." E foi uma espécie de traição, ele me traiu, descarregando toda a culpa nas minhas costas. Ele era o secretário do partido e tratou de escapar pela tangente.

M.C. - O Astrojildo?

O.B. - É, em 1930. Pelo menos de 19 a 30 foi meu amigo número um.

M.C. - Por que ele tentou escapar pela tangente?

O.B. - Porque ele era o secretário do partido. Por conseguinte tinha uma responsabilidade enorme em todos os erros do partido. E quando chegou a hora, tratou

de escapar pela tangente como se não tivesse nenhuma culpa. Descarregou tudo nos meus ombros. Em 30.

M.C. - Mas culpa de quê?

O.B. - Dos erros do partido. O partido não queria a revolução soviética imediata. "Otávio Brandão é o culpado. Otávio Brandão impediu a vitória da revolução soviética imediata." Os maiores disparates do mundo, em 30, numa reunião dos partidos comunistas em Buenos Aires. Fiquei eu como o único culpado, e ele como inocente de tudo. Então eu vi que ele não era meu amigo. Na hora ele não tinha coragem de assumir a responsabilidade dos próprios atos.

R.L. - Mas ele não tinha defendido a estratégia eleitoral antes?

O.B. - Tudo, tudo ele defendeu. Era o secretário do partido! Em 30 eu vi que não podia mais contar com ele. Ele voltou ao Brasil e meteu os pés pelas mãos, exigiu a liquidação do Bloco Operário e Camponês. Foi uma discussão horrível. Eu digo: "Mas como?! O Bloco Operário e Camponês nos deu uma vitória e uma organização de massas. Tem sessenta comitês nos sindicatos, nas fábricas. Como é que nós vamos liquidar uma organização de massas?" Ele cumpriu passivamente as decisões do Bureau da Internacional Comunista em Buenos Aires, e foi liquidado o Bloco Operário e Camponês.

R.L. - E você acha que a derrota do Bloco Operário e Camponês em 30 se deve a...?

O.B. - A uma linha falsa de... de soviéticos. Completamente falsa. Eu combati esta linha em Buenos Aires. Mas fiquei sozinho e agüentei 16 discursos me atacando. E queriam me expulsar como traidor, imagine! Eu, para não ser expulso como traidor, declarei que aceitava a linha por disciplina. E defendi a linha por disciplina. Isto durou quatro anos. No fim de quatro anos, eu estava em Moscou... Quatro anos defendendo soviéticos! O maior disparate da história do Brasil! Eu estava em Moscou, o camarada Dimitrov mandou me chamar - ele era o secretário da Internacional Comunista no começo de 36 - e me disse: "Tudo quanto disseram sobre a revolução soviética imediata no Brasil é uma asneira! Eto Glupost!<sup>8</sup> É uma asneira! De modo que não leve a sério isto. É uma estupidez. A linha era nossa! "Era um bloco nacional, uma frente única nacional abarcando o proletariado, os camponeses, as massas da pequena burguesia urbana e a chamada burguesia nacional. Tudo isso contra o imperialismo. E foi condenado como oportunismo de direita nessa conferência dos partidos comunistas em 30 em Buenos Aires. Então queriam me expulsar como traidor, porque eu não queria aceitar a revolução soviética imediata. E acusaram-me: "Você impediu a vitória da revolução soviética imediata no Brasil."

R.L. - O Basbaum estava presente nessa reunião?

O.B. - Não.

R.L. - Mas ele também era contrário...

---

<sup>8</sup> Em Russo, no original: "Isto é bobagem."

O.B. - Ele faz referências. Todos que foram contrários, ou foram expulsos ou estão jogados à margem.

M.C. - Quem mais foi contrário?

O.B. - O Sousa Barros - um rapaz de Pernambuco, ainda vivo - foi contrário. Escreveu uma história condenando a linha, foi expulso imediatamente. E o partido começou a expulsar a torto e a direito. O Basbaum, no livro dele, chama atenção para a parte sobre 1930. Os maiores absurdos foram cometidos com a tal proletarização...

R.L. - Obreirismo...

O.B. - ...Meu pai era prático de farmácia. Eu era de origem pequeno-burguesa, não servia para o Partido Comunista. E os outros também. E então, aí, falsos operários foram tirados da base para dirigir o partido... [riso] No dia seguinte, foram atrás de mim para escrever um manifesto. Eu disse: "Eu não sou mais dirigente. Você não é o dirigente?" Não sabia escrever um manifesto. Um absurdo 1930! Eu é que agüentei cinco anos e meio de ostracismo, por causa dessa linha de soviêtes, ofensas, humilhações e tudo. E Astrojildo também acabou numa decadência total. Voltou ao Brasil, meteu os pés pelas mãos, escreveu uma carta ao Bureau Sul-Americano, dizendo: "Até aqui fui ator, agora não quero mais ser ator, quero ser espectador." Foster Dulles cita isto: "Quero ser espectador!" E o partido o expulsou como oportunista. Ficou expulso 12 anos. E assim, a direção que tirou o partido do nada em 1922, a mesma direção, com os mesmos homens, foi liquidada em 1930 em cinco minutos. Um absurdo.

R.L. - Quais foram os dirigentes que apareceram em 1930, mais fortes?

O.B. - Ah! Ninguém. Houve o Fernando de Lacerda que não prestava...

R.L. - A mulher dele também?

O.B. - A mulher dele, uma aventureira da pior espécie. E ele não prestava.

M.C. - Você saiu do Brasil em que ano?

O.B. - Em 1931. Saio não. Fui expulso. [riso]

M.C. - Você foi expulso. Mas foi expulso de que forma?

O.B. - Meteram-me no xadrez. Me tiraram do xadrez. Metido a bordo de um navio alemão, com minha Laura e três crianças. Dionísia não tinha seis anos de idade, imagine...

M.C. - Você tinha falado agora que agüentou alguns anos de exílio por causa dessa mudança de linha e pelo fato de você ter perdido, não?

O.B. - É.

M.C. - Pela sua posição ter sido vencida. De que forma isto está ligada à sua expulsão?

O.B. - Bem, antes nós tínhamos massas. E com todos os erros e defeitos, a burguesia nos respeitava, o governo nos respeitava. Metia no xadrez, dava socos, mas era obrigado a soltar, não podia processar, não havia base para processo. Nós éramos contra o terror individual. Queríamos organizações de massas. Vamos para a portas das fábricas, para os sindicatos, para todas as partes. Então prendiam e eram obrigados a soltar. As tentativas para nos processar fracassaram. Mas em 30, com essa linha falsa de soviets, perdemos o apoio das massas. Os homens que apoiavam Prestes, os companheiros dele da Coluna Prestes, passaram-se para o Getúlio. Um por um: Miguel Costa, Isidoro Dias Lopes, João Alberto, Cordeiro de...

R.L. - Farias.

O.B. - É. Um por um abandonaram Prestes. E Prestes ficou sozinho em Buenos Aires. Imaginem: um revoltoso pequeno-burguês. Ele, na época, lança um manifesto, de maio de 1930, pregando soviets! E o partido também pregando soviets. Então perdemos a base de massas. Os sindicatos foram arrebatados já no tempo do Washington Luís. A Polícia foi lá, dissolveu aquilo tudo e fechou, quebrou a torto e a direito. Perdemos a base de massa. Então o governo já não nos respeitava. E o nosso jornal *A Classe Operária* não aparecia mais. Eu, vendo essa situação, me ofereci para editar. Consegui tirar três números. Mas um traidor me vendeu, como no tempo da escravidão, por seiscentos mil-réis. A Polícia lá, prendeu-me. E agora? Tiramos um jornal. Disseram: "Isto é um perigo!" Atacando Getúlio, atacando a Aliança Liberal, tudo isso. Então o governo...

R.L. - O Lusardo era chefe de Polícia nessa época...

O.B. - É, e o Salgado era o quarto delegado.

R.L. - É verdade que foi o Lusardo que introduziu tortura para presos políticos?

O.B. - Sempre houve entre eles. Uns tempos mais; uns tempos menos. Houve muita tortura, mas aí o responsável direto era o Salgado Filho. Futuro senador trabalhista, ministro do Trabalho, era um torturador desgraçado. Então, aí, tirava o jornal, não é? O partido começou a se reorganizar com todas as falhas, e o jornal *A Classe Operária* foi reaparecendo. Então disseram: "Bota para fora esse sujeito." E botaram Laura... e Dionísia não tinha seis anos de idade, Vólia tinha oito anos e Sátva tinha nove anos. Eu digo: "Bem, nós, revolucionários, tiramos partido da própria desgraça, somos superiores à adversidade. A adversidade nos golpeia, nos arrebatada, nós levantamos a cabeça e recomeçamos a luta." Eu ia a bordo do navio alemão. Eu digo: "Eu vou aprender alemão, irei ler Goethe e Heine no original." Eu li muito os alemães, mas em traduções francesas. Eu digo: "Vou estudar a fundo alemão. Irei a Weimer para conhecer o lugar onde viveu Goethe e todo aquele ambiente." Que eu tinha, e tenho, muita admiração por Goethe desde o Recife - Goethe e Heine. "E vou tirar partido da própria desgraça." Mas o governo brasileiro pediu ao governo Brüning,<sup>9</sup> católico clerical, que não me deixasse

---

<sup>9</sup> Heirich Brüning, político alemão, chanceler do Reich entre 1930 e 1932.

na Alemanha. Só pude ficar dois dias e três noites em Berlim. A Polícia queria prender-me por seis meses e deportar-me. Então apelei para a União Soviética, deram-me visto e fui para lá. Enquanto Getúlio esteve aqui eu não pude voltar.

R.L. - O Partido Comunista Alemão não te recebeu lá?

O.B. - Bem, não era bem o Partido Comunista, era o Socorro Vermelho Internacional, que era a organização para os perseguidos. Tive contato com o Socorro Vermelho Internacional, que era exatamente uma organização para ajudar os perseguidos.

M.C. - Agora, Otávio, em 1919, quando você chegou ao Rio, ainda existia o Centro de Estudos Sociais?

O.B. - Deve ter existido, mas eu não me lembro.

M.C. - Não se lembra?

O.B. - Espera aí. De quem era?

M.C. - Era uma organização em que se reuniram intelectuais anarquistas, em 1917. O Fábio Luz ia muito lá...

O.B. - É possível, mas a coisa é esta, eu cheguei e olhei: de um lado os amarelos, organizações de massas, os sindicatos dos transportes com os estivadores lá no cais do porto; e, do outro lado, os anarquistas lutando contra o governo, contra a burguesia, exigindo dia de oito horas, aumento dos salários. Eu digo: "O que escolher? Não posso vacilar." Logo, dias depois, fui para o Sindicato da Construção Civil. Chamava União dos Operários em Construção Civil, era na praça da República, ali pertinho da Central do Brasil. O edifício foi derrubado, era no primeiro andar. A casa estava cheia, e fiz, logo nos primeiros dias, uma conferência, declarando-me anarquista e revolucionário. Então, eu vivia no meio de massas trabalhadoras, ajudando nisso, naquilo, naquilo outro. Não ia formar, assim, um grupo de intelectuais - e intelectualóides sobretudo - para discutir o sim o não, as essências e transcendências. Fábio Luz ficou a vida toda nisso, essências e transcendências, tudo isso...

M.C. - Quer dizer que você não pertenceu a nenhum grupo de intelectuais anarquistas?

O.B. - Não, não. Era luta de classes objetivamente. Era luta de massas, operários e populares em geral. Todo esse trabalho.

M.C. - E você tinha algum contato com a Federação Operária, a federação dos trabalhadores?

O.B. - Bem, eu tinha contato indireto, pois vivia nos sindicatos. Ou vivia na vida ilegal, desaparecido para não ser preso. Quando havia alguma greve, eu desaparecia. Ou então vivia sempre nos sindicatos, em um por um fazia conferências.

M.C. - Ah! Vários sindicatos?

O.B. - Oh! A União dos Operários em Construção Civil, na praça da República; Sindicato dos Sapateiros, praça da república; Centro Cosmopolita, Rua do Senado 215, eram os garçons e cozinheiros; Associação dos Marinheiros e Remadores, rua Conselheiro Zacarias lá na Saúde; Carvão e Mineral. Por toda parte.

M.C. - Esses dois últimos sindicatos que você falou não eram ligados à Federação Marítima?

O.B. - Bom, a Federação Marítima eu não me lembro quando é que surgiu.

M.C. - A Federação Marítima ligava todos aqueles sindicatos amarelos do cais do porto: Lóide...

O.B. - Sim. Nesse dos Marinheiros e Remadores houve uma luta muito grande. Um Messias José Teles, que era um amarelo desgraçado, queria dominar o sindicato. E o meu companheiro, meu camarada, Fenelon Ribeiro, foi procurar-me. Ele diz: "Otávio, precisa escrever artigos contra Messias José Teles."

M.C. - Isso em 1919?

O.B. - Depois de 19. E o Messias foi derrotado, não conseguiu. Ficaram os anarquistas, futuros comunistas, dominando o sindicato.

M.C. - Isso em que época?

O.B. - Bem, 1925, 26, com estado de sítio e tudo. Publicamos vários artigos no jornal *O Solidário* de Santos. De modo que eu ajudei o Fenelon a não perder as posições no sindicato, e o Messias José Teles perdeu. Foi uma luta tremenda em 1926 contra os amarelos. Mas em vez de pegar 19, estou chegando até 30! [riso] Porque 30 foi um ano decisivo. Nós perdemos a batalha. Aquela massa toda foi a reboque de Getúlio. E Getúlio chamou a si todos esses elementos da Coluna Prestes, de 22, todos, todos.

R.L. - Por que, então, você acha que o partido foi incapaz de perceber isso, nessa época?

O.B. - Era decisão. A Internacional Comunista mandou um grupo para formar o Bureau Sul-Americano da Internacional em Buenos Aires, e posteriormente em Montevideú. Esse grupo foi dirigido por antigos partidários de Zinoviev, que cometeram muitos erros...

R.L. - Quem? O Berger? Ghioldi?

O.B. - Quem?

R.L. - Aquele Ghioldi, não é?

O.B. - Não, Ghioldi era argentino. Vieram russos e outros para dirigir o Bureau Sul-Americano. E este Bureau Sul-Americano imprimiu essa linha de soviets. Muitos anos depois, Van Mihn, que era meu amigo - morreu ultimamente -, chinês, representante do Partido Comunista da China na Internacional Comunista - depois foi

encarregado da America Latina - disse: "Vocês queriam começar por aquilo que nós terminamos. Nós terminamos com soviets e vocês queriam começar com soviets. Iam muito depressa! "Ainda fez ironia... E Dimitrov disse: "Esqueça tudo quanto lhe disseram sobre soviets, Eto glupost. Isso é uma asneira." Nós obedecíamos. No fundo havia ingenuidade, havia inexperiência. Como vinha da Internacional, nós obedecíamos. Ainda tentei lutar. Mas, quando olhei, estava sozinho. E agüentei 16 discursos de ódio. Ghioldi e todos, todos atacando, atacando...

R.L. - Mas não havia no partido gente que, também, via criticamente as ordens da Internacional?

O.B. - Quem viu fui expulso.

R.L. - Joaquim Barbosa, por exemplo.

O.B. - Bem, Joaquim Barbosa isso foi uma asneira tão... absurdo total. O Sousa Barros tentou, ainda escreveu. Foi expulso imediatamente.

R.L. - E aquele grupo de Santos? O Josias Carneiro Leão...

O.B. - O Josias, não é?

R.L. - É, o Josias.

O.B. - Esse que foi embaixador...

R.L. - É, embaixador depois.

O.B. - Cônsul em Bremen. Josias assinou o mesmo documento com o Sousa Barros. Foi expulso imediatamente. Todos os que se opuseram. E lá o Bureau Sul-Americano - não em Moscou; em Buenos Aires - me ameaçou: "Vamos expulsá-lo como um traidor!" Eu já tinha agüentado 16 discursos. O que eu ia fazer?

M.C. - E na época...

O.B. - E Astrojildo capitulou. Totalmente. Uma coisa triste. Ele, que era o maior responsável... Porque eu era apenas encarregado de agitação e propaganda, e Astrojildo era o secretário do partido, responsável por todos esses erros. Oportunista da direita, falsamente...

M.C. - Agora, Octávio, na época era muito difícil tentar criar um movimento dentro do partido, com as pessoas que eram contra a linha que a Internacional queria imprimir?

O.B. - Iria cindir. Depois, não sei quantos partidos... Era uma época de desagregação do partido, 1930.

R.L. - Vocês não cogitaram criar outro partido?

O.B. - Não, não...

M.C. - Vocês preferiram aceitar por disciplina e continuar lutando dentro do partido.

O.B. - Aceitar por disciplina e continuar a luta, e foi justo. Porque, do contrário, teria sido expulso como traidor. Nunca encontraria justiça! A Internacional não iria modificar...

R.L. - Mas ela fez justiça mais tarde?

O.B. - Nunca! Morreu e nunca fez justiça. Mas o fato de ter aceito por disciplina permitiu que eu continuasse a luta. Inclusive em condições amplas, como depois de 36: oito anos pelo Rádio de Moscou, bombardeando o Brasil, bombardeando Portugal e as ilhas de Portugal na África. Moçambique não sei, mas de Angola e da ilha da Madeira recebemos cartas. Por vezes as cartas eram colocadas nos correios de algum país. Uma delas foi colocada num correio da Suécia, de um porto da Suécia. Outra colocada em Paris. Eram imigrantes, ou coisa semelhante, que mandavam, que ouviam o Rádio de Moscou. Quer dizer, eu aceitando... e estava sozinho. Astrojildo logo descarregou tudo nas minhas costas. Ficou... encolheu-se covardemente. Mas uma coisa triste! Eu digo: "Como, depois de tantos anos de luta? Ele era meu amigo número um e capitula assim?" Então, eu estava sozinho e ia ser expulso como traidor. E acabou-se, nunca me fariam justiça e nunca me permitiriam fazer nada de nada. Fiquei cinco anos e meio no ostracismo.

M.C. - É.

R.L. - E a classe operária? Como ela sentia essas brigas dentro do partido?

O.B. - A classe operária...?

R.L. - Os operários.

O.B. - Havia operários; mas não a classe operária. Não existia. Ia a reboque, também, de Getúlio. Nós queríamos derrubar Washington Luís, mas não apoiar Getúlio Vargas. A classe operária foi a reboque de Getúlio Vargas. Meio mundo também foi a reboque, inclusive Cristiano. Homens que sofreram muito, muito perseguidos, como Cristiano Cordeiro, foram a reboque de Getúlio. Foi o diabo.

M.C. - Quer dizer que apesar de, na época do Bloco Operário e Camponês, o partido ter um penetração na massa, esta penetração ainda não era suficiente...

O.B. - Vamos dizer a verdade: era apenas um primeiro passo. Muito importante, porque, pela primeira vez, dois comunistas, cuspidos e escarrados, como diziam, foram vereadores e propondo projetos. Imagine; havia um projeto para pagar sessenta - se hoje é dinheiro imagine naquele tempo -, sessenta mil contos aos bancos americanos. Nós propusemos que esse dinheiro fosse desviado para liquidar o analfabetismo no Rio de Janeiro. Coisas, assim, desaforadas, insolentes.

M.C. - Quer dizer: havia uma penetração no seio do operariado, mas um início, não é? Muito trabalho ainda tinha que ser feito.

O.B. - Um início... Muito, muito trabalho. E por isso sempre propus... "Quantos anos, Otávio?" Eu respondia: "Eu sei lá! Uma obra histórica, da maior importância, cinco, dez, vinte, trinta anos..." E eles diziam: "Ah! Como você quer, é muito lento, é muito difícil." E eu digo: "E como vocês querem é fogo de palha! Não vale nada! É porcaria! Não vale nada!" Está aí, fogo de palha. Quantas discussões... Diziam que era sectarismo... Como sectarismo? É um trabalho lento, metódico, sistemático, de propaganda, de educação, de organização de milhões e milhões de trabalhadores. Só o trabalho no meio dos campos, só isto exige energias tremendas.

M.C. - Essa penetração do Bloco Operário e Camponês no seio do operariado era maior entre alguns setores da classe operária e menor em outros?

O.B. - Era. No cais do porto conseguimos pouco, mas tinha muita influência no Centro Cosmopolita e no jornal dos garçons e cozinheiros, que era a *Voz Cosmopolita*. Bastante influência na construção civil; nos sapateiros; nos tecelões, muita influência - e naquele tempo os tecelões eram a maioria dos operários e operárias -, e começamos a penetrar nos ferroviários no Engenho de Dentro, em Deodoro. Imagine: Laura chegava à porta do... chamava-se locomoção, oficina de locomoção. Diziam que eram três mil operários. Não sei, talvez fossem mil ou dois mil. Laura chegava. A gente abria aquela faixa. Uma faixa com pano vermelho com letras brancas: "Parai! Assisti ao comício do Bloco Operário e Camponês." E 2/3 da massa paravam! E 1/3 não parava porque morava muito longe, tinha um terreno próprio, estava construindo uma meia-água, um casebre e tinha que tomar aquele trem para poder chegar ao lar já noite. Mas 2/3 paravam, aquela massa imensa, e a gente falava: "Pá, pá,... Há classes, há luta de classes." As idéias capitais. Não era colaboração de classes, como depois o partido pregou, na vida legal, a conciliação das classes. Nós dizíamos: "Há classes: a classe operária e a classe burguesa; os camponeses e os grandes proprietários de terras. Então é inevitável a luta de classes." E depois, então: "O imperialismo é isso, assim, assim, assim... O governo está nas mãos do imperialismo, assim, assim... O governo está nas mãos dos latifundiários. Latifundiário é um grande proprietário de terras, é um fazendeiro de café, é isso, isso..."

M.C. - A Laura também participava dos comícios?

O.B. - Ah...! Ela virava a cabeça dos operários: uma mulher muito bonita, imagine, aquela roupa branca, roupa alva, um manto, assim, azul. Diziam que era Nossa Senhora, e era, assim, uma oradora. E falava meio prosa, meio poesia e virava a cabeça dos operários. Aquela mulher muito bonita. Nunca tinha havido isso. E virava a cabeça dos operários. E por isto ela foi deportada: por ser minha esposa e por causa do próprio trabalho.

M.C. - Ela era membro do partido também?

O.B. - Não. O partido exigia que ela largasse as filhas para se dedicar ao partido. Ela disse: "Isso eu não faço. Então eu vou educar os filhos dos outros e abandono as minhas filhas?"

R.L. - O partido só tinha militantes que se dedicassem exclusivamente?

O.B. - Muito pouco, porque não podia pagar. Os operários trabalhavam a noite toda para o partido e, de manhã, com sono, iam para a porta da fábrica. Vários, assim como Joaquim Nepomuceno, ferroviário do Engenho de Dentro; soldador elétrico, uma criatura maravilhosa, uma dedicação total. Acabou tuberculoso, veio o coração... e morreu.

M.C. - Isso durante a década de 20?

O.B. - É. Na década de 20. Mais ou menos em 1925, o jornal *A Classe Operária* penetrou no meio das massas, desde Manaus e Belém até Boavista do Exim, no Rio Grande do Sul, um coisa maravilhosa! Porque ele chegou na hora, o jornal. Era estado de sítio, e o jornal *A Classe Operária* queria uma expressão daquilo. Nós manobramos. É uma história muito bonita o jornal *A Classe Operária*.

M.C. - Otávio, voltando lá para os nossos anos anteriores, em março de 1919, os anarquistas tentaram criar no Rio de Janeiro um partido comunista. Como você explica esse fato?

O.B. - Não tinha nada de comunista. Confusão dos anarquistas. Reflexo da revolução na Rússia. Eu fui escolhido como delegado de Alagoas nesse congresso. Quando chegamos à porta do Centro Cosmopolita para a primeira reunião, a Polícia estava lá, a porta fechada, não pudemos entrar. Fomos, então, para o sindicato União dos Operários em Construção Civil, e, ali mesmo, o congresso dissolveu-se. Não fez nada. Por isto: não tinha espírito de organização, não tinha compreensão. Pensavam que Lenin era anarquista e que a revolução na Rússia tinha sido revolução anarquista. Quando descobriram que os anarquistas eram presos na Rússia, eram perseguidos, então viraram contra. Emma Goldman, uma anarquista que esteve lá, publicou uma série de artigos cá no Ocidente, aí viraram contra a Rússia. E por isso esse partido não tinha nada de comunista.

M.C. - Quer dizer, você está falando da primeira conferência, não é?

O.B. - De 1919.

M.C. - De 1919. Primeira Conferência Comunista do Brasil.

O.B. - É. Não tinha nada de comunista. Eram anarquistas. Foi uma confusão tremenda! Eles não queriam nenhum partido. Eles não queriam política. Confundiam política e politicalha, eles não queriam a máquina do Estado, era destruir o Estado burguês e acabou-se - as comunas vão salvar a pátria...

M.C. - E qual foi o resultado desse congresso?

O.B. - Nenhum, nenhum. Ali mesmo se dissolveu. No Centro Cosmopolita, não... Aurelino Leal, chefe da Polícia. Reacionário: "Grande jurista!" ã, tanto elogio! Sujeito reacionário! Fechou a porta do Centro Cosmopolita, ninguém pôde entrar. Uns tantos foram lá para o Sindicato da Construção Civil, e aí o partido morreu. Não foi para frente. Por quê? Era um aborto! Não tinha pé nem cabeça.

M.C. - Agora, nessa época você era anarquista, não é?

O.B. - Era anarquista. Dois anos e meio.

M.C. - E eu queria perguntar o seguinte: houve acordo quanto ao programa, ou já houve dissidências ideológicas no congresso?

O.B. - Bem houve certas dissidências. José Oiticica escreveu um folheto, chama-se "Princípios e fins", baseado no anarquismo. Aquilo foi aprovado, com restrições, numa outra reunião, mas daquilo não saiu nada. "Princípios e fins" era o folheto de Oiticica.

M.C. - E sobre o que houve o desacordo... quer dizer, qual era a discussão?

O.B. - Bem, eu não me lembro. Eu apoiei Oiticica, mas vários discordaram de trechos do folheto. Só vendo o folheto, para eu então me lembrar. Eu apoiei o Oiticica.

M.C. - Nessa época, foi criada, também, a Liga Comunista Feminina. Que organização era essa?

O.B. - Não me lembro.

M.C. - Você não se lembra?

O.B. - Não me lembro.

M.C. - Agora, nesse congresso, Otávio, vários estados mandaram delegados: São Paulo, Alagoas, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Sul...

O.B. - Não houve nenhuma reunião.

M.C. - ...E existiam grupos anarquistas em todos esses Estados?

O.B. - Existiam mais ou menos, nos estados principais: Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro – em Niterói –, Bahia, Pernambuco.

M.C. - E como é que você explica a difusão do anarquismo no Brasil, nessa época?

O.B. - Você me perguntou sobre o individualismo, não é? Se o indivíduo trabalha sozinho, por exemplo, um artesão, um sapateiro artesão, ou alfaiate, trabalha sozinho, fatalmente ele tende a ser individualista, queira ou não queira. O intelectual. Porque a maioria dos intelectuais é individualista e é uma luta tremenda para virar a cabeça deles. Porque eles trabalham sozinhos, são artesãos. Então é muito difícil que eles não sejam individualistas. Então a Construção Civil, centro de anarquismo; sapateiros "Luís XV," centro do anarquismo, tinham de ser individualistas...

M.C. - E a penetração do anarquismo entre os têxteis?

O.B. - Bom, isso foi na hora... Veio a guerra de 14, os preços subiram, os salários parados, começou a grande greve dos tecelões em São Paulo. A greve foi esmagada - eu não estava no Rio em 17 -, mas aquilo foi como que um grito de guerra para despertar massas em todo o Brasil. Fazer greves gerais para aumento dos salários, porque não podiam continuar a viver com aqueles miseráveis salários. E os anarquistas se colocaram à frente dessas greves. Conquistaram uma série de vitórias, daí a força deles. Criaram os comitês de fábricas e dominavam as fábricas, quer dizer, era um movimento, chamavam... Stirrina,<sup>10</sup> um movimento espontâneo das massas, sob a influência da carestia resultante da guerra, sob a influência da revolução na Rússia.

M.C. - Sei.

O.B. - E os anarquistas se colocaram à frente desse movimento, e, dessa forma, realizaram algo de positivo.

M.C. - Você me falou, da outra vez também, que a Federação dos Trabalhadores no Rio de Janeiro era anarquista.

O.B. - Era anarquista.

M.C. - Eu queria perguntar o seguinte: o anarquismo, enquanto ideologia definida e consciente, era abraçado pela base, ou seja, pela massa dos operários dos sindicatos, ou só pelas lideranças?

O.B. - Era uma vanguarda. Era só uma vanguarda que dirigia aquela massa, que era anarquista. A massa era levada pelos interesses econômicos, aumento dos salários, dia de oito horas. Esta é a dolorosa realidade. Aliás, nós sempre separamos: massa e vanguarda. Precisa a vanguarda para dirigir. Uma não passa sem a outra. Mas querer que essa massa já tenha consciência, isto só depois de muitos anos de luta. Mas a burguesia, o governo Epitácio, depois Bernardes, estado de sítio, quatro estados de sítio, não permitiram o nosso trabalho.

M.C. - Na época em que você era anarquista, vocês já faziam essa diferença entre vanguarda e massa?

O.B. - Não, isso ficou consciente sob a influência de Lenin, o livro dele em 22: *A moléstia infantil do esquerdismo no comunismo*. Mas na prática, tal coisa: teoricamente nós não podíamos ter essa compreensão nítida; mas na prática era assim, de fato, formavam uma vanguarda.

M.C. - Certo.

O.B. - A coisa era assim. Objetivamente era uma vanguarda. E combinávamos as coisas todas, tudo isso.

M.C. - E nesse congresso de 1919, anarquista, foi grande a participação do operariado carioca?

---

<sup>10</sup> Em russo, no original.

O.B. - Não, eram muito poucos delegados. Esse congresso não representou nada de nada.

M.C. - Não, não é?

O.B. - Há um folheto de Edgard Leuenroth: "O que é maximalismo". O título parece que é este. É um folheto confuso em que ele mistura as idéias de Marx, Engels e Lenin com as idéias de Kropotkin e Bakunin. É um folheto muito confuso. É uma contradição de Edgard, parece que o co-autor era Hélio Negro, se não me engano.

M.C. - Era isso mesmo.

O.B. - Mas era um caos aquilo. De modo que esse congresso e o folheto de Edgard não têm nenhuma importância.

M.C. - Certo.

O.B. - Agora, a *Plebe*, que era dirigida por Edgard, este teve, fez trabalho de massa no meio dos operários, dos tecelões. Dirigiu, orientou as greves, tudo isso. Teve muita importância naquele período de 19. Mas depois virou contra-revolucionário, e os operários foram embora.

M.C. - Você conheceu o jornal *A liberdade* aqui no Rio?

O.B. - De quem era?

M.L. - Ele era dirigido pelo Pedro Matera.

O.B. - Oh!... Uma criatura esplêndida, anarquista velho, esplêndido. Honesto, sincero. Parece que ele era... chamava Matera.

M.C. - Matera?

O.B. - É, espanhol. Tinha, assim, umas filhinhas. Uma criatura esplêndida. Esses homens puros, incorruptíveis. De uma dedicação total. Mas parou no anarquismo, não foi para frente. Muito boa pessoa.

M.C. - Quando você chegou no Rio ele já era... já tinha uma certa idade...

O.B. - Já era anarquista, já era velho. Pedro Matera. Ele sempre ia lá na farmácia onde eu trabalhava. Eu o abraçava, tratava-o com muito carinho.

M.C. - Ele também participava das reuniões em sindicatos?

O.B. - Em geral. Mas essa gente, esses anarquistas cascudos, quando eu aderi ao Partido Comunista, romperam relações comigo. Inclusive vários escreveram-me cartas, rompendo comigo. Diziam: "Eu tinha confiança no camarada, mas vi que era um

carreirista, já que não fez carreira no anarquismo aderiu ao Partido Comunista para ser deputado, senador, ministro." Houve uma série de cartas. E essa gente desapareceu.

M.C. - O Bento Alonso, você conheceu?

O.B. - Só de nome.

M.C. - Porque em 17 ele era muito atuante lá no centro....

O.B. - Havia um Moraes, parece que era português. Moraes, nos Tecelões.

M.C. - E o João Gonçalves da Silva?

O.B. - Esse era um... guarda-livros. Era do anarquismo que não se mete debaixo da chuva, como Fábio Luz. Boa pessoa, viu? Honesto. Mas nada de afrontar a tempestade. ao passo que os outros não: iam de peito aberto, afrontando qualquer coisa: greves, tiroteios, qualquer coisa. Não tinham medo.

M.C. - Você conheceu José Elias da Silva?

O.B. - Muito. Não sei se ainda está vivo. Mas conheci demais. Era um tipo de uma grande capacidade de análise lógica. Ele pegava um fato qualquer, uma greve, um aumento de salário e ia desenrolando aquilo e explicando o marxismo, depois. Antes, também, no anarquismo ele tinha essa capacidade, tanto que era muito apreciado como organizador sindical, como militante da vanguarda. E aderiu ao partido. Mas depois arranhou um empreguinho aí na Escola Visconde de Mauá, na estação de Marechal Hermes, e foi, sem romper com o partido, foi abandonando, mas sempre fiel nas idéias. Uma grande capacidade de argumentação.

R.L. - Ele saiu do partido quando?

O.B. - Mais ou menos nos primeiros anos, quer dizer, 23, 24, por aí assim.

M.C. - O José Elias da Silva era operário, Otávio?

O.B. - Bem, não era. Às vezes botam lá operário. Não era operário. Ele esteve desempregado muitas vezes, mas era um pequeno funcionário público na Escola Visconde de Mauá, na estação de Marechal Hermes. Passou muita necessidade, desemprego, no final arranhou isso. E dizia: "Não quero mais passar fome, nem fazer a minha família passar fome." Encolheu-se.

M.C. - Você o conheceu no Rio?

O.B. - Conheci no Rio.

M.C. - Porque ele ia, também, muito a Pernambuco, não é?

O.B. - Ele foi a Pernambuco naquele tempo mais ou menos da guerra de 14, por aí assim, agitar os operários lá, tudo isso. Ele era muito capaz, mas o desemprego,

a fome lenta, tudo isso, fizeram com que ele largasse.

R.L. - Você disse que ele deve estar vivo até hoje.

O.B. - Não sei. Tempos atrás eu o encontrei na avenida. Dei o meu telefone para ele me telefonar. Mas ele mora lá... imaginem: a gente tem que ir naquele caminho - eu fui de bonde naquele tempo - de Madureira a Penha, naquele meio saltar e andar um quilômetro, dois quilômetros, para chegar à casa dele. E não sei se ainda mora aí.

M.C. - E o Rosendo dos Santos?

O.B. - Só de nome. Não me lembro dele.

M.C. - Manuel Moscoso.

O.B. - Só de nome.

M.C. - Só de nome.

O.B. - Porque o Epitácio... Eu cheguei em maio, e Epitácio, já em fins de 19, começou a deportar essa gente toda. Então eu não cheguei a conhecê-los.

M.C. - O João da Costa Pimenta, você conheceu?

O.B. - Isso de sobra. Tivemos choques. Por isto: ele era um grande líder sindical, muito capaz para organizar os sindicatos, mas nós queríamos líderes políticos proletários.

R.L. - Isso quando?

O.B. - Ele foi anarquista, depois aderiu ao partido.

R.L. - Fundou o partido, não é?

M.C. - Ele é um dos fundadores.

O.B. - Só vendo os nomes, é possível. Mas sempre aquilo: sindicatos, sindicatos. Nós queríamos líderes políticos. Queríamos fazer do sindicato uma base para adquirir aquela experiência, contato com a massa, e transformá-lo num líder político. Para isto precisava estudar, e ele não estudava, não estudava. Daí choques e choques... Está vivo, o Foster Dulles foi vê-lo.

R.L. - Ele fica no partido até quando?

O.B. - Bem, mais ou menos 30. Em 30, com essa maluqueira de soviets, muitos operários - operários mesmo: João da Costa Pimenta, aquele metalúrgico José Cazzino - muitos, muitos operários abandonaram o partido. Diziam: "Não quero os soviets, não quero os soviets."

M.C. - Ah... Muitos operários abandonaram o partido?

O.B. - Em 30, em 30.

R.L. - O Costa Pimenta não era ligado à cisão Joaquim Barbosa? Ele não era ligado ao Joaquim Barbosa?

O.B. - Não. Ele tinha sempre certa linha, entende? Não era um sujo como Joaquim Barbosa.

R.L. - Porque eu já li em algum lugar, não estou lembrado, que a cisão Joaquim Barbosa foi o Joaquim Barbosa e o João Costa Pimenta.

O.B. - Não, não sei. Até 30....

M.C. - Que pelo menos ele tinha saído do partido nessa época.

O.B. - Em 30. Ele foi esfriando, esfriando. Vendo aquela desagregação geral do partido, desde a linha de sovietes. Claro que os operários não queriam nenhum sovietes, que viam que aquilo era uma asneira, um disparate. Ele foi esfriando e foi se afastando. Depois disseram que ele se juntou aos trotskistas. [riso] Mas naquele tempo essas acusações todas eram muito comuns, e eu não levava a sério. Eu dizia: "Há provas? Há provas?" Porque eu conheci esses homens de perto, eu peguei o pulso deles. E vi que ele sempre tinha aquele linha; não era um vagabundo qualquer.

M.C. - E o jornal *Germinal*?

O.B. - Era dos anarquistas.

M.C. - Quem dirigiu o jornal?

O.B. - Eu não me lembro. Só me lembro que havia esse jornal dos anarquistas, *Germinal*.

M.C. - O *Internacional* também era um jornal anarquista?

O.B. - Também era naquele tempo.

M.C. - Na mesma época, de 1919.

O.B. - É. E *A Plebe* sobretudo, que era jornal de massas. *A Plebe* era dirigida por Edgard Leuenroth. Morreu tempos atrás. (Tenho um retrato dele no livro do Foster Dulles. Retrato muito parecido. E há um retrato, imagine: era Edgard Leuenroth, Astrojildo, Canelas, três... Havia um quarto e um quinto, era eu, em 19. Retrato interessante. E eram dois retratos, um somente eu e Astrojildo. Eu lhe mostrei naquele livro russo, não é? E, na mesma hora, tiramos cinco. É sim. Eu não tenho esses retratos.)

M.C. - Otávio, você me falou que era mais a vanguarda, na Federação, que era anarquista. A massa dos sindicatos ia sendo mais dirigida por essa vanguarda.

O.B. - É, fermentada, fermentada. Mas num processo muito lento. A massa era levada pelos seus interesses econômicos, aumento do salário, porque havia muita fome, muita miséria, baixos salários, carestia.

M.C. - E como você explica a popularidade de políticos, tais como Maurício de Lacerda, entre o operariado?

O.B. - Bem, estes eram pequeno-bugueses: uns progressistas; outros liberais ou democratas. E eles sempre defendiam os operários contra a Polícia e contribuíram para pedir *habeas corpus* para soltar os operários. E sempre iam aos sindicatos fazer conferências. No dia 14 de julho de 1920, no Sindicato dos Tecelões, na rua do acre, Maurício falou e eu falei. Sempre iam. Então eles queriam esse apoio. Eles queriam ser, como chamavam, políticos profissionais, viver eternamente como deputados. Defendiam os operários contra a Polícia, sempre. E utilizavam esse prestígio para serem eleitos e continuarem eleitos anos e anos. Era todo um grupo. E nós, como anarquistas, e depois comunistas, combatemos, porque nós queríamos que a classe operária se cristalizasse politicamente. E eles impediam esta cristalização com aquelas frases, a demagogia. Repetiam Rui Barbosa, frases vazias e tudo isso. Eu me lembro de Maurício uma vez. Não me lembro se foi escrito ou falado. Ele diz: "O Brasil será salvo no dia em que a espada de Prestes se juntar à cruz de Cristo." [riso] Eu era anticristão e não era prestista. Ora eu anarquista ou era comunista. Mas também não era antiprestista. Eu comecei a rir, porque Prestes não acreditava em Cristo, [riso] e Cristo não queria luta de classes. O Prestes, então... "espada de Prestes unida à cruz de Cristo." Estas frases bestialóides. Ele, Maurício, como Rui Barbosa. Rui Barbosa gritava: "Eu sou pela força do direito contra o direito da força." Mas, quando chegou a guerra de 14, ele ajudou os Aliados contra os alemães. Quer dizer: demagogos que impediram a cristalização política da classe operária ao redor de seus militantes, anos e anos e anos.

M.C. - Agora, Otávio, quando os anarquistas, em 19, tentaram criar aquele Partido Comunista, o Nicanor Nascimento participou da reunião, quer dizer, esses políticos eram aceitos pelos anarquistas ou eram realmente combatidos. Como é que era?

O.B. - Eu combati. É fácil ver o meu trabalho *Apelo à nacionalidade brasileira*, que foi lido na presença de Maurício de Lacerda - 14 de julho de 1920 -, atacando os políticos em geral. Agora, se Nicanor também entrou na dança, é possível, porque protestava contra a Polícia, pedia habeas-corpus, defendia os operários. Por sinal, se não me engano, Nicanor, no fim da vida, participou da campanha do "O petróleo é nosso." Apanhou muito da Polícia num comício e acabou morrendo. Tenho essa impressão, mas se isso...

R.L. - Ele era de algum partido nessa época?

O.B. - Não, não. "O petróleo é nosso", assim, massas. Se isso é verdade, ele acabou com chave de ouro. Eu não tive nenhum contato com ele, tive com Maurício, choques...

R.L. - Uma dúvida: Maurício de Lacerda participou da Aliança Nacional Libertadora, aderiu?

O.B. - Participou, participou em 35.

R.L. - Em 35.

O.B. - É, participou. Mas, depois, Pedro Ernesto deu o emprego de advogado... Como é que se chama? Tem um nome especial... advogado da prefeitura. E ele se aquietou. A princípio ele esperava ser o líder da revolução, mas Getúlio chupou o rolete e jogou fora o bagaço, porque nisto Getúlio foi mestre, essas tramóias, essas tramas e tudo isso. Getúlio veio e pregou a revolução. Getúlio o mandou ao Uruguai para explicar ao povo uruguaio o caráter, o sentido da Revolução de 30 no Brasil. E Maurício não compreendeu que era uma trama e foi lá. Nessa hora eu estava no xadrez. Era Getúlio e Getúlio me deixou no xadrez. Encontrou-me no xadrez e me deixou no xadrez. Então, Maurício tinha muito de hebreu, não podia ver uma mulher, ficava logo... queria seduzi-la. Apareceu uma moça no cais do porto, e a moça tinha um buquê, um ramalhete. Quando Maurício viu a moça, abriu os braços para beijá-la, para abraçá-la, tudo isso. A moça aproximou-se dele e deu uma bofetada - puf! Ele não esperava, foi surpresa. Lá no cais do porto em Montevideú. Então os operários que tinham sido mobilizados pelo Partido Comunista... Isso saiu num artigo do jornal Justicia, órgão do partido. Quando ele levou a bofetada, os operários gritaram: "Abajo Maurício de la cerda." [riso] Maurício, a porca, porque em espanhol cerda é porca. "Abajo Maurício la cerda. Viva Otávio Brandão." Eu estava no xadrez. Ele teve um choque tremendo. Julgava que eu era um pobre-diabo, lá no xadrez, perdido, abandonado por todos...

[FINAL DA FITA 2-B]

O.B. - ...recolher à sua vida particular. Só Pedro Ernesto, depois, é que deu esse empreguinho. Como é que se chama? É uma espécie de advogado da prefeitura.

M.C. - Você está querendo se lembrar do emprego...

R.L. - Procurador.

M.C. - Procurador?

O.B. - Procurador... uma coisa dessas. Ele ficou lá roendo esse osso o resto da vida. Em 35 aproximou-se da Aliança Nacional Libertadora, mas depois veio o Estado Novo...

R.L. - Quem é que fez o contato com ele, para ele aderir à Aliança Nacional Libertadora?

O.B. - Bem, ele tinha muitos amigos. E a Aliança Nacional Libertadora abria as portas, como dizem os franceses: "*È toute le monde et à son père*." Foi abrindo as portas a todo mundo e ao pai de todo mundo. Aliás, era a linha diferente e única.

R.L. - Era a linha de frente popular?

O.B. - É. Aqui no Brasil chamam frente antiimperialista, Frente Nacional Antiimperialista.

M.C. - Sei. Otávio, você já falou várias vezes que os operários do porto no Rio de Janeiro eram amarelos.

O.B. - Bom, eles eram dirigidos por amarelos. Não tinham consciência.

M.C. - E você acha que existe alguma explicação para este fato: predomínio dos amarelos no porto?

O.B. - Pelo seguinte: a burguesia é esperta e, quando ela é burra, tem quem a oriente. Então a burguesia viu que era um perigo o anarquismo, e depois o Partido Comunista, penetrar nos transportes, no porto. E aí qualquer coisinha que havia, logo a Polícia era mobilizada. Esses amarelos estavam ligados diretamente à Polícia em troca de verbas, recebiam verbas da Polícia - Polícia secreta. Eu lhe disse que o Sotelo ia ser preso, puxou assim o cartão e provou: "Eu não posso ser preso." Era da Polícia secreta, e ninguém sabia. Nós desconfiávamos que ele era da Polícia, mas não tínhamos provas. Foi o *Correio da Manhã*, uma vez, que pegou e publicou isto. Sotelo. E, como ele, os outros também; ligados à Polícia. A burguesia esperta, orientada por gente esperta, tratou de consolidar forças nos transportes, para impedir qualquer greve, porque tinha havido a greve. A greve da Leopoldina em 1920, uma coisa tremenda. Às vezes, greves gerais: automóveis, ferrovias, o porto, tudo isso, naqueles anos, 17 e 20. E a burguesia tratou de conquistar posições, então tinha esses lacaios estipendiados pela Polícia secreta e eles impediam qualquer greve, qualquer movimento, denunciavam. Era assim.

M.C. - Quer dizer que você acha que o governo...

O.B. - O governo, a burguesia em pessoa.

M.C. - ...tomava, vamos dizer assim...

O.B. - Medidas.

M.C. - ...medidas mais enérgicas...

O.B. - É.

M.C. - ...quando se tratava de um movimento no porto...

O.B. - E de transportes, transportes.

M.C. - ...nos transportes, do que propriamente num sindicato, por exemplo, da Construção Civil?

O.B. - Por exemplo: a Construção Civil não prejudicava o país, prejudicava a cidade, mas não era assim um abalo. Por exemplo: transportes pegava os ferroviários, e, daqui a pouco, era o cais do porto todo. Então os novos não podiam nem embarcar e nem desembarcar. Os ferroviários seguiam a reboque. [riso] Era um perigo tremendo. Então, medidas da burguesia orientada e do governo,

M.C. - Certo. E no Rio, também por volta de 1917,18, existia o movimento cooperativista liderado pelo Sarandi Raposo. Você conheceu?

O.B. - Sarandi Raposo, conheci de sobra. Astrojildo comeu mosca. Acreditou nas palavras de Sarandi. Ele dizia que tinha tantos mil sócios, tantas mil cooperativas, dava aquela lista, aquilo tudo... O mais importante é que Bernardes na hora que perseguia meio mundo, inclusive nós, permitiu que Sarandi Raposo dominasse a seção operária do jornal oficial, *O País*. Nós dissemos: "Ah, é assim, não é? Vocês vão ver." E fomos à sombra do Sarandi Raposo. É fácil ver *O País* 1923, 24. Uma quantidade colossal: artigos de Lenin, coisas de Marx, a biografia de Marx pelo Lafargue, tudo fomos publicando no jornal. Então, a seção operária do jornal, oficial, de Bernardes, *O País* - dessas ironias da história - que o sectário não compra. O sectário diria: "Mas eu vou me meter com jornal infame, *O País*, jornal de Bernardes!?" Mas nós compreendemos, o comitê central compreendeu que não tínhamos dinheiro para publicar livros, não tínhamos jornal. A nossa revista...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.B. - ...não tínhamos dinheiro, não podíamos publicar livros nem folhetos. A nossa revista *Movimento Comunista* tinha sido confiscada pela Polícia. Então aproveitamos a sombra de Sarandi Raposo. Ele publicava o artigo dele, viu? E o resto são páginas e páginas. O meu livro *Rússia proletária* foi publicado em grande parte em artigos avulsos no *O País*.

M.C. - Isso durante os anos...

O.B. - De 23 até 24. Até 5 de julho de 24, que é uma data...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.C. - Otávio, mas que movimento cooperativista era esse?

O.B. - Astrojildo acreditou no... Astrojildo tinha muitas qualidades mas era ingênuo, e Prestes é ainda mais ingênuo.

M.C. - Mas que movimento era esse, eu queria fazer...

O.B. - Eram cooperativas e sindicatos através de todo o país: Rio Grande do Sul, Mato Grosso, estado do Rio e tudo isso. É uma lista tremenda, dezenas. Diz que tinha cem mil, duzentos mil, não sei quantos etc. etc. E tinha a sede, para os lados da rua Senador Pompeu. Astrojildo acreditou. Então tentou uma frente única, por cima, com esses elementos e tudo. Mas o diabo é que a Confederação Sindicalista Cooperativista do Brasil era representada somente pelo Sarandi. Astrojildo foi a Moscou, como delegado, e fomos, eu e Antonino de Carvalho visitar, lá, a sede da Confederação, e não havia nenhum movimento, ninguém. Então voltamos às CCE, Comissão Central e

Executiva, e levantamos a questão: "Que Confederação é essa que tem cem mil trabalhadores e não aparece ninguém lá na sede? Esse sujeito deve ser um chantagista." E depois descobrimos que havia uma lei de Bernardes, ou de outro presidente, para dar uma verba - não sei quantos mil contos - para a organização de cooperativas no Brasil. E Sarandi queria essa bolada. Quando chega o 5 de julho de 24, insurreição em São Paulo. Sarandi queria publicar uma declaração, em nome da Confederação, apoiando Bernardes. Nós mandamos avisá-lo imediatamente: "Se você publicar qualquer declaração apoiando o governo Bernardes, nós o classificamos de traidor e liquidaremos a frente única." Ele teve medo, porque tínhamos força nos sindicatos, e se encolheu e não publicou nenhuma declaração. Não conseguiu o dinheiro, e a Confederação morreu aí mesmo.

M.C. - Qual era a profissão dele?

O.B. - Nenhuma. Chantagista, um chantagista. Tantos chantagistas na história da Internacional Comunista! Tantos chantagistas... De modo que foi isso a Confederação.

R.L. - Por que tantos chantagistas assim?

O.B. - Oh... Tantos. Zinoviev era contra a fundação da Terceira Internacional, mas quando ela se fundou, ele logo tratou de ser presidente e acarretou uma série de derrotas na história da Internacional. E cercou-se de tipos semelhantes.

R.L. - A linha que a Internacional Comunista ditava para os países coloniais, quer dizer, para o Brasil, era zinovievista? Aquela estratégia...

O.B. - Não, não. Naqueles anos não ditou nada. Para o Brasil nada. Havia... houve em geral, parece no VI Congresso, um finlandês, que escreveu isto, mas ficava no papel. Zinoviev fez inúmeros discursos e não acabava mais, mas não tinha uma linha sobre os países coloniais e semicoloniais. Aquilo para Lenin tinha uma importância imensa; para Zinoviev não tinha nenhuma importância: era Europa, Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos...

R.L. - Para o Trotski não tinha?

O.B. - O quê?

R.L. - Os países semicoloniais e coloniais.

O.B. - Nunca existiram. Se os camponeses não existiram... Trotski queria tratar os camponeses com punho de ferro. Ficaram inimigos da classe operária. A classe operária não tinha aliados, imagine você o trotskismo! Quantos chantagistas na história da Internacional Comunista. Homens de grande valor como Dimitrov, verdadeiros gigantes da história, mas também chantagistas.

M.C. - Quer dizer que esse Sarandi Raposo...

O.B. - Era um chantagista.

M.C. - ...não tinha muita penetração na classe operária aqui do Rio de Janeiro?

O.B. - Eu não sei. Eu sei... eu vi aquela lista que saía publicada no jornal *O País*, jornal do governo. A coisa positiva foi esta: Publicamos, por exemplo, a biografia de Marx pelo genro Lafargue; fragmentos de Lenin; muitas coisas discutimos.

M.C. - Essas cooperativas que ele queria criar, eram cooperativas econômicas, de gêneros?

O.B. - Cooperativas de consumo. De modo que é assim.

M.C. - Otávio, você se lembra da greve dos gráficos em 1919 no Rio?

O.B. - Não me lembro. Lembro da greve da Leopoldina. Greve dos gráficos, que eu sei, é uma de 29, não de 19. Deve ter havido muitas greves de gráficos em 19, mas eu não sei.

M.C. - Mas antes de me contar a greve da Leopoldina, que é muito grande, eu queria perguntar uma coisa: como é que nasceu o jornal *A Voz do Povo*?

O.B. - Bem, havia o Carlos Dias, que, naquele tempo, era anarquista, era gráfico, tinha prestígio no meio da classe operária. Ele, então, foi escolhido para ser diretor, e os operários resolveram criar esse jornal. Economia daqui, dali, acolá. Abrir a subscrição. Compravam-se aquelas bobinas de papel, que os próprios funcionários da *Voz do Povo* é que cortavam para ter daquele tamanho. Astrojildo foi ser redator, eu fui convidado para colaborador. Entende? Meio mundo...

M.C. - Até que ponto...

O.B. - Até 1920. Enquanto houve dinheiro ela existiu. Agora, Eptácio perseguia. Imaginem: quando chegou o rei Alberto, a porta da redação foi bloqueada. E houve, talvez, pelo menos centenas de prisões por causa do rei Alberto. Com medo de qualquer atentado. É claro que nós não iríamos jogar bombas.

M.C. - E o Afonso Smith, que dirigiu esse jornal depois...?

O.B. - Ele também representou um papel positivo, dirigindo vários jornais. Depois aderiu ao Partido Comunista, não abandonou a literatura; escreveu uma série de romances e coisas. Boa pessoa.

M.C. - Ele era anarquista?

O.B. - Foi anarquista. [riso] Toda essa gente. Ninguém escapava, ninguém escapava. Eu estou lhe dizendo, eu cheguei e vi o dilema: ou vai ajudar a Polícia, ajudar o governo e trair a classe operária, ou adere ao anarquismo, não há o meio termo. Eu aderi ao anarquismo dois anos e meio.

R.L. - Os anarquistas não defenderam, nessa época, nenhum tipo de ação violenta?

O.B. - Bem, depois da derrota do anarquismo, mais ou menos em 1921, apareceram bombistas. Andaram jogando umas bombas.

R.L. - Chegaram a jogar?

O.B. - Jogaram uma bomba ali perto do Itamarati, jogaram uma bomba na Bolsa, em vários lugares. Eu falei contra. Combati muito, muito, muito. E logo aqui outros, também, falaram contra. E logo aqui desapareceu...

R.L. - Os comunistas, mais tarde, não defenderam isso também?

O.B. - Não...

R.L. - O Partido Comunista...

O.B. - Contra o terrorismo individual. Contra. Sempre contra o terrorismo individual.

R.L. - Eu vi num jornal de 1929, chamado *A Esquerda*, uma notícia de que os comunistas tinham apedrejado a embaixada do México.

O.B. - [riso] Isso é outra coisa. Não é ação violenta.

O Calles, Plutarco Elias Calles, presidente do México, traidor da revolução agrária... A revolução confiscou as terras dos latifundiários feudais. E ele e os outros generais de infantaria apossaram-se das terras. E então impulsionaram o capitalismo nessas terras, [inaudível] métodos modernos, e ficou um grande latifundiário do tipo capitalista. O presidente da República traiu a revolução, traiu a República e traiu tudo. Ele mandou fuzilar camponeses rebeldes, e a solução foi apedrejar a embaixada mexicana na rua das Laranjeiras. A Polícia prendeu, depois, vários camaradas, eles agüentaram firme no interrogatório...

R.L. - Prendeu Minervino de Oliveira?

O.B. - Não sei se foi por isso. Sei que prenderam Paulo de Lacerda. E eles agüentaram firme na Polícia, negaram tudo, e a Polícia não pode descobrir. Quer dizer, aí não é propriamente ação terrorista, jogar uma bomba, matar a, b, c, d... Aí era um protesto nosso contra Plutarco Elias Calles. Um miserável. Acabou enxotado como um cachorro, quando Cárdenas tomou o poder. Cárdenas foi criacuta de Calles, mas Cárdenas depois começou a confiscar latifúndios, confiscar as empresas imperialistas e pegou Plutarco Elias Calles e jogou para os Estados Unidos. Expulsou-o como um cachorro. Prova de que nós tínhamos razão-contrá. Mas ele mandou fuzilar vários militantes camponeses, dirigentes camponeses.

M.C. - Otávio, voltando lá para o jornal *A Voz do Povo*. Até que ponto *Voz do Povo* era um jornal ligado à Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro?

O.B. - O Jornal era órgão oficial da Federação. E militantes da Federação escreviam lá, na *Voz do Povo*. Muito entrelaçado. E a Federação tinha sede... Houve um tempo que ela tinha sede ali, no mesmo edifício, rua da Constituição. Às vezes eu passo, olho: "Eu

te conheço, velho edifício." Constituição 11, mais ou menos. Rua da Constituição, perto da praça Tiradentes.

M.C. - E se a liderança da Federação era toda anarquista, como é que você explica a colaboração assídua de Maurício de Lacerda no jornal?

O.B. - Porque era considerado um aliado da classe operária. E os anarquistas...

M.C. - Mesmo sendo político?

O.B. - Mesmo. Não queriam a política, mas abriam exceção para Maurício de Lacerda. Abriam exceção. Porque ele requeria *habeas corpus*, porque ele atacava a Polícia, porque ele sempre defendia os operários e ia aos sindicatos. Abriam exceção para Maurício de Lacerda.

M.C. - Agora, Otávio, eu gostaria que você me contasse a greve da Leopoldina de 1920, de março de 1920. O que ocasionou a greve?

O.B. - Bem, eu tenho um estudo sobre isso. Mandei para o professor Dulles. Mas na cabeça não, não deu. Fui à Biblioteca Nacional. Tem lá uma coleção da *Voz do Povo*. Eu abri na hora; "Greve da Leopoldina", e reconstituí aquilo tudo. Mas de memória eu não me lembro.

M.C. - Você não se lembra. Mas que trabalho é esse?

O.B. - Está lá, com o professor Dulles, num arquivo, no Texas.

M.C. - Mas existe na Biblioteca Nacional este trabalho?

O.B. - Não. A coleção da *Voz do Povo*. A greve da Leopoldina exigia... Era imperialismo inglês. Epitácio fazia tudo para o imperialismo americano, mas, quando chegava a hora, também ajudava o imperialismo inglês. Mesmo porque o ministro - ou era ministro do Interior, ministro dos Transportes, ministro de qualquer coisa - era o Pires do Rio, ligado aos capitalistas ingleses, ligados a São Paulo. Pires do Rio. Então os operários exigiram aumento do salário, uma série de reivindicações, e a coisa não desatava. Pararam grande parte do Rio de Janeiro. E solidariedade, tudo isso.

M.C. - É, a Federação dos Trabalhadores do Rio apoiou a greve.

O.B. - O dirigente do sindicato foi ao interior para reforçar a luta no interior. E então Pires do Rio reuniu uma série de amarelos e traidores. E os traidores aceitaram a capitulação da greve. Baixaram uma ordem de volta ao trabalho. Então os patrões ingleses demitiram, em massa, empregados da Leopoldina. Epitácio ficou satisfeito, Pires do Rio ainda mais satisfeito. Este fez uma carreira brilhante de ministro, disso, daquilo e era miserável, corrupto. Bem, isso só indo procurar onde está a cópia do meu estudo sobre a greve da Leopoldina.

M.C. - Agora, você não se lembra porque a Federação Operária apoiou essa greve?

O.B. - Porque era greve dos operários, dos empregados, de todo mundo da Leopoldina, contra o domínio dos imperialistas ingleses, que eram apoiados pelo governo brasileiro, governo Epitácio.

Por sinal, fui preso. [riso] (O quartel era ali na rua Evaristo da Veiga.) Num quartel, assim num cubículo, com soldados com as armas embaladas. "Se fugir, atirem." Deram esta ordem na minha presença. (Eu digo: "Estou num mato sem...") Porque era considerado um cúmplice moral da greve da Leopoldina. Imagine que crime! Eu digo: "Eu não sabia que no Código Penal Brasileiro existe este crime: cúmplice moral da greve." Porque eu apoiava a greve da Leopoldina. Cúmplice Moral da greve da Leopoldina.

M.C. - Junto com você, outros colaboradores da *Voz do Povo* foram presos também?

O.B. - Muitos, muitos, muitos!!

M.C. - Álvaro Palmeira foi preso.

O.B. - Esse acabou numa tragédia. Era um dos maiores oradores. Empolgava as massas. Mas nas outras prisões, nas outras vezes, ele era metido numa saleta, numa coisa assim, tinha estado-maior. E nessa vez ele foi metido num xadrez, no meio dos operários, com o cimento ali. Ele estranhou: "Como, eu, um professor?! "- estas coisas -" Estar metido entre os operários, no xadrez, no cimento." Aí na praça Tiradentes. Pois o homem saiu. Foi fundar uma tal coligação operária, ou coligação social com Nicanor e tudo isso. Eu escrevi, falei contra, outros falaram contra e, no final, aquilo morreu ali mesmo. E ele, Álvaro Palmeira, foi ser professor na Escola Visconde de Mauá em Marechal Hermes e abandonou o anarquismo. E assim se perdeu um bom orador, ele empolgava as massas.

M.C. - Ele era maçom também?

O.B. - É, mas depois aderiu. Mas a gente espremia e não pingava nada.

M.C. - Ele não era maçom nesta época?

O.B. - Eu não sei. Sei que depois chegou a ser um dos líderes da maçonaria. Depois, mas nessa época não sei. Aliás, havia muitos anarquistas que eram maçons.

M.C. - Por quê?

O.B. - Bem, eles achavam que poderiam fazer alguma propaganda na maçonaria. Como as portas estavam fechadas e Epitácio perseguia a torto e a direito, eles pensaram que na maçonaria poderiam fazer alguma coisa. Ilusão.

M.C. - Você se lembra do nome de algum outro?

O.B. - Cristiano Cordeiro foi maçom. Everardo Dias foi maçom. Vários, vários.

M.C. - Vários, não é?

O.B. - Pois se o Álvaro Palmeira fracassou ali mesmo, só porque passou uma noite no xadrez. Isso que, para nós, era uma coisa comum. Vivíamos no xadrez, com o cimento, mas era coisa comum. Saíamos dali com a cabeça erguida, com todas as honras. [riso] Bom, minha família ficava ofendida. "Como o neto de Teotônio Torquato Brandão pegar carceragem?!" [riso] Eu não ligo, isso tudo para mim era bobagem. Neto de fulano, filho de sicrano. Pois bem: o meu tio era pai do Teo Brandão, folclorista, tio Manuel, irmão da minha mãe. As lágrimas corriam, na porta da casa de detenção de Maceió. As lágrimas corriam pelo rosto. Ele dizia: "E eu que estou assim comovido, este homem que arrastou essa vergonha para a família..." Eu dizia: "Não se incomode, que eu não tenho nenhum crime, não cometi nenhum crime, não sei porque devo comovê-lo."

M.C. - Isso foi quando você foi preso lá em Maceió?

O.B. - Exatamente. Uma mancha para a família Brandão. Diziam: "Nunca um Brandão foi para a cadeia, isso só os negros cachaceiros é que iam para o xadrez." [riso] E eu não tinha nada disto. Por causa de quê?

M.C. - Você se lembra de como se articulou o III Congresso Operário?

O.B. - Bem, eu não participei disso. Havia sindicatos, na maioria dos estado, e os anarquistas, aqui no Rio de Janeiro. Não é de 1919?

M.C. - Não, é posterior. É o III Congresso Operário, em que o Abílio de Neguete participou.

O.B. - Esse foi o primeiro, o I Congresso do partido e não operário.

R.L. - Não, 1920 isso.

O.B. - É sim. Houve um congresso operário, de sindicatos, mais ou menos em 1919, no tempo da *Voz do Povo*. E houve um congresso que fundou o Partido Comunista em 22.

R.L. e M.C. - Nós estamos falando do primeiro...

O.B. - Do primeiro? Ah... foi mais ou menos em 19.<sup>11</sup> Os anarquistas convidaram meio mundo nos estados, eles vieram aqui, às reuniões no Sindicato dos Tecelões. Na *Voz do Povo*, na Biblioteca Nacional, é fácil ver as decisões do Congresso, tudo isso. E eles votaram lá uma resolução a favor da revolução na Rússia. Uma resolução de importância histórica.

R.L. - Abílio de Neguete participou deste congresso?

O.B. - Não sei.

R.L. - O professor Dulles é que diz no livro dele.

---

<sup>11</sup> Trata-se do Congresso Operário, de inspiração anarquista.

O.B. - Não sei. Sei que ele participou do I Congresso do Partido Comunista, em 22. De modo que esse congresso deve ser um congresso muito importante. Mas é o diabo, é assim: depois que se funda uma federação, uma organização qualquer, aí é que ela se evapora.

M.C. - Desse congresso você não participou.

O.B. - Eu não podia participar. Eu não era militante... eu não era membro desse sindicato. Eu ia sempre ao... A minha vida era ou na vida ilegal ou nos sindicatos, ou nos bairros operários, como a Gávea. Era assim. Mas eu não era membro de um sindicato.

M.C. - Mas você acompanhou, na época, esse congresso?

O.B. - Acompanhei pela *Voz do Povo* e fui algumas vezes lá, olhar aquela gente toda, conhecer a, b, c. Só.

M.C. - Qual era a função da comissão executiva do congresso?

O.B. - Do congresso? Era a criação de sindicatos em todo o país; defender os salários, as horas de trabalho, contra os abusos dos patrões, os abusos do governo, das perseguições do governo.

M.C. - E você sabe se a Internacional Comunista foi discutida no congresso?

O.B. - Não, houve apenas uma resolução, que foi votada, apoiada a favor da Internacional Comunista e da revolução na Rússia.

M.C. - E o projeto de criação da CGT se concretizou?

O.B. - Ah! isso foi em 29. Oh, muito tempo. Muitas águas rolaram para criar a CGT.

R.L. - Não, esse III Congresso, aí de 19, tinha um projeto de criar uma CGT.

O.B. - Bom, isso todos eles. Não sei quantos congressos...

R.L. - Mas não deu certo, então?

O.B. - Havia lá uma comissão de organização por sinal, José Elias fez parte.

R.L. - É dessa que a gente estava falando.

O.B. - Mas ficou no papel. Porque logo depois Epiácio começou a deportar a torto e a direito. Repressão, repressão, repressão. Os brasileiros, deportou para Sete Lagoas em Mato Grosso; e os estrangeiros, Portugal, Espanha e Itália. Eram muitos, muitos, muitos.

M.C. - Eram mais estrangeiros que eram deportados ou muitos brasileiros também?

O.B. - Dos militantes - esta era uma debilidades desse movimento - muitos eram estrangeiros. Cheguei aqui e estranhei: "Onde é que estão os brasileiros?" Eram muitos estrangeiros: portugueses, espanhóis, italianos - muitos estrangeiros. Uma das debilidades. Então Epitácio pregou o nacionalismo no Brasil e deportou toda essa gente. Inclusive militantes de valor.

M.C. - Os brasileiros ele deportou para outros estados?

O.B. - Outros estados. E inclusive os portugueses também. A brasileirada ele deportou para Mato Grosso.

M.C. - Agora, entre os militantes existiam mais estrangeiros que brasileiros?

O.B. - Mais estrangeiros. A vanguarda era mais de estrangeiros que de brasileiros.

M.C. - Aqui no Rio, não é?

O.B. - Rio e São Paulo. Por causa dessa imigração de estrangeiros.

M.C. - Pernambuco não?

O.B. - Pernambuco não. Havia o Canelas, que era de Niterói, não era estrangeiro.

Epitácio foi uma fera, uma fera! Uma vez topei com Epitácio na Biblioteca Nacional. Eu ia atravessando assim, e ele vinha de lá. Eu olhei com uma cara de ódio, e ele sentiu. Ele disse: "Não sei quem é esse sujeito, mas ele me olhou com ódio." Nunca perdoei esses sujeitos.

M.C. - Nesse período você conheceu Lima Barreto, Otávio?

O.B. - Conheci em 19. Muitos problemas nos interessavam aos dois. Eu tinha choque com toda aquela gente da Garnier. Ele aparecia aos sábados. Nunca pude conversar com ele tantos problemas comuns: a simpatia pela revolução na Rússia; o ódio à Polícia, o ódio à burguesia, a defesa dos operários. Nunca pude conversar com ele. Ele sempre chegava completamente fora de si e pouco de... Eu ofereci meu livro *Canais e lagoas*. Ele escreveu um artigo fazendo restrições, mas defendendo o livro. Protestou contra as perseguições que sofri em Alagoas. E pouco depois foi para o hospício com *delirium-tremens* e em 22 morreu. Não vi mais. Mas nunca pude conversar com ele. Ele chegava lá completamente fora de si. Os olhos como duas postas de sangue, a baba escorrendo, completamente fora de si.

M.C. - Ele já bebia muito nessa época?

O.B. - Muito, muito. Um desespero tremendo. No meu livro *Intelectuais progressistas*, eu conto essas coisas. Lima Barreto. E mostro a grandeza dele, o valor dele. É assim, tinha muito valor, mas não era reconhecido e, depois, ia se entregando ao desespero, tinham até nojo dele. É assim. Todo sujo, completamente sujo. Aquela roupa de brim.... Ele caía na sarjeta, uma tristeza, uma tristeza. Homens de valor que naufragam assim, de uma forma ou de outra, como Euclides da Cunha, como Sílvio Romero, Tobias Barreto, Lima Barreto. Naufragam de uma forma ou de outra.

R.L. - Otávio, eu queria perguntar uma coisa bem objetiva. Como é que eram organizadas as greves?

O.B. - Havia os comitês das fábricas. Eles dirigiam as greves. E o sindicato apoiava. Então ficava aquela massa - mulheres, menores, homens - na rua Acre em frente ao sindicato. Era preciso falar da sacada do sindicato para aquela massa toda.

R.L. - Esse comitê de greves...

O.B. - E os comitês de fábrica chefiavam as greves e os sindicatos.

R.L. - Eles eram eleitos pelos operários.

O.B. - Eleitos pelos operários. Outras vezes era o sindicato que escolhia o comitê... comitê sindical, escolhia na fábrica, e os operários referenciavam. Tinha um grande prestígio naquela época.

R.L. - E havia diferença entre a maneira dos anarquistas organizarem a greve e a maneira dos comunistas?

O.B. - Bom, os comunistas foram depois, e aí, os anarquistas estavam num fracasso total.

R.L. - Sim, mas comparando as duas épocas.

O.B. - Bem, nós tratamos de organizar as greves. Ao passo que muitas greves do tempo do anarquismo foram espontâneas. Talvez a maioria fosse espontânea. E nós não, queríamos uma greve....

R.L. - O que era uma greve organizada?

O.B. - Organizada era o seguinte: íamos historiar as reivindicações dos operários, as condições de vida e de trabalho dos operários. Levantávamos aquelas reivindicações, um manifesto especial com aquelas reivindicações, que os operários queriam. E fazíamos reuniões nos sindicatos daqueles operários para discutir aquelas reivindicações, aquilo tudo. De modo que demorava mais.

R.L. - Os anarquistas não faziam isso?

O.B. - Não, a maioria era espontânea, produto de dois fatores: a guerra de 14 que elevou tudo - salários baixos e os preços altos - e influência da revolução na Rússia.

M.C. - Quer dizer, quando a greve estourava, é que a vanguarda anarquista começava a organizar o movimento.

O.B. - Era nos sindicatos, sindicatos....

R.L. - Os anarquistas não prepararam a greve, não deflagaram a greve. Eles entram quando já está pronta.

M.C. - Agora, a greve da Leopoldina de 19 estoura entre os ferroviários, a federação operária apóia e deflagra uma greve geral. Como é que foi feito esse movimento de apoio?

O.B. - Bastava lançar um manifesto pela *Voz do Povo*, "Manifesto da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro;" tá, tá, tá, apelando para todo o proletariado apoiar a greve da Leopoldina, e fazer a greve. Isso num manifesto.

M.C. - E como é que se fazia a ligação entre os sindicatos que entravam em greve?

O.B. - Bem, eles sempre tinham os representantes aqui, ali. No comitê de greve havia os representantes: fulano, beltrano, sicrano.

M.C. - Ah, quer dizer que foi tirado um comitê de greve?

O.B. - É.

M.C. - E como é que se conseguiam fundos para manter os grevistas?

O.B. - Bom, isso era uma tragédia, uma tragédia. Fundos. Às vezes as greves terminavam antes do tempo porque não havia dinheiro, e os operários passavam fome. Em São Paulo, nas greves dos gráficos em 29, os operários não tinham crédito. Os operários não tinham mais dinheiro e não tinham mais créditos. Imagine que tragédia. Então o Partido Comunista apelou para Laura. Laura tinha direito a um patrimônio da família, na Câmara Municipal. Então ela pegou o dinheiro - parece que eram 15 ou 16 contos - e mandou para lá. O dinheiro chegou, pagaram aquelas dívidas aos quitandeiros, aos portugueses, aos italianos donos dos armazéns, e recuperaram o crédito. Resistiu setenta e tantos dias, a greve dos gráficos.

R.L. - Foi vitoriosa a greve?

O.B. - Em parte vitoriosa. O Leôncio diz que não foi vitoriosa. Creio que é engano dele, porque os patrões aceitaram uma série de reivindicações, e porque ela resistiu setenta e tantos dias. Foi em 29.

R.L. - Vamos voltar um pouco no tempo. Vou perguntar o seguinte: em 1920 havia um debate no movimento operário sobre a criação de partido, não tinha? A criação de um partido operário.

O.B. - E a prova foi criar esse Partido Comunista. Não durou, morreu logo.

R.L. - E qual era a posição das principais lideranças nessa época; 1920?

O.B. - Bem...

R.L. - Por exemplo: Florentino de Carvalho.

O.B. - Florentino de Carvalho era contra. Conheci-o pessoalmente, era muito boa pessoa, dedicado, sacrificado, pegou muita cadeia e depois não sei o que se sucedeu. Morreu certamente. Florentino de Carvalho era contra a política, contra o Estado, contra o Partido Comunista, contra Marx, sem conhecer Marx. E leram Sebastião Faurre, Malatesta, Neno Vasco, era o conhecimento deles. Muito boa pessoa, dedicado, muito doente. Florentino de Carvalho.

R.L. - E que grupo ele representava?

O.B. - Bem, grupos de São Paulo sobretudo. Entre os anarquistas de São Paulo. Florentino de Carvalho.

José Oiticica a mesma coisa. Imagine: o homem conhecia não sei quantos idiomas. Oiticica conhecia latim - além do português, porque era professor de português -, conhecia latim, grego, uma porção de coisas. Pois esse homem nunca estudou Marx. Esse homem rompeu comigo e escreveu torpezas contra mim, só porque aderi ao Partido Comunista. Inclusive mentira. Ele escreveu uma coisa que saiu no livro do Muniz Barreto, dizendo que Astrojildo era uma raposa e eu um bobinho que me deixei levar por Astrojildo. Nada disso. Astrojildo jamais discutiu comigo nada de nada, naquele período, 22. Eu trabalhava numa farmácia. Ele chegava com os livros de Marx e de Lenin, botava ali e ia embora. Depois nada me perguntava, porque eu não conhecia Marx - segunda metade de 22. Quando é um dia, em outubro, ele chega, e eu tinha escrito o meu livro *Rússia proletária*. E lá num trecho eu digo: "A partir deste momento pertenço ao exército da revolução mundial dirigida pela Internacional Comunista." Ele deu uma gargalhada. E eu assinei a papelada.

M.C. - E como é que ele passa do anarquismo para o comunismo...?

O.B. - Primeiro há uma crise. Uma crise interna, crise política, crise ideológica. A minha crise foi em 21. A crise de Astrojildo foi um pouco antes. Mesmo porque ele levou, parece, dez anos no anarquismo. E eu só levei dois anos e meio. A gente participa daquelas lutas, não é? Depois faz um balanço: derrota, derrota... A última greve, a greve dos marítimos em 1920: derrota, derrota... Faz um balanço. Que diabo, porque tanta derrota? O sujeito foi dedicado, tinha carinho pelo proletariado. Sacrificou-se. Cortou a carreira. Astrojildo podia ser um jornalista brilhante, um Chateaubriand, rico e tudo isso. E ia escrever artigos que a classe operária não podia pagar. Isso um por um, um por um... Então vem aquela crise. Derrota. Porque a derrota? A derrota porque o anarquismo só pode acarretar derrota. Uma teoria pequeno-burguesa e não uma teoria proletária, para os pequeno-burgueses exasperados e desesperados. Individualistas. Não é uma teoria para a classe operária.

Bem, nesse meio, chegam os livros de Marx e de Lenin. Ele tinha. E começou a ler e foi virando e procurando virar os outros. Formou um grupo, Grupo Comunista, na rua.... Era ali... era, então, o Sindicato dos Sapateiros, perto da rua da Constituição. Ainda está lá o edifício. Eu passo, olho e me lembro. Ele, então, convocou vários amigos, anarquistas, para irem lá. Ele lia aquelas coisas, traduzia do francês para o português. Sobre a revolução na Rússia e aquelas coisas todas. E ele foi virando. A princípio ele tinha dúvidas sobre a revolução na Rússia, mas, depois, lendo esses materiais, foi perdendo as dúvidas e acreditando na revolução. Antes apoiava. Todos nós apoiávamos. Depois surgiram as dúvidas, quando verificamos que a revolução não

era anarquista, [riso] que Lenin não tinha nada a haver com os anarquistas, que os anarquistas eram perseguidos na Rússia - o depoimento de Emma Goldmann, que foi expulsa da Rússia como anarquista. Então aquelas dúvidas, lendo esses livros, passaram. E Astrojildo começou a ler tudo isso para grupos. Na rua... hoje parece que se chama rua Padre Maurício. Uma rua perto da rua da Constituição. Não tem? Padre Maurício.

M.C. - Acho que tem.

O.B. - Pois é. Era ali o Sindicato dos Sapateiros. Antes era na praça da República. Depois era ali. E ele foi lá e fundou o Grupo Comunista a 7 de novembro de 21. Depois o Grupo Comunista se transformou em Partido Comunista.

M.C. - Era no Sindicato dos Sapateiros que ele se reunia?

O.B. - É. Na hora em que não havia movimento dos sapateiros.

M.C. - Algum dos sapateiros, algum operário participou disso?

O.B. - Os sapateiros em geral ficaram no anarquismo. Alfaiates é que aderiram.

R.L. - Mas o alfaiate não é, também, uma ocupação individual?

O.B. - É ocupação individual. Mas havia alguns que foram aderindo, como o Cendón...

R.L. - Manuel Cendón.

O.B. - ...de origem espanhola. O Joaquim... Como é?

R.L. - Barbosa.

O.B. - Joaquim Barbosa. Foram aderindo. Eram militantes Cendón, tantos anos ali, não era anarquista. E não conquistou ninguém no sindicato dele.

R.L. - Otávio, dentro do movimento anarquista, em 1920, quem é que defendia a criação do partido?

O.B. - Em 1920? Bom, há um folheto: Edgard Leuenroth e Hélio Negro. Criação de um partido.

R.L. - Defendem a criação de um partido.

O.B. - Eu li há muito anos, há cinquenta anos. [riso] Não me lembro, só pegando o texto para ver.

M.C. - Mas....

O.B. - Mas era sob a influência da revolução na Rússia.

R.L. - Qual é a forma que esses partidos teriam? Quais seriam os objetivos?

Você lembra?

O.B. - Devia ser... era revolução, derrubar a burguesia. Não precisa criar um Estado nem exército, nada. Abaixo o Estado. Frederico Nietzsche no *Zaratustra*: "Estado, o mais frio dos monstros." Pronto, está tudo resolvido, não precisava exército. E depois houve uma briga conosco. Perguntávamos: "Mas como vamos defender a revolução?" Respondiam: "Não, não, o proletariado saberá se defender." E nós: "Mas como? Semanas, sem a máquina do Estado, sem exército, polícia?" E eles: "Quer horror, que horror!"

M.C. - Agora, Otávio, nessa época você era anarquista. E os anarquistas tentaram criar um partido...

O.B. - Eu fui delegado. E ali mesmo morreu.

M.C. - Você via alguma contradição entre a idéia de se criar um partido e ser, ao mesmo tempo, contra a luta política partidária?

O.B. - Bem, eu li Bakunin, li Kropotkin, li Sebastião Faure, li toda esta gente. E não tinha, assim, uma opinião firme sobre tudo isso. Fui levado um pouco pela corrente. Não tinha. Porque o anarquismo não oferece margem para a gente compreender essas coisas. O programa era a greve geral e revolução. E depois? E depois...? Ninguém sabia nada. Não era eu, que tinha começado outro dia que...

M.C. - Quer dizer que esse partido era mais uma organização de grupo?

O.B. - Não. Esse partido não existiu, não existiu.

M.C. - Sim, mas no projeto?

O.B. - No projeto ia ser um partido político, iria ser uma revolução na cabeça dos anarquistas. Iam compreender.

R.L. - Agora, Otávio, depois disto tudo que você está dizendo para a gente sobre os anarquistas e sobre o Partido Comunista mais tarde, me parece que dentro do movimento anarquista havia mais liberdade para os militantes discordarem das posições majoritárias, não é?

O.B. - Sem comparação, sem comparação. O partido criou uma disciplina e acabou, posteriormente, numa disciplina de quartel, uma coisa horrível. Um dos lados negativos: a gente não podia se manifestar. E havia um individualismo, cada um expunha sua opinião. É assim, muito mais liberdade.

R.L. - E essa disciplina não seria produto do afastamento do partido com relação ao operariado?

O.B. - Não, porque a disciplina é necessária. O que houve era um exagero.

R.L. - Esse excesso de disciplina...

O.B. - A disciplina é absolutamente necessária. O sujeito não concorda mas tem que apoiar aquela linha, porque é da maioria. Por disciplina. Isto é dos estatutos. Concorde ou não concorde. Se a maioria disse isso, você tem de obedecer; do contrário, não é possível haver partido. Como na Internacional, concorde ou não concorde, por disciplina tem de aceitar. E assim se mantém a coesão do partido. No anarquismo não. Faça aquilo lá, faça o que quiser, como na Abadia de Telêmico do Rabelais. O José Elias quando aderiu ao partido em 22 dizia: "Não mais bagunça, não mais [inaudível], tudo nas atas dentro da inácia." [riso] Eu dava uma gargalhada. Era assim. O anarquismo era assim... "Não mais bagunça..." Ah, como é que eu disse? "Não mais bagunça..."

R.L. - Não mais baderna.

O.B. - Não mais não sei o quê, tudo nas atas dentro da inácia. Pois é, a disciplina era necessária, mas...

M.C. - E como você explica esse exagero de disciplina?

O.B. - Porque, mais realistas que o rei. Sob a influência da Internacional Comunista. Já que Lenin acentuou a importância da disciplina. Está lá na moléstia infantil do esquerdismo comunismo,<sup>12</sup> então precisava....

R.L. - Mas Lenin acentuou também outra coisa que ele chamava de ir contra a corrente, não é?

O.B. - E Lenin acentuou, também, o centralismo democrático, e o centralismo democrático acabou virando centralismo burocrático. [riso] Os burocratas assim.... Antes de imaginar essa coisa, etc. Pegava assim o pulso e via logo que aquilo não valia nada. Tipos que não valiam nada. Mas não podia dizer nada.

R.L. - Você tentou ir contra a corrente, e a corrente quase o levou?

O.B. - É, teria sido em 30, teria sido expulso como traidor e não teria feito mais nada.

M.C. - Mas na Internacional, como é que foi a sua participação?

O.B. - Também: cinco anos de ostracismo. Brigando, brigando, acabou com uma desgraça. Bota um caboclo no mundo e ele vai brigar com todo mundo.

M.C. - Mas você brigava contra o que, lá na Internacional?

O.B. - Contra a Internacional mal-orientada. Ela achava que a revolução estava garantida no Brasil. Vitória da revolução. E um bando de sujeitos garantia a vitória da revolução em 35. Eu dizia não. Eu dizia: "Não há nenhuma condição para nenhuma insurreição armada. O que fazer: reorganizar a Aliança Nacional Libertadora e recomeçar. Propaganda, agitação, organização, educação dos operários e dos

---

<sup>12</sup> O depoente refere-se à "Autocrítica dos partidos proletários" (*Esquerdismo: doença infantil do comunismo*, 1920).

brasileiros." Perguntavam: "Quantos anos?" "Não sei." Diziam: "Como você quer, é muito lento e é muito difícil." Eu dizia: "E como vocês querem é fogo de palha, não vale nada." E até o dia, até a hora da derrota da insurreição da Praia Vermelha, eu fui afastado de todo o trabalho político, como um homem que não entende o seu país. Cinco anos e meio de ostracismo. "Não entende o seu país." Pronto, até a hora da derrota da insurreição.

M.C. - Agora, você recusava a insurreição comunista, de 35, em nome de quê?

O.B. - Falei cinco horas uma vez. Três horas num dia, duas horas no outro dia. Mostrando: "O proletariado... Há uma confederação no papel. O sindicato não tem força nenhuma. Os camponeses são ainda piores. A Aliança Nacional Libertadora abandonou os camponeses. A pequena burguesia só tem uma vanguardazinha; as massas, nada. A burguesia nacional não quer nada com a Aliança Nacional Libertadora. Então, fazer a insurreição com quem? Com quem?" Todo o ano de 35. Então fui afastado como um homem que não entende o seu país. Uma coisa terrível...

M.C. - E como é que surgiu esse projeto da Intentona, Otávio?

O.B. - A Intentona que fabricaram... fabricaram aqui, e ainda não pude discutir isso tantos anos depois. Não pude discutir. A Internacional morreu e acabou. Ainda tentei, tentei, tentei, mas a Internacional...

M.C. - Mas a Internacional apoiava...

O.B. - Apoiava a linha daqui. Depois, ainda houve o VII Congresso. E como antes houve intervenções indébitas - a Internacional inclusive, em 30, liquidando a direção do partido aqui no Brasil. Então proibiram que a Internacional interviesse. Dimitrov ficou manietado, não podia.....

M.C. - Quem ficou manietado?

R.L. - Dimitrov.

O.B. - O primeiro-secretário. Não podia intervir. Então deixou que os comunistas aqui fizessem o que bem entendessem. E pronto: deu com os burros n'água. Mas isso não pude discutir. Nem lá, nem cá, nada, nunca pude discutir.

M.C. - Por que você que não conseguiu discutir, lá, esse problema?

O.B. - Isso é uma história complicadíssima, porque gente poderosa é co-responsável. E não poderia permitir isso.

M.C. - Certo.

O.B. - Eu era um simples referente, não era um lá de cima, gente poderosa, co-responsável. Então, ainda fui muito feliz em ter escapado de quatro anos de expurgo de Stalin, imagine você: Stalin expurgou milhares e milhares e liquidou milhares e milhares. Um dos erros terríveis de Stalin. Pois não pude discutir. Tentei, tentei, mandei

traduzir as minhas opiniões do português para o russo. Disse: "Está aqui o que defendi. Isto é oportunismo de direita." Brigando. Não consegui. Quando muito consegui voltar de cabeça erguida. E não morri, não fui...

R.L. - Você chegou em 46?

O.B. - Cheguei de volta aqui em 46. Escapei a quatro anos de expurgo de Stalin. Uma coisa terrível. Escapei a quatro anos de guerra. E voltei à Internacional de cabeça erguida, e não avacalhado, e voltei ao Brasil também de cabeça erguida.

M.C. - Você voltou sozinho?

O.B. - Não, voltei com a minha segunda esposa, minhas filhas. Duas filhas de Lúcia e duas filhas de Laura.

R.L. - Quando você chegou aqui, o partido já era legal, não é? Já estava na legalidade?

O.B. - Espera aí, 46, foram dois anos de legalidade... É, estava legal. Eu queria discutir tudo isso. Não consegui, não consegui. Uma andorinha só não faz verão, já diz o povo. Não consegui. Nem lá, nem cá. Que mais?

R.L. - Bom, voltando então, Otávio. Em 1920, mais ou menos, eles organizaram um agrupamento chamado Coligação Social. Como é que era isso?

O.B. - Não é a do Nicanor?

R.L. - É, parece que Nicanor estava ligado.

O.B. - E outro.....

M.C. - O Palmeira?

R.L. - Álvaro Ventura, Luís Palmeira...

O.B. - Eu combati isto. E os outros combateram, porque isso aí era para eleger os deputados, a eleição... Iria ser um partido político. O Palmeira escreveu um desafio contra mim, publicou na *Voz do Povo*. Eu sustentei que era contra a Coligação Social, porque os anarquistas não podiam se meter...

[FINAL DA FITA 3-A]

M.C. - Porque a Coligação tinha fins, inclusive eleitorais, não é?

O.B. - É, tinha fins eleitorais, queria eleger deputados. Nós não admitíamos.

R.L. - A que elegeu Nicanor Nascimento?

O.B. - Elegeu não.

R.L. - Queria eleger.

O.B. - Ah! Ele queria se eleger. E Álvaro Palmeira, já que não tinha feito carreira no anarquismo, queria fazer carreira, como foi para a maçonaria e acabou grão-mestre, essas bobagens todas.

M.C. - Quer dizer, você, então, combateu a Coligação por que ela tinha fins eleitorais.

O.B. - Do ponto de vista anarquista, aquilo não podia ser.

M.C. - Certo. E já o Partido Comunista criado pelos anarquistas, então, não tinha fins eleitorais.

O.B. - Mas é o que eu estou lhe dizendo: aquilo foi um sopro.

M.C. - Sim, mas enquanto projeto, ele não tinha fins eleitorais. Ou não teria.

O.B. - Teria fins políticos. Mas, pelo momento, era um momento de luta, de greve, de tudo isso. A gente não ia pensar em deputado, senador e ministro. A gente vivia absorvido por esse trabalho nos sindicatos, nas fábricas, à porta das fábricas. Aqueles que não eram operários, nos bairros operários. Resolvendo a Gávea abaixo e acima. Indo para Engenho de Dentro, indo para Deodoro. Era tudo isso. A gente não pensava em deputado, senador, ministro, eleição, nada disto; era luta de classe objetivamente, o que eu disse. Daí a importância.

R.L. - E quem mais combateu a Coligação Social?

O.B. - Não me lembro, não me lembro. A maioria foi contra. Não tinha futuro nenhum. E ainda servia de joguete, de instrumento... de degrau para esses sujeitos se elegerem deputados.

R.L. - E nessa época qual era a posição que Everardo Dias tinha?

O.B. - Bem, Everardo foi maçom, parece que até a morte, se não me engano...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.B. - ...foi meu amigo.

M.C. - Quem, o Everardo?

O.B. - É. Sogro de Astrojildo Pereira. Homem sério, homem sincero. Muitas virtudes, muitas qualidades tinha Everardo. Esteve aqui no Rio. Ajudou muito na publicação da revista do partido, *Movimento Comunista*, e acabou tudo nas mãos da Polícia. Bem, mas

não estudou bem o marxismo, mas estudou filosofia, o materialismo dialético. E por isso ficou maçom, segundo Dulles, até a morte. Mas era uma pessoa sincera...

R.L. - Ele morreu quando?

O.B. - Não sei, parece que depois de 30, mas não sei bem.

M.C. - Ele colaborou com a revista *Movimento Comunista*?

O.B. - Ele foi a alma. Porque tinha a tipografia da maçonaria. A tipografia da maçonaria publicou meu livro *Rússia proletária* - grosso, defendendo a revolução na Rússia -, e publicou a revista *Movimento Comunista*, até que a Polícia deu lá, confiscou aquilo tudo e prendeu Everardo e tudo isso.

M.C. - Isso foi quando?

O.B. - Em 23.

M.C. - Quer dizer, ela vai de 20 ou de 21 a 23.

O.B. - De 21? Talvez de 22 a 23. Já tinha uma edição maior, tudo isso. Então, homem sincero, devotado. Ele foi maçom anticlerical. Teve um jornal, chamado *A Lanterna*, anticlerical em São Paulo. Depois aderiu ao anarquismo. Todos passaram pelo anarquismo. E depois aderiu ao partido. Ele sempre foi muito devotado ao partido.

M.C. - A revista era editada aqui no Rio?

O.B. - Aqui, no Méier, na tipografia da maçonaria.

R.L. - E na década de 20, o que Everardo Dias fez?

O.B. - Dirigia a tipografia da maçonaria.

R.L. - Depois disto.

O.B. - Depois disso, ele se encolheu um pouco. Mesmo porque depois vem 5 de julho de 24, e todos desapareceram. E quem não desapareceu pegou anos e anos de cadeia, ou morreu na Clevelândia. Não se podia brincar com Bernardes e o marechal Fontoura. Se eu estou vivo é porque os policiais de Bernardes não me encontraram. Eu estava no morro do Pinho. Às vezes eu passo no trem, olho e ainda vejo a casa. Rua Saldanho Marinho. Não me encontraram. Dois anos e nove dias, assim, pula daqui, pula dali, d'acolé. Não me encontraram. Teria morrido na Clevelândia.

M.C. - Você ficou fugindo nesse período?

O.B. - Dois anos e nove dias.

R.L. - Maurício de Lacerda é que foi parar na Clevelândia, não foi?

O.B. - Maurício? Não. Ficou por aqui. E no final estava numa casa de saúde na rua Bento Lisboa.

R.L. - Você contou isso para a gente.

O.B. - É, estava lá. Ficou por aqui.

R.L. - E qual era a posição diante da Coligação Social?

O.B. - Não sei. Se ele fez alguma declaração, não me lembro.

R.L. - Parece que ele disse que só... o único partido que ele pertencia era o Partido Republicano Fluminense.

O.B. - Ele era muito vaidoso e muito individualista. Sempre assim. Ele se julgava o centro do sistema solar e que iria ser o líder do Brasil. E tratava os outros como uns pobres-diabos, uns vermes se arrastando. Uma auto-suficiência... E isto o desgraçou: em vez de fazer uma carreira brilhante ao nosso lado, naquelas lutas todas, ele foi se apagando. Foi derrotado em 27. Não quis aderir ao Bloco Operário e foi derrotado. E ainda lançou a candidatura de Prestes para cindir com o movimento. Nós queríamos congregiar todas essas forças: proletariado, pequena burguesia urbana revoltosa, tudo isso. Ele lançou a candidatura de Prestes contra a candidatura de João da Costa Pimenta.

R.L. - Quando ele lançou a candidatura do Prestes, ele tinha combinado alguma coisa com Prestes, ou lançou por iniciativa dele?

O.B. - Sim, pela vontade dele.

M.C. - E qual era a posição de Prestes nesse momento?

O.B. - É preciso ver a data. Em 27?

R.L. - Em 27. Com relação ao Bloco.

O.B. - É preciso ver se ele já tinha atravessado a fronteira da Bolívia. Em geral ele deixava Maurício de Lacerda dizer essas bobagens, ou fazer essas coisas. Só depois, em 1º de maio de 1930, é que ele lançou o manifesto contra Getúlio, contra essa gente toda, mas pregando os conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros. O maior disparate do mundo o manifesto. Um revoltoso pequeno-burguês. Em vez de congregiar essas forças todas, como nós queríamos... não...

R.L. - E o grupo Clarté?

O.B. - Bem, eu recebi materiais, dei muitos endereços para Maurício de Lacerda. E eles mandaram materiais para esse grupo. Mas era um grupo de intelectuais. Tinha a sua importância por causa dos nomes que aderiram, internacionalmente e nacionalmente, mas não se reuniam, não faziam nada. Apenas alguns manifestos, uns apelos.

R.L. - Chegou a publicar uma revista? Revista *Clarté*.

O.B. - Isso foi na França.

R.L. - Não, no Brasil.

O.B. - Não, não sei.

R.L. - Dois mil números, a tiragem.

O.B. - Não sei. Sei que eram coisas efêmeras mesmo. Eram intelectuais que não tinham esse espírito de organização, pé-de-boi. E por isso se evaporava logo. Eu publiquei um manifesto de Clarté no jornal burguês *Imparcial*. Eu escrevi à Clarté aderindo. Fiz um apelo aos homens de Clarté, e o apelo saiu em alemão, traduziram para o alemão. Saiu na revista *Viena Daus*<sup>13</sup> dizendo: "Do Brasil, Otávio Brandão faz um apelo a fulano, a Anatole France, a Barbusse, a beltrano, sicrano. Um apelo contra a reação, contra o governo brasileiro." [riso] Em *Viena Daus* saiu.

R.L. - Quer dizer que o grupo Clarté brasileiro não tinha nenhum projeto político?

O.B. - Bom, eram intelectuais que se encontravam, conversavam, mas não faziam, assim, um trabalho sistemático. Quem fez trabalho sistemático no Brasil foi o Partido Comunista, a Polícia, [riso], os governos. Pé-de-boi, chama o povo, pé-de-boi.

R.L. - Parece que essa Coligação queria organizar um partido socialista.

O.B. - Houve várias tentativas. Uma delas não fracassou: foi Agripino Nazaré. Mas nós combatemos muito e acabamos enterrando. Enterramos em 27 o Partido Socialista de Agripino Nazaré. Era um partido eleitoreiro.

M.C. - Ele era apoiado por que grupos?

O.B. - Agripino Nazaré?

M.C. - É, o Partido Socialista.

O.B. - Lá na Bahia. Na Bahia ele tinha influência. E aqui havia o Amaro de Araújo, que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, União dos Operários Metalúrgicos, que, ao mesmo tempo, era da Polícia. Nós desmascaramos. Fomos desmascarando e liquidamos. Foi uma luta tremenda no ano de 26. Sem esta luta nos sindicatos, não teríamos fundado a Federação em 27, e a Confederação em 29.

R.L. - Mas vocês não tinham uma política de frente ampla?

O.R. - De frente ampla, mas não com "filhos da Prússia". [riso] Esses eram uns canalhas, traidores, recebiam verbas da Polícia. José Pereira...

R.L. - Os socialistas? Esses que estavam tentando fundar o Partido Socialista?

---

<sup>13</sup> Nome mais aproximado do que foi possível ouvir.

O.B. - É, que aderiram à... E Agripino Nazaré, num Jornal *Vanguarda*, defendia esses canalhas todos e nos atacava.

M.C. - Quem eram esses ligados à Polícia?

O.B. - Bem, vamos ver os nomes: Amaro de Araújo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Deveria ser uma coisa séria! Pois o miserável chegou a guiar uma caravana da Polícia, que invadiu o Sindicato dos Alfaiates, para prender meio mundo que estava lá. [riso] Eu saí numa disparada doida, fazendo ziguezague e não me pegaram. Mas muita gente foi presa. Amaro de Araújo.

Outro: José Pereira de Oliveira, presidente, imagina que luta terrível, do presidente dos Sindicatos dos...

M.C. - Dos Têxteis...!

O.B. - É, José Pereira de Oliveira. Havia reunião, reunião geral, alguém se levantava para protestar contra a política de José Pereira de Oliveira, ele dava meia volta e entregava a presidência a alguém, algum cupincha. Ia para a secretaria e lá telefonava para o coronel Bandeira de Melo, chefe da Polícia política, avisando: "Fulano de tal está na assembléia atacando, assim." Terminava a assembléia, o rapaz saía, ali mesmo na rua Acre era preso. Muitas prisões.

M.C. - Mas engraçado, Otávio, esse José Pereira de Oliveira participou da criação do sindicato em 17.

O.B. - Sim, mas depois ele traiu, porque o maior corruptor que eu encontrei na minha vida foi o Coronel Bandeira de Melo. Era um velho, uma cara horrível, feio. Não mandava dar surra. Pela primeira vez comi pão-de-ló lá na Polícia, me deu uma cama na Polícia. Mas era um desgraçado para corromper os líderes sindicais. Coisa pavorosa. Ele corrompeu meio mundo naquele... em 26. E foi uma luta muito difícil. Depois, eu lendo a história do partido vi que na Rússia houve um coronel - depois me lembro o nome dele - que realizou esse sindicalismo policial. E o Bandeira de Melo em 26 realizou isto. Toda uma série de sindicatos nas mãos do coronel Bandeira de Melo.

M.C. - Qual mais? Quem mais você lembra além desses dois?

O.B. - Ah! O Luís de Oliveira...

R.L. - Isso em que ano?

M.C. - Em 26.

O.B. - Em 26. Foi uma luta desesperada. O Sindicato dos Estivadores com Luís de Oliveira e o Sotello; Sindicato dos Cocheios e Carroceiros também. Era assim: ligados diretamente à Polícia. Foi uma luta muito grande contra esses amarelos, traidores, pagos pela Polícia, e contra o coronel Bandeira de Melo.

M.C. - E como é que ficava a coisa entre os têxteis? Porque os têxteis, a massa inclusive do operariado...

O.B. - Não ia lá.

M.C. - Não ia?

O.B. - Não. Já em 21 foi assim... Os sindicatos... Houve aquela *débâcle* em 21, já em 21. E nós, com um esforço tremendo, aquele trabalhinho de formiga, pouco a pouco reorganizando os sindicatos. Trabalho lento, com estado de sítio e tudo mais.

M.C. - Quer dizer que depois da derrota das greves dos têxteis, o sindicato perdeu muito da sua...

O.B. - Tudo, tudo... Ficaram lá nas fábricas. Só uma vanguardazinha é que ia ao sindicato.

M.C. - E aí que começou, então, a mudança, vamos dizer assim, ideológica do José Pereira de Oliveira?

O.B. - Esses diretores todos, uns miseráveis, miseráveis. Conheci todos esses sujeitos e combati em 26. Foi uma luta muito difícil. Eu, ilegal, combatendo esses cachorros. Uma luta diretamente contra a Polícia.

M.C. - E, Otávio, nesse período, quer dizer, durante a década de 20, foi importante ou difícil a luta contra o anarquismo no seio do movimento operário?

O.B. - Foi difícil: primeiro, eles ainda tinham certas posições em sindicatos como Construção Civil, Sapateiros etc., e, muitas vezes, os comunistas não souberam defender uma política de frente única, de fraternidade etc. e transformaram o anarquismo [riso] no inimigo principal. Na Construção Civil e nos Sapateiros houve lutas tremendas. Houve uma reunião nos Gráficos, e a polícia assassinou um anarquista e um simpatizante do partido nessa reunião. Eu escapei por um triz. Escapei nos últimos segundos. Quando eu vi que ia começar o tiroteio e que eu não podia fazer nada, desci as escadas. Ainda estava no começo das escadas, quando começou o tiroteio. Mataram o Antonino, que era anarquista, e mataram um rapaz que era simpatizante do partido, gráfico. Coisas assim.

R.L. - E você defendia uma política de frente única com os anarquistas?

O.B. - Frente única. Mas a luta tomou tal aspecto, que já não era mais possível a frente única.

R.L. - Quem radicalizou?

O.B. - Os ataques deles, violentos. Nós atacávamos do ponto de vista de princípios. É fácil ver no livro *Rússia proletária*: Florentino de Carvalho, Fábio Luz, [inaudível] etc. E divergi no terreno teórico, filosófico, político. E ele, por exemplo, Oiticica escreveu... Oiticica me conhecia... Oiticica tinha tanta confiança em mim que, em 19, ele

saía com a esposa - eu era solteiro - e me deixava tomando conta das filhas - tamanha era a confiança dele. E depois escreveu: "Otávio Brandão não conseguiu ser deputado, senador e ministro e, por isto, abandonou o anarquismo e aderiu ao Partido Comunista." Coisas assim. Havia um tal Marques da Costa, fingia de operário. Esse tinha a seção operária do jornal A Pátria, escrevia infâmias contra nós. Então a luta foi se agravando. E o livro do Muniz Bandeira, *O ano vermelho*, tem a tradução da opinião de Oiticica, explicando como é que eu... primeiro muitos elogios, mas depois aderi ao Partido Comunista, era como um bobo nas mãos de Astrojildo Pereira. Ele fazia de Astrojildo um velhaco, uma raposa. Astrojildo nunca teve nada de velhaco, pelo contrário, era ingênuo.

M.C.- Agora, você acha, Otávio, que o fato de o partido ter transformado o anarquismo em inimigo principal, enfraqueceu, de alguma forma, o partido junto ao operariado?

O.B. - Não, porque aí os sindicatos estavam reduzidos a esqueletos. Os anarquistas depois de 20... Em 21 os sindicatos eram reduzidos a esqueletos. E o partido nasceu em 22. O partido fez tentativas de frente única. Os anarquistas sempre recusaram, sempre, sempre! Nada, nada! E escreviam essas coisas infames. Conhecendo pessoalmente. Coisas infames. Marques da Costa, Oiticica, todo mundo.

R.L. - E, dentro do partido, não tinha setores que se opunham a uma aliança com o anarquismo?

O.B. - Que eu me lembre não. Havia camaradas como Sebastião Figueiredo, uma boa pessoa, Sebastião Figueiredo, alfaiate artesão... Ele publicou um artigo, dizendo:<sup>14</sup> "Eu aderi ao Partido Comunista, porque é o único meio de realizar o anarquismo." O Partido Comunista é que vai realizar o anarquismo..., quer dizer, sem Estado, sem poder, sem ditadura. Havia gente assim; em tamanha confusão.

R.L. - Otávio, eu queria saber o seguinte: como é que se deu a aproximação do Astrojildo Pereira dos princípios da III Internacional?

O.B. - Bem, ele tinha uma biblioteca esplêndida e foi recebendo livros e materiais. Depois o Nequete esteve no Uruguai e lhe deram materiais que, inclusive, ele trouxe para cá. Então Astrojildo cometeu um erro fazendo de Nequete o secretário do partido. Nequete não tinha nenhuma capacidade para nada de nada. Ele foi preso... Houve o 5 de julho de 22, a insurreição de Copacabana, e os comunistas estavam lá, na sede, como se nada tivesse havido. Bom, a Polícia foi lá e prendeu tudo. Quando Nequete chegou na Polícia - pensava que aqui fosse como na Europa - disse: "Eu é que respondo por toda esta gente." [riso] O Pereira, nosso velho conhecido, disse: "Quem é você?" "Eu sou Abílio de Nequete, eu sou o secretário do partido. Eu é que respondo por todos." "Abílio de Nequete? Você é brasileiro?" Ele disse: "Sou brasileiro." "Você não é brasileiro, você é um turco. É um turco safado, sem-vergonha." Viu? "Vá-se embora. De onde que você é?" Ele respondeu: "Sou de Porto Alegre." "Vá-se embora; senão, volta para aqui e leva uma surra, uma surra daquelas."

Bom, Nequete chegou lá, onde eu trabalhava. Sentou na cadeira e disse: "Estou morto." Eu já sabia. Digo: "O que é, Nequete?" Ele falou: "A Polícia disse isso." Eu

---

<sup>14</sup> O entrevistado neste momento começa a ler um trecho de suas memórias.

falei: "Eu já não disse a você que aqui não era brincadeira, que a gente era preso e apanhava, pelo menos soco?" Pois ele tomou o primeiro navio e foi embora para Porto Alegre. E lá voltou a ser barbeiro, no final brigou com os outros, e os outros acabaram expulsando-o. Então o centro de Porto Alegre, aí é que se desenvolveu. Ficou com aquela organização dos cinco oprimidos... Parece 17, 18, 19, 20, 21, 22 - cinco oprimidos. Conversava fiado, é assim. Sempre tinha citações de Lenin. E eu dizia: "Nequete, isto aqui não é brincadeira não." Ele uma vez olhou, e eu disse: "Aquele que está ali em frente à farmácia, está vigiando aqui, aquele é da Polícia." E ele me disse: "E aqui andam como nós?!!" E digo: "Mas então que agente secreto se..." E ele: "Lá em Porto Alegre não; eles andam fardados." Aí eu disse: "Não são agentes secretos." [riso] Coisas assim.

M.C. - Mas que cinco oprimidos são esses de que você estava falando lá?

O.B. - Eram os cinco membros da organização.

R.L. - União Maximalista de Porto Alegre.

O.B. - União Maximalista de Porto Alegre. Os cinco membros. Aquela seitazinha, fechada, vegetou de 17, 18 até 22. Em 22 expulsaram-no, e aí cresceu.

R.L. - Aí o partido cresceu em Porto Alegre?

O.B. - Cresceu em Porto Alegre.

R.L. - O Leuenroth conta uma história que veio um delegado da Internacional procurar o...

O.B. - Bom, aquilo parece fantástico. Procurar o...

R.L. - Alguém que pudesse fundar um partido.

O.B. - Procurar o... Leuenroth. Leuenroth mandou para Astrojildo. Só Astrojildo é que poderia responder se isso é verdade ou não. Parece coisa meio fantástica.

R.L. - E qual era a prática política do Astrojildo Pereira antes do...?

O.B. - Anarquismo, dez anos mais ou menos.

R.L. - Dez anos? Ele veio de onde? Qual era a origem dele?

O.B. - Pequena burguesia urbana. Agora, o pai tinha uns terrenos em Rio Bonito. Plantava bananas. E quando ele foi expulso do partido, ficou vendendo banana. Não traiu, mas teve essa fraqueza. Vendendo banana. O pai era proprietário rural. Ficou dez anos no anarquismo. Foi um erro dele.

R.L. - Agora, antes da fundação do Partido Comunista, havia alguns grupos comunistas, não é?

O.B. - Não sei.

R.L. - Grupos comunistas que antecederam o partido.

O.B. - Houve o Grupo Comunista de Astrojildo em 7 de novembro de 21. Já pensando em se transformar em partido - 7 de novembro de 21 - Grupo Comunista.

R.L. - Grupo Comunista do Rio de Janeiro.

O.B. - É.

R.L. - Esse grupo aceitava aquelas 21 condições da Internacional?

O.B. - É. Mas Astrojildo fez mais propaganda desse material que ele recebeu sobre a revolução na Rússia, sobre Lenin. Aí provou que Lenin não era anarquista, que a revolução não foi anarquista. Representou um papel importante.

R.L. - Inclusive é nesta época que ele escreve um folheto com outro nome. Acho que é Alex Pavel.

O.B. - É, Pavel. Defendendo a revolução na Rússia. Um artiguete.

R.L. - E qual era a penetração, a importância da revista *Movimento Comunista*?

O.B. - Bem, ela teve muita importância pelo seguinte: porque defendia a revolução na Rússia, explicava o marxismo, publicava materiais diversos, artigos e tudo isso. Então foi orientando essa gente que não tinha nada na cabeça. Ainda pensava que Marx era um reformista, social-democrata. Pensava ainda que Lenin era anarquista, que a revolução foi anarquista. E a revista foi orientando sobre o marxismo e a revolução na Rússia. É a importância dela. Mas era muito sectária, muito estreita, pequena. E um círculo restrito. Aliás, toda a vida de Astrojildo é assim. No Recife, em São Paulo, no Rio, em Porto Alegre, é assim. E a Polícia liquidou em 23.

M.C. - Agora, Otávio, eu já estive uma vez com alguns números dessa revista no arquivo do Leuenroth. Andei folheando a revista e vi que lá, na revista, existia uma série de proposições de como reorganizar os sindicatos.

O.B. - Isto desde o princípio.

M.C. - E quais eram essas proposições, quer dizer, estavam baseadas em quê?

O.B. - Nós queríamos... queríamos não, nós recrutamos operários para todos os sindicatos onde tínhamos alguma influência: União dos Operários em Fábrica de Tecidos, Sindicato dos Metalúrgicos, da Construção Civil, dos Sapateiros, do Centro Cosmopolita. Tínhamos o jornalzinho *Voz Cosmopolita*, que foi importante porque ativou o movimento entre os cozinheiros e garçons etc. e publicou a tradução do Manifesto Comunista de Marx e Engels. Depois, lá no Rio Grande do Sul, os camaradas publicaram em folhetos, mas isso já foi em 24, 25. E em 23 *Voz Cosmopolita* publicou uma série. Então fomos trabalhando, militando nos sindicatos, fazendo conferências nos

sindicatos, contra a vontade da Polícia. Acabava a Polícia invadindo, prendendo a torto e a direito, mas nós insistindo: fazendo conferências nos sindicatos e explicando a revolução da Rússia e o marxismo nos sindicatos. E recrutando, recrutando grupos, aqui, ali e acolá.

M.C. - Havia algum projeto de reorganização da estrutura sindical?

O.B. - Bem, posteriormente, a Internacional Comunista aprovou um documento geral para a reorganização sindical. Mas isso não me lembro quando. Nós já tínhamos reorganizado em parte. E em 27 fundamos, depois dessa luta de 26 contra os amarelos, a Federação do Rio de Janeiro e, em 29, a Confederação. Mas já foi depois.

M.C. - Foi depois.

O.B. - Há quatro anos de estado de sítio. Então aquele trabalho de formiga, trabalho lento, lento... e daqui, dali, dacolá e formando grupos para explicar as coisas mais simples, mais elementares: o que é o imperialismo, porque o Brasil é um país semicolonial, porque o Brasil é um país cheio de sobrevivências feudais. Um trabalho tremendo. Um grupo aqui... Estado de sítio não se podia brincar... Um grupo na Gávea; outro grupo em Niterói; outro grupo no Engenho de Dentro; um grupo no Centro Cosmopolita; outro na Associação dos Marinheiros e Remadores. Vivia assim.

E o José Pereira denunciou os locais desses grupos....

M.C. - Esses eram grupos de...

O.B. - Para estudar. Camaradas nossos iam e explicavam essas coisas mais simples.

M.C. - Eram grupos formados por operários?

O.B. - Eram operários, a maioria era de operários. Como na Gávea. Como em Niterói.

M.C. - E como é que surgiam esses grupos?

O.B. - Bem, eles viviam nos sindicatos. Na tarimba dos sindicatos. Eram membros e sócios dos sindicatos. E nós aproveitamos.

M.C. - Eram os poucos que ainda se mantinham filiados aos sindicatos?

O.B. - Uma vanguarda, uma vanguarda. Os sindicatos viraram esqueletos. Esta foi a herança do anarquismo em 21, 22. E o partido, desde a primeira hora, começou a trabalhar para...

M.C. - Quer dizer que foi então nesse clima que se deu, inclusive, a luta contra o anarquismo nos sindicatos?

O.B. - Nós travamos todos esses... A luta foi se agravando cada vez mais. Eles nos atacando de uma forma horrível. Procurando inflamar... E, até em 24, vem a insurreição de São Paulo. Nós entramos na vida ilegal. E eles queriam continuar na vida legal, nos sindicatos. Ora, houve prisões em massa de anarquistas, foram deportados.

M.C. - Em que sindicatos?

O.B. - Por exemplo: o Marques da Costa era da Construção Civil, bancava de jornalista. Foi preso e deportado para Portugal, de Portugal, Salazar deportou para a África. E outros também.

M.C. - Entre o dos Sapateiros também. Nesta Época ainda continuava como sindicato anarquista?

O.B. - É. Havia simpatizantes entre os Sapateiros e os da Construção Civil, mas não souberam trabalhar. Não aplicaram a linha do partido. Iam [riso] inclusive armados, para brigar. Dizíamos: "Não, não faça isso." Nos Padeiros, davam surras nos fura-greves. Foi uma luta tremenda! Davam tiros nos burgueses e tiros nos fura-greves. Foi uma luta tremenda!! Eu me lembro de uma reunião que durou até as duas horas da madrugada. A CCE, Comissão Central Executiva, me mandou lá. Eu disse: "Vocês dão tiros, são presos, dão surras." Pegavam racha de lenha, nas padarias, e lascavam a cabeça, quebravam os fura-greves e os patrões. Eu dizia: "Vocês fazem isso, e o Partido Comunista não pode assumir a responsabilidade. Vocês ficam abandonados na prisão."

M.C. - Isso foi em que época, Otávio?

O.B. - Antes do 5 de julho, 23, 24. Eu dizia: "O partido não pode assumir a responsabilidade de surras, de tiros." [riso] Um parece que matou um patrão. Coisas assim. Os padeiros diziam: "É um bandido fura-greve, tudo isso." Eu dizia: "Seja o que for, o partido não pode permitir." E só às duas horas - imagine que luta - às duas horas da madrugada, parece que eles já estavam cansados de tanta discussão é que aceitaram a lei do partido. Coisa terrível.

M.C. - E nos Padeiros existiam, nesta época, líderes anarquistas?

O.B. - Não digo anarquistas, mas simpatizantes do anarquismo. E o Marques da Costa ia para lá, para envenenar aquela gente contra nós. Pois na Construção Civil, também: queriam resolver com tiro. Foi uma luta. O partido proibiu: "Não pode dar tiro em ninguém." Diziam: "Mas é burguês, ou é fura-greve." Eu dizia: "Não pode, não pode." Aquelas reuniões... duravam assim. E, às vezes, juntavam três, quatro, cinco oradores atacando o enviado da CCE. Não queriam obedecer.

M.C. - Quer dizer, Otávio, que existiam sindicatos ligados à Federação que estavam mais voltados para uma luta de melhoria econômica do que propriamente ligados a uma ideologia anarquista ou objetivos revolucionários.

O.B. - Bom, havia uma influência geral do anarquismo, mas isso era uma vanguarda, que ficou muito reduzida com Eptácio deportando a torto e a direito. E ficaram aqueles restos, os esqueletos dos sindicatos. Nós herdamos esqueletos, e foi uma luta de anos e anos, e contra esses obstáculos todos. Às vezes a reunião durava até a meia-noite. Houve reuniões até as duas horas da madrugada...

M.C. - De delegados do partido....

O.B. - Enviados da CCE e membros dos sindicatos. Havia o jornal *Voz Cosmopolita*. Começamos uma luta contra Agripino Nazaré, que caluniou miseravelmente a revolução da Rússia. E o jornal era dos camaradas, mas os camaradas foram contrários àquela polêmica. Eles diziam: "Essa polêmica não interessava aos garçons e cozinheiros." Mas é uma questão política liquidar esse Partido Socialista, que é infame, liquidar esse Agripino Nazaré, que quer ser deputado à custa dos operários." E só às duas horas da madrugada é que a discussão terminou. Eu creio que pelo cansaço [riso], não dava mais para agüentar... No final ficou decidido que o jornal continuaria a polêmica: *Voz Cosmopolita* continua a polêmica até liquidar o Partido Socialista de Agripino Nazaré. Coisas assim: surras nos padeiros; tiros também nos padeiros, passavam fogo, não queriam conversa. E, assim, na *Voz Cosmopolita*, essas lutas. Precisava-se ter nervos de aço. E isso tudo na vida ilegal, quatro anos de estado de sítio, e sempre ameaça de Clevelândia, se a Polícia pegar...

R.L. - Otávio, vamos voltar aqui para a época da fundação do partido. Eu queria saber o seguinte: as 21 condições da Internacional Comunista correspondiam às necessidades do movimento operário brasileiro?

O.B. - Mais ou menos. Com a tradição de anarquismo, tradição de federalismo, tradição de irresponsabilidade. Precisávamos fechar as portas. Assim, de memória, não me lembro. Mas precisávamos fechar as portas, impedir a entrada de reformistas, a entrada de anarquistas, criar um verdadeiro Partido Comunista baseado no marxismo, pelo menos subjetivamente. Sebastião Figueiredo pensava assim, mas era fiel ao partido, e nós não podíamos expulsá-lo por causa disto. As 21 condições eram necessárias. Mesmo... sobretudo na Europa com aquela social democracia reformista, cada um querendo ser ministro. Havia os ministros sociais-democratas, socialistas, havia os ministráveis, os candidatos a ministro. Ah! Sobretudo na Europa, porque foi feito, sobretudo, para a Europa.

R.L. - Pois é. Essas 21 condições não seriam uma receita, assim, pronta, preparada antes?

O.B. - Bem, uma vez Lenin criticou porque disse que os documentos da Internacional eram russos demais e precisava de mais flexibilidade. Mas isso era Lenin, viu? Isso não era tarefa para Zinoviev e companhia, presidente da Internacional Comunista. Havia outros homens como Dimitrov. Dimitrov era um homem de extrema *souplesse*, como dizem os franceses, aquela flexibilidade. E, por isto, ele ganhou a batalha no tribunal nazista em Leipzig. Se fosse um sectário, iria fazer uma leitura [riso] de um documento da Internacional, e o Hitler mandaria cortar a cabeça. Mas não, estendeu as mãos para todo mundo.

R.L. - E, na fundação do partido, o que foi mais importante: a influência da Internacional Comunista, ou as necessidades reais do movimento operário?

O.B. - O que mais influenciou foi a nossa experiência no Brasil, quer dizer, a bancarrota do anarquismo, ao derrota daqueles movimentos, aquelas greves derrotadas - a nossa experiência. Astrojildo tinha dez anos de anarquismo. E a nossa experiência, porque os materiais foram muito poucos.

M.C. - Agora, o Astrojildo nunca foi um... Ele foi um líder muito militante dentro do sindicato, ou mais um intelectual, um jornalista...?

O.B. - Essa era a desgraça dele. Ele era um jornalista brilhante. O amigo fiel da União Soviética, devotado ao partido. Mas teve dez anos de anarquismo, quer dizer, entortou a boca. Não estudou o materialismo dialético. Nem filosofia. Nunca o vi estudando filosofia. Ele conhecia muito literatura em geral: francesa, espanhola, brasileira, latino-americana etc. Mas uma das falhas principais é que não estudou o Brasil, não estudou a filosofia, o materialismo dialético. E sobre o material histórico é toda uma série... Borboleteou através de umas tantas brochurinhas mal traduzidas. É a desgraça dele. E chegava a hora... "Vamos para as fábricas, para as portas das fábricas, já que não somos operários, vamos para os bairros..." Ele não ia, ia aos sindicatos. Não era um orador, assim, empolgante; era um jornalista brilhante, mas não um orador empolgante. Esta é a desgraça dele.

M.C. - Na época do anarquismo ele militou muito junto aos sindicatos ou não?

O.B. - Ia aos sindicatos; ao passo que os outros faziam a tarimba nos sindicatos.

M.C. - Ele não?

O.B. - Ele não. Ia ao sindicato, alguma coisa, uma revista, um jornalzinho. E sempre esses jornais sectários: jornal *Crônica Subversiva*, uma folhinha desse tamanho; depois a revista dele, *Movimento Comunista*, desse tamanho; depois a revista *Leitura*, desse tamanho. Sempre assim, daquela seitazinha. E ele tinha prazer em viver no meio daquela seita. Ao passo que nós não; íamos procurar massas. Esta é a desgraça dele. Ele tratou de conquistar anarquistas, aqueles que vinham para cá com toda aquela mentalidade. Precisava de uma revolução, e não houve essa revolução. A não ser num ou noutro... E nós e uns outros compreendemos que aquilo era inútil - conquistar em massa os anarquistas que atraíram para cá todos aqueles defeitos: falta de disciplina, o individualismo, tudo isso. E depois anarquistas sem massas. Ao passo que nós... E tenho os nomes deles no artigo da *Revista Brasiliense do* [inaudível]: fulano, beltrano e sicrano. Fomos às massas, massas virgens. Nós compreendemos que não adiantava conquistar anarquistas para cá. É assim: fomos procurar massas virgens - tecelões, Engenho de Dentro, Deodoro, Gávea, tudo isso. Procurando massas virgens. E ele... Havia reunião da CCE, ele traçava assim, discutia, traçava assim. Aí ele ia embora para Niterói, no meio dos livros, e nós é que ficávamos encarregados de travar a batalha ou dirigir a batalha. No final quando chegou a hora - 30 -, para ir às massas, ele fracassou. Disse que queria ficar nas torrinhos como ator.

R.L. - Otávio, você falou que na fundação do Partido Comunista a influência da Internacional não foi muito grande. Agora, na organização do partido qual foi a maior preocupação: obedecer às 21 condições ou adaptar-se à realidade da classe operária?

O.B. - Obedecer às 21 condições. Agora, digo, a influência dela não foi grande... a influência assim, como... direção da Internacional, mas a influência ideológica foi imensa: os livros, os manifestos, tudo. A influência da Internacional foi sobretudo a influência ideológica da Internacional na nossa experiência no Brasil. E nós tratamos de

adaptar as 21 condições, mas procurando sempre as massas. Onde estão as massas? Fazendo aquelas listas. As maiores empresas do Rio de Janeiro: fábrica Corcovado na Gávea, fábrica São Félix na Gávea, fábrica Carioca na Gávea, fábrica Aliança nas Laranjeiras, Moinho Inglês. Vamos à hora do almoço conversar com esses operários. E metíamos luta de classe, luta de classe. Isto foi decisivo. Virando a cabeça dos operários e criando pequenos grupos - mas isto já foi em 25 - pequenos grupos de operários, explicando as coisas: o que é imperialismo, porque o Brasil é um país...

Há coisas gozadas mesmo: Niterói, 1925, o partido me mandou lá criar um desses grupos. Eram trabalhadores daquelas ilhas. Ilha...

R.L. - Das cobras.

O.B. - Havia Mocanguê, havia Pereira Carneiro, ali...

R.L. - Conceição.

O.B. - Conceição, daquelas ilhas. Pretos caldeireiros, carpinteiros navais, foguistas. Bom, eu comecei, 1925. Eles me conheciam, conheciam o meu disfarce. Nunca me traíram. Fui traído por um desempregado, que me vendeu por seiscentos mil-réis, mas em 31. Nunca me traíram. Eu digo: "Bem, eu vim explicar a vocês o que é o imperialismo. O imperialismo é a dominação do capital monopolista e financeiro. O que quer dizer isto? Capital são monopólios. Os monopólios são como a Light. A Light monopoliza isto, isto..." Falei uns 15 minutos. Depois de 15 minutos, parei e perguntei: "Entenderam?" [riso] Um daqueles negros se levanta e diz: "Camarada Otávio, não entendi nada. Houve o Império, depois veio a República. Os republicanos deportaram d. Pedro II. Lá se foi d. Pedro II com toda a família. E agora vem o camarada atacar o imperialismo, dizer que o inimigo é o imperialismo. Para que a gente combater d. Pedro II? Não tem mais razão nenhuma." Eu digo: "Eu nem falei em d. Pedro II, não falei em Império." [riso] Ele disse: "Mas não falou em imperialismo, não é a mesma coisa que Império?" Eu digo: "Não! Há um abismo entre Império e imperialismo." Eu parei, olhei assim e digo: "Qual! Não adianta nada." Eu continuei: "Bem, vamos chegar a um acordo. É estado de sítio, tenham muito cuidado, heim... Vocês, domingo próximo, vão à avenida esquina da rua da Alfândega. Procurem bem. E eu estarei lá, três horas da tarde."

Quando chegou o domingo seguinte, olhei assim e disse: "Somente três de cada vez." Olhei e digo: "Três." Os meus alunos lá: avenida, esquina da rua da Alfândega. Eu não me lembro se o City Bank era na esquina, já em 25. Olhe, uns nem sabiam ler, então eu lia: "Banco Alemão Transatlântico." Digo: "Isto é o imperialismo, mas o imperialismo alemão; Banco Português do Brasil, isto é imperialismo, mas é imperialismo português, que é meio Colônia, meio imperialismo; Yokoma Bank Express é imperialismo japonês." E eles repetindo: "O imperialismo é um banco, é a denominação dos bancos. O banco domina a indústria, o banco domina os jornais, o banco domina as farmácias, o banco domina... O imperialismo é um banco." Eu digo: "Este aqui é o London River Plate Bank, imperialismo inglês; este é banco americano. O imperialismo é o banco." E eles saíam até a rua 1º de Março. No domingo seguinte outro grupo. Três. Eu continuava: "Imperialismo é o banco. Imperialismo é o banco." [riso] E assim eles começaram. Tempos depois, criaram células naquelas ilhas. Em toda parte fizeram greve, pintaram o diabo. Mas começaram assim: o imperialismo é, pela rua da Alfândega, eu com aqueles textos. E não adiantava dar... Havia casos que não

adiantava dar manifestos, não sabiam nada - analfabetos, uma massa colossal de analfabetos -, muitos analfabetos. Eu tinha de repetir a mesma coisa inúmeras vezes, aqui, ali e acolá. Para ensinar. Eles aprendiam ouvindo e não lendo como os intelectuais.

R.L. - E, fora essa tarefa educativa que vocês tinham, qual era a alternativa política que propunham?

O.B. - Bem, nós queríamos uma frente única: proletariado, camponeses, pequena burguesia urbana - burguês, chamávamos burguesia industrial - contra o imperialismo. E muito material contra o imperialismo. Para você...

R.L. - Vocês propunham isto para os operários?

O.B. - Sim, em toda parte, em toda parte...

R.L. - E como é que era a aceitação disto por parte dos operários?

O.B. - Os operários aceitavam. Mas depois isto foi caracterizando como oportunismo de direita. Em nome dos soviets: 1924, página 235...

M.C. - Que trabalho é este, Otávio?

O.B. - É biografia. Fui buscá-la, trouxe para aqui. O pensamento de 1924 em *Agrarismo e industrialismo*: "Compreendamos que sem a bússola teoria, naufragaremos completamente no meio do caos atual. Unamos diariamente a teoria marxista-leninista à luta prática revolucionária e vice-versa." Está aqui: defesa da teoria. Agora, sobre o materialismo dialético, textual: "Estudemos os fenômenos sociais à luz da nossa dialética, da nossa filosofia, o materialismo dialético. O materialismo como a própria ciência em constante elaboração. O materialismo que só admite a ciência positiva da natureza e da história, um materialismo militante, proletário, que destrói a ciência e a literatura reacionária. Conhecer a fundo o Brasil. Estudemos a fundo o Brasil em seus mil aspectos. É no Brasil que teremos de realizar a obra do leninismo." Então vêm, assim os pensamentos de 1924 sobre o imperialismo. Tem muitas coisas contra o imperialismo, não só o imperialismo em geral, mas, também, imperialismo no Brasil, contra os imperialistas.

M.C. - Essa biografia você começou a escrever na época ou...?

O.B. - Não, anos atrás. Eu dei às minhas filhas. Elas levaram as cópias, e esta está escondida. "Contra as sobrevivências feudais. Sobre os governos do Brasil, sobre a crise do café."

M.C. - E, Otávio, como é que era a receptividade dos operários a esse tipo de discussão? Contra o feudalismo...

O.B. - Nós explicávamos na linguagem acessível como era isso. E muitos deles eram de origem camponesa, sabiam o que era o latifúndio. Apenas nós traduzíamos essas palavras difíceis como latifúndio, sobrevivências feudais. E mostrávamos: "Isso assim, assim, é uma sobrevivência feudal. Trabalhar tantos dias na terra do senhor para o

senhor e um ou dois dias na terra do senhor plantar feijão ou milho e tal, isto é a renda pré-capitalista, renda da Idade Média, renda feudal." Explicando, batendo, batendo... E eles foram aprendendo.

M.C. - Agora, Otávio, você me contou, na outra entrevista, que na época que você estava em Alagoas e foi propor uma divisão de terras...

O.B. - É, e eles não aceitaram...

M.C. - Eles não aceitaram. Já esses operários...

O.B. - Não eram operários, eram trabalhadores rurais...

M.C. - Sim; já esses operários de origem rural...

O.B. - Já compreenderam melhor as coisas.

M.C. - Por que você acha que eles compreendiam melhor as coisas?

O.B. - Porque eu discutia com eles. E aquilo que eu contava eles vinham sentindo na própria pele: trabalhar cinco dias, seis dias na semana para o senhor e um dia na semana para ele. Eles sabiam.

M.C. - E por que você acha que os camponeses em Alagoas não aceitaram?

O.B. - Atraso; 1918, atraso, atraso... Depois, a mística da Idade Média, a mística católica atrapalhando tudo. Diziam: "Foi Deus que fez assim. Por que você quer desmanchar a obra de Deus?"

M.C. - Esses operários, já na década de 20, não eram católicos?

O.B. - Em 1925... Católicos oficialmente, como milhões de brasileiros. Na realidade iam perdendo as crenças.

M.C. - Você acha que a experiência na fábrica pode ter tido alguma importância nisto?

O.B. - Positiva. A disciplina na fábrica. Muitos deles eram de origem camponesa. Então aquilo que eu contava sobre a vida dos camponeses - os meeiros, os terceiros, a renda paga em trabalho em produto, sem dinheiro -, aquilo para ele não era nenhuma novidade. Mas aí, eu digo: "Isto é Idade Média, não é capitalismo. Assim, assim... tem tantos anos de atraso. Tem oitocentos anos de atraso a renda paga em trabalho." E na fábrica eles aprendiam a disciplina, o trabalho coletivo, as reivindicações coletivas, tudo isto.

R.L. - Otávio, eu queria fazer uma pergunta. Vou perguntar outra coisa: nessa época da fundação do partido, o que significava aquela estratégia ofensiva a curto prazo da Internacional Comunista?

O.B. - Ofensiva a curto prazo?

R.L. - É, estratégia ofensiva a curto prazo.

O.B. - Isso foi, que eu saiba, da primeira etapa cravada de revoluções mundiais, aqui, ali, de movimentos mundiais - primeira etapa. Já na segunda etapa, veio a estabilização relativa do capitalismo. O capitalismo com uma estabilização relativa, não sólida, mas, de qualquer forma, já não havia mais condições para revoluções e lutas. Então a ofensiva foi da primeira etapa.

R.L. - Mas, quando o partido foi fundado, era essa a estratégia dominante da Internacional?

O.B. - Da Internacional? Ofensiva?

R.L. - Em 22.

O.B. - Não sei.

R.L. - O IV Congresso se não me engano, III ou IV.

O.B. - Não me lembro.

R.L. - Mas, de qualquer forma, ela se adaptava às condições brasileiras?

O.B. - Não. Quatro anos de estado de sítio, como se podia desencadear a ofensiva? Pelo contrário, a gente caía na defensiva, num trabalho miúdo, metódico, sistemático, aqui, ali e acolá. Para criar aqueles primeiros militantes. Ensinando as coisas mais simples: classe, luta de classe, por que luta de classe. É assim, não podia haver nenhuma ofensiva. Só vendo os documentos da Internacional.

M.C. - É esse trabalho que você está falando aí, esse trabalho miúdo, de organização, que você diz que o Astrojildo Pereira não menciona no livro dele?

O.B. - Não fez. Ele ia... É, não menciona e nem podia mencionar, porque ele não viu isto. Havia reunião da CCE, e ele participava, ele dirigia tudo isso. Votava as resoluções e ia embora para Niterói. Então encarregava fulano, beltrano, sicrano: "São os responsáveis, perante a CCE, pela batalha que se vai travar." Então chegava a hora de ir às fábricas, aos bairros operários, e ele não ia. E isto foi muito ruim para a formação dele. Ele escrevia os seus artigos, estudava os seus livros lá em Niterói, e pronto. Foi muito ruim para ele. Assim não se faz.

[FINAL DA FITA 3-B]

O.B. - ...o sujeito num quarto, uma tabuleta ali para botar comida... quarto de livros. Ele devora aqueles livros todos e pensa que é um marxista, que nada! Não é. Tem de passar pela tarimba nos sindicatos, à porta das fábricas - já que não é operário - nos bairros operários, conversar com aquelas mulheres de operários, entendê-las, falar uma linguagem... Falavam: "Eu vim aqui pregar a hegemonia do proletariado." Está perdido,

ninguém ouve, ninguém entende, está perdido. E houve assim. Aquele Maciel Bonfim exigia dos tenentistas, dos futuros tenentistas: "Você aceita ou não a hegemonia do proletariado?" "Aceito." "Então entra para a Aliança Nacional Libertadora."

R.L. - Isso foi em 35?

O.B. - Em 35. Claro que isso é uma asneira total, não é por acaso que ele fracassou. "Eu aceito..." Sabia lá o que era... Se começássemos assim, ninguém teria aderido ao Partido Comunista. Isto é típico do sectário. Ele tem aquela idéia, e não se adapta às condições de vida, ao trabalho e à mentalidade do simples homem do povo. Ao simples homem do povo precisa-se explicar a coisa: "Há classes, você pertence a uma classe, é a classe operária. Por quê? Você trabalha numa fábrica, você trabalha com máquinas, você tem um patrão, você tem o braço. Você só tem o braço para vender ao patrão. Sem o braço não vale mais nada. Você pertence a uma classe. O patrão é outra classe, é a burguesia, são os capitalistas. O capitalista é assim, assim. O que é o lucro? O lucro explora você." As coisas mais simples da vida dele. Já um intelectual é diferente, isso não o interessa. Se a gente for conversar com um intelectual, ele dá um fora danado. [riso] O intelectual entende de Augusto Comte, não sei o quê, o sujeito é positivista, o sujeito é freudiano, o sujeito é o diabo, é espírita, qualquer coisa. Tem que ser outra conversa. Não adianta falar sobre salários, horários, lucros, o braço para trabalhar. É diferente. Naquela época quase nenhum intelectual veio para cá. Procurei meio mundo...

M.C. - Quase nenhum intelectual aderiu ao partido?

O.B. - Quase nenhum veio para cá. Mesmo porque não podia ser vereador, deputado, senador e ministro. E os intelectuais tinham uma série de falhas. Uma delas é o carreirismo. Não queriam vir para cá... Eram presos, jogados lá no xadrez, no cimento. Estado de sítio... Não queriam. Só vieram os operários. Chegavam os operários, a gente explicava: "Classe operária é assim, assim." As características ...correspondiam às condições de vida e trabalho dele.

R.L. - Otávio, como é que decorreu o I Congresso do partido?

O.B. - Bom, vieram nove homens representando 73 membros do partido em todo o país. E o líder Astrojildo dá os detalhes. Leram as 21 condições, alguns materiais trazidos pelo Nequete, do Uruguai. E foram... e fundaram o partido, nove homens. Escolheram o Nequete como secretário. Começou errado. O Astrojildo faz uma defesa do Nequete, ainda no livro dele. [riso] Porque o [inaudível] deu uma tunda danada no Nequete, Astrojildo ficou tonto. E o Dulles diz que conheceu o filho de Nequete. Disse: "Era um bom homem, o filho me contou, era um bom homem." Um desgraçado, viu? Atrapalhou a vida da gente.

R.L. - Quais foram as principais teses discutidas?

O.B. - Primeiro, só você vendo no livro do Astrojildo.

R.L. - Você não se lembra?

O.B. - Ah, isso sim. Mesmo porque eu não era membro do partido, não assisti ao

congresso e não era membro do partido. Aderi em outubro.

R.L. - Me diz, então, uma coisa, que o Astrojildo não diz. Havia posições discordantes entre esses nove membros?

O.B. - Discordante não, havia uma euforia geral - fundar um partido comunista no Brasil, em nome da Internacional Comunista. Uma euforia. E o Nequete jogava as citações de Lenin a três por dois, sem pé nem cabeça. Eu agüentei não sei quantas vezes o Nequete com citações de Lenin.

R.L. - Uma coisa que a gente queria saber é a visão pessoal que você tem dos fundadores, por exemplo, Abílio de Nequete você já falou.

O.B. - Uma desgraça, uma desgraça... Astrojildo, um jornalista brilhante, podia ter feito uma carreira esplêndida no meio da burguesia. Cortou toda a carreira dele, a vida dele toda, pobreza, tudo isso. Um jornalista brilhante, um organizador. Ele era fiel à União Soviética. Foi ele que organizou, fundou o partido e organizou os congressos do partido. Um homem inteligente, mas ingênuo. E a base teórica falha, para mim a falha principal, a filosofia.

R.L. - Ele, em 1930, sai da secretaria geral do partido, não é?

O.B. - É.

R.L. - Quando é que ele volta?

O.B. - Ele foi demitido. Foi isso, escreveu essa carta. Uma carta incrível. Eu fiquei assombrado quando soube dessa carta. Porque ele lutou ao nosso lado esses anos. Lutou no anarquismo e no partido de 22 a 30. Escreve uma carta, dizendo: "Não quero ser mais ator, só quero ser espectador." Como?

R.L. - Nessa carta ele reconhece que...

O.B. - Que foi ator e não queria ser mais ator, queria ser espectador. Ficar nas torrinas.

R.L. - Ele admite as acusações que fazem contra ele?

O.B. - É. Oportunismo. Então foi expulso como oportunista. Ficou uns 12 anos expulso. Depois, em 45 ele andou com a história de Brigadeiro. Então, ele é acusado de que não queria reconstituir o partido. Queria a reboque do Eduardo Gomes. Mas fez autocrítica. Uma autocrítica, eu não faria; eu teria ficado... Porque aquilo é uma autoflagelação, uma coisa horrível. E então voltou ao partido e foi para o comitê central. E aí pactuou com tudo - aceitou todas as linhas, desvio de direita, desvio de esquerda, tudo, tudo -, contanto que não fosse expulso novamente.

R.L. - Ele ficou no comitê central até quando?

O.B. - Até a morte.

R.L. - Até 64.

O.B. - Até a morte. E Lenin proíbe o espírito de adaptação - adaptar-se ao oportunismo.

R.L. - E entre 30 e 45?

O.B. - De 30 a 45 ele ficou vendendo banana.

R.L. e M.C. - Vendendo bananas?

O.B. - É, ele o pai dele, a família dele.

R.L. - Não teve nenhum contato com o partido?

O.B. - É; e escrevendo elogios a esses literatos burgueses. E os literatos burgueses também escreviam elogios a Astrojildo. Não fez nada.

R.L. - O José Elias da Silva?

O.B. - Bom, esse foi um militante sindical de muito valor, um argumentador terrível. Nas discussões ele ganhava sempre. Ia discutir com "confusionista", ganhava sempre. Um organizador, um propagandista, um agitador, mas abandonou.

R.L. - Ele abandonou o partido?

O.B. - Sim.

M.C. - Por que você acha que ele abandonou o partido?

O.B. - Ele passou muita fome. O que você... Passou muita fome, desemprego anos e anos, com a família. E arranhou esse empreguinho e não queria... Foi muito difícil, e não queria perder o empreguinho. Não renegou, jamais renegou o partido, mas abandonou.

R.L. - Ele morreu quando?

O.B. - Não sei.

R.L. - Não sabe?

O.B. - Nunca mais o vi. Eu o vi mais ou menos em sessenta e tantos na avenida, dei-lhe o meu telefone. Ele não me telefonou.

R.L. - O Manuel Cendón?

O.B. - Manuel Cendón, naquele oceano anarquista, ficou socialista. Sistema argentino, viu? Ele esteve muitos anos na Argentina com aquele professor fundador do movimento....

R.L. - Mira y López.

O.B. - Não. Isso era um espanhol posterior.

M.C. - Posterior. Mira y López é muito depois.

O.B. - Isso é em fins do século passado e começo... Ficou célebre no movimento socialista argentino, traduziu Marx. É fácil ver o nome dele. Ficou lá.

R.L. - Inghietos?

O.B. - Não, é anterior a Inghietos. Ele ficou lá, veio para aqui trabalhar como artesão, rua do Lavradio. Então uma pobreza, uma coisa tremenda. Ele ficou socialista no meio do anarquismo. Mas não representou nenhum papel na fundação do partido, ficou como fundador porque foi um dos primeiros, mas não contribuiu para isso e tinha certo sectarismos, estreiteza do artesão alfaiate. De qualquer forma, enquanto ele esteve vivo, os alfaiates estiveram sob a direção e influência do partido. Morreu mais ou menos em 27, eu escrevi o necrológio dele, publiquei no jornal *A Manhã*. Mostrando a fidelidade dele. Morreu no hospital, foi abandonado no hospital, aquelas freiras... Ele não queria confessar nem comungar, então as freiras o largaram. E ele morreu no hospital.

R.L. - Ele morreu como membro do partido?

O.B. - Na Santa Casa. Como membro do partido. De modo que uma figura interessante. Tinha umas debilidades, o ambiente... trabalho de artesão, mas uma figura interessante, fiel ao partido...

R.L. - O Cristiano Cordeiro?

O.B. - Bem, Cristiano, intelectual, sofreu muito, muito perseguido, um irmão morreu tuberculoso, muita miséria na família. E ele fiel aqueles anos todos, até 30. Em 30 passou-se para Getúlio.

M.C. - Cristiano?

O.B. - É.

M.C. - Qual era a profissão dele?

O.B. - Ele era professor, um intelectual. Apoiou Getúlio.

R.L. - Como é que ele apoiou, como é que ele justificou isso?

O.B. - Bem, quem sabe isso direito é o Souza Barros, que é amigo dele. O partido brigava contra Getúlio, não podia permitir isso. Ele apoiou Getúlio e era maçom.

R.L. - Cristiano Cordeiro fica na direção do partido, no comitê central até quando?

O.B. - Mais ou menos 28, 29. Era um intelectual de valor...

M.C. - Ele nasceu onde?

O.B. - Deve ser Pernambuco. Um intelectual de valor, mas, no final, em 30, houve tanta miséria e fome, prisões, perseguições, ele entrou nessa canoa furada de Getúlio com Agamenon.

R.L. - E depois o que ele fez?

O.B. - Foi ser professor.

R.L. - Não teve mais militância política?

O.B. - Não, não. Não se pode chamá-lo de traidor, como o partido o chamava, o Arruda dizia: "Os traidores como o Cristiano Cordeiro..." Ao passo que ele, Arruda, que era o tal de Pernambuco... Eu estou contando coisas gravadas.

R.L. - Ele fala de uma pessoa, e pelo que vi, você não gosta muito: Joaquim Barbosa.

O.B. - Bem, nós brigamos muito. Ele era o encarregado sindical, mas não podia deixar os paletós para ir dirigir o trabalho sindical. Então descarregava nos meus ombros o trabalho sindical. Eu fazia o trabalho e depois ia prestar contas a ele. E claro que isto era muito aborrecido. Eu poderia fazer o trabalho com euforia, com entusiasmo, mas sob a direção dele, que era o encarregado da CCE para fazer esse trabalho. Não; ele ficava fazendo paletó dia e noite, dia e noite.

M.C. - Ele era alfaiate?

O.B. - Alfaiate. O partido ofereceu quatrocentos mil-réis, que era dinheiro naquele tempo, para ele largar os paletós e se dedicar ao trabalho do partido. Ele disse que tinha que sustentar duas famílias, a dele e a da mãe, e que quatrocentos mil-réis não chegavam. O partido não podia pagar mais, então ficou a coisa assim. Foi ser um dos dirigentes... Dessa luta de 26, ele apenas foi informado depois da luta se travar, não representou nada. Em 27 foi encarregado da Federação, e a Federação morreu nas mãos deles e de outros. A Confederação também.

M.C. - Essas lutas de 26 que você fala foram contra os amarelos. Ele não participou?

O.B. - Contra os amarelos, os policiais, contra... Ele ficou sabendo, mas não representou nenhum papel. E em 28 apareceu com um folheto condenando... Ele quis travar a luta na CCE, perdeu; ele quis travar a luta no sindicato dos alfaiates, perdeu; ele quis travar a luta na base do partido, perdeu. Mas arrastou cerca de cinquenta com ele, cinquenta artesãos, na maioria artesãos. Eu fui procurar um por um, esses artesãos: "Venho aqui em nome da CCE, Comissão Central Executiva. A CCE propõe que vocês mantenham seus pontos de vista, defendam esses pontos de vista numa revista autocrítica do partido e não abandonem o partido até o congresso. Será o III Congresso e o congresso resolverá. Aí não haverá mais a CCE. Abre-se o congresso, CCE não existe mais, vocês vão defender." Não quiseram - cinquenta desertores do partido.

R.L. - Ficou chamado oposição sindical?

O.B. - É. Eles achavam... O argumento deles era o seguinte: a Federação Sindical criada em 27 foi prematura. Nós respondemos: "Se a Federação Sindical em 27 foi prematura, muito mais prematuro foi o Partido Comunista em 22. Então vamos liquidar a Federação, vamos impedir a fundação da confederação sindical e vamos liquidar o Partido Comunista e depois vamos receber prêmios da burguesia." Porque tudo é prematuro, tudo....

M.C. - Essa era a posição dele?

O.B. - Deles, deles. Uma luta danada na base do partido, nos sindicatos por toda parte. E Joaquim Barbosa e esses cinqüenta....

#### [INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.B. - ...tudo era prematuro, então vamos liquidar tudo isso e depois receber prêmios da burguesia. [riso] A coisa é o seguinte: é a tragédia dos artesãos. Ele, a vida inteira, trabalhando sozinho... individualismo na certa. Acostumado com aquela seitazinha no sindicato dos alfaiates, rua Senhor dos Passos. A rua terminava num paredão, e ele vivia muito bem ali. O partido começou a crescer, conquistar massas aqui, ali, tecelões, ferroviários, o cais do porto. Imagine: Laura ia para aqueles... é perto da fábrica do gás. Ali perto da Leopoldina, tem uma entrada, no cais do porto. Ela levava manifestos e distribuía a torto e a direito, nos armazéns do cais do porto, e os próprios trabalhadores ajudavam Laura a distribuir os manifestos. Então o partido foi crescendo, fazendo comícios, manifestações, tudo isso. O 1º de maio de 1927, uma coisa enorme. E o artesão alfaiate, individualista, assombrado. [riso] Ele diz: "Mas esse não é o partido dos meus sonhos." Em vez de ser aquela seitazinha em que ele podia lançar a sua palavra, a sua retórica; já há reuniões de massas aqui, ali e acolá. Então todo o sentimento dele, todos os pensamentos se revoltaram contra aquele ambiente. Então voltaram à seitazinha. E arrastou cinqüenta. Depois pediram para voltar, e o partido disse: "Não." A CCE disse: "Não. Quem vai resolver isso será o III Congresso. Vocês não podem voltar assim, têm que fazer autocrítica, e o congresso vai decidir." Eles, então, esperaram o congresso. O congresso permitiu que voltassem, fazendo autocrítica, reconhecendo o erro. Uns voltaram, outros não voltaram. E foi isso: foi uma luta tremenda... Imagine discutir com artesãos, convencê-los...

M.C. - Otávio, você, quando fala em anarquismo e critica a ideologia anarquista, fala no problema do individualismo do anarquista. Agora você estava falando do crescimento do partido, quer dizer, do aparecimento...

O.B. - O artesão também é individualista.

M.C. - Exato, mas você está falando do crescimento do partido, o partido se tornando um organismo de massa. Eu queria perguntar: o anarquismo também era contra a delegação de poder, quer dizer, dentro do sindicato não poderia haver um representante que falasse em nome da...?

O.B. - A prática era mais forte que a teoria. Kropotkin dizia: "Os homens são homens e não pode dar uma parcela de autoridade ao indivíduo sem o corromper." Então não há nenhuma solução... [riso] Mas a prática mostrou que era preciso delegar poderes a a, b, c, ou d, pelo menos esses representantes dos comitês de fábricas.

M.C. - Quer dizer, mesmo no período anarquista isso, na prática, acontecia...

O.B. - A prática era mais forte do que as ilusões teóricas.

M.C. - Agora, quando vocês, depois de criado o Partido Comunista, começaram o trabalho de reorganização sindical, houve alguma resistência a esse tipo de problema, à criação de uma diretoria, à centralização, à delegação de poder?

O.B. - Não, não. Porque sempre houve uma diretoria. Sempre houve diretorias. No tempo do anarquismo, e depois com o partido, sempre houve diretoria. Nós não lutávamos para conquistar as diretorias, porque essas diretorias estavam ligadas diretamente à Polícia, e nos metiam na cadeia, denunciavam... José Pereira de Oliveira denunciou 12 lugares onde eu estava fazendo curso para os operários, 12 lugares!

M.C. - E entre os sapateiros? Porque havia muita penetração do anarquismo...

O.B. - Bastante, bastante. Eles ficaram nos sindicatos, e os nossos camaradas foram incapazes de lhes aplicar uma tática flexível. Nos sindicatos dos sapateiros e na da construção civil.

M.C. - Não houve nenhuma resistência de princípios à reorganização sindical que vocês queriam fazer?

O.B. - Não, não, pelo contrário. Os salários foram abaixando, a carestia aumentando, mais opressão, tudo isso, as condições concretas determinaram os operários a irem lutar de uma forma ou de outra.

M.C. - Não, mas eu estou falando de uma oposição de princípios, teórica. Já que o anarquismo é contra a delegação de poder e o sindicato comunista absolutamente não é contra isso, muito pelo contrário...

O.B. - Mas na prática os anarquistas tiveram de ceder. Como esse folheto... É pena eu não ter. Esse folheto de Edgar Leuenroth... Coisa mais gozada do mundo. [riso] O anarquista crônico até a morte. Edgard... até a morte. E no entanto escreve um folheto assim.

M.C. - Esse folheto de que você está falando é *O que é maximalismo*?

O.B. - É, Hélio Negro e Edgard Leuenroth. Coisa engraçada este folheto.

R.L. - Otávio, essa cisão do Joaquim Barbosa, de 28, também não foi reflexo em certa medida das cisões que estavam havendo na União Soviética?

O.B. - Ah! O seguinte: nós lemos muito Lenin, Marx e Engels. Só em 26 é que

apareceu o livro de Stalin, *Questões do leninismo*. Só em 26 em tradução francesa. Nós já tínhamos quatro anos lendo sistematicamente Marx, Engels e Lenin, pelo menos aqueles que sabiam francês ou espanhol. Quem não sabia francês, espanhol.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.B. - Stalin, lemos depois de 26. Trotski lemos muito pouco. *Terrorismo e comunismo* de Trotski, lemos muito pouco. De fato começamos a ver aquela questão depois da morte de Lenin, quando começou a luta entre Stalin e Trotski. Tínhamos a revista *La Correspondence Internacional*, em Francês, vinha para cá, então começamos a acompanhar. Bem, a princípio, não havia nenhum perigo de trotskismo. Depois de 30 começaram a aparecer trotskistas aqui: Raquel de Queirós, Aristides Lobo, aquele Pedrosa, lá do Nordeste. Mas aí o partido estava com os soviéticos, [riso] sonhando com soviéticos, a revolução soviética imediata no Brasil, e ficaram eles com aquela seitazinha. Na realidade, a luta contra o trotskismo foi travada depois com - infelizmente - os expurgos de Stalin, que foi expurgando a torto e a direito: quem era bom e quem era ruim em tudo isso. Por isso o trotskismo apenas desviou uma série de pessoas, como Raquel de Queirós; lançou essa confusão, Aristides Lobo, que era um bom rapaz, não fez mais nada, o anarquismo o desviou [inaudível] depois se perdeu, não teve nenhum futuro.

R.L. - E aquele debate que existiu na União Soviética entre os partidários da revolução mundial e os da revolução num só país? Atingiu o partido aqui nessa época?

O.B. - Não, porque nós vivíamos preocupados com problemas imediatos: a vida dos trabalhadores, a aliança com a Coluna Prestes, a luta contra o imperialismo. Vivíamos preocupados com esses problemas imediatos: problemas teóricos, problemas políticos ou problemas econômicos.

R.L. - Então, só para a gente terminar, falta você falar de dois fundadores: o Luís Peres e o Hermógenes da Silva.

O.B. - O Hermógenes, engraçado, ele, Foster Dulles, dá como fundador, e de fato; mas esse homem desapareceu em Cruzeiro e nunca mais ouvi falar. Quando voltei da Europa, então, é que ele apareceu como fundador e, de fato, foi fundador. Não sei o que ele fez durante esses anos todos.

Agora, Luís Peres, Astrojildo disse que era operário, não era operário, era artesão vassoureiro. Fazia vassoura - ele e o pai - na rua general Pedra. Boa pessoa. Prestou serviço naqueles primeiros anos, mas foi para Taubaté, e lá uma moça... Sempre as mulheres são perigosas. Apaixonou-se, e casou-se e ficou em Taubaté e desapareceu até hoje. As mulheres sempre são perigosas. Não viu que quando chegou a hora, o Partido Socialista Revolucionário - anti-socialista e contra-revolucionário na Rússia - encarregou exatamente uma mulher para atirar em Lenin? E ela foi e de fato matou Lenin. Lenin nunca mais teve saúde. Por que não escolheram um homem? Covardia dos homens, e, depois, as mulheres sempre são capazes de tudo. Tem um problema, bota uma mulher que endireita. A não ser uma Angela Diniz, mas Angela Diniz não pensava em nada; pensava em arranjar amantes ricos.

M.C. - Quer dizer que você acha que a mulher teve um papel importante no movimento operário?

O.B. - Aqui no Brasil teve. Começando por minha Laura, mas aí eu sou suspeito porque ainda sou apaixonado. Mas, também, uma mulher assim era impossível. Eu vim para o Rio de Janeiro fugido, não pensei em nada, casamento, nada disso. Mas apareceu uma mulher assim: caráter, inteligência, talento, cultura e pronto...

M.C. - As operárias, as mulheres tecelãs apoiavam os sindicatos?

O.B. - Apoiavam. Havia o Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Infelizmente só fundamos em 28. Havia reuniões no bairro da Gamboa. iam muitas moças, senhoras, tudo isso. E prometia, viu? Depois Getúlio desviou tudo isso, e a revolução soviética desviou tudo isso. Imagine uma greve dos gráficos em São Paulo, 1929! A greve não terminava, os patrões não cediam. Então fizeram aqui uma passeata que saiu da rua Barão de São Félix, perto da Central do Brasil. Aquela massa foi aumentando, passou pelo ministério da Guerra, rua Larga, rua Acre, praça Mauá.

Nesse tempo a estátua de Mauá ficava na entrada da avenida. Bem, aquela massa enorme. Laura subiu os degraus da estátua e começou a falar à massa. Uma mulher muito bonita, aquela roupa alva, aquele manto azul. Mas toda a periferia estava cercada pela Polícia - maio de 1929, governo de Washington Luís - aquela entrada Rodrigues Alves, a entrada da rua da Saúde, a Sacadura Cabral, entrada da avenida, por toda parte. E cada tiro dos policiais mataria gente, porque a gente estava concentrado em torno da estátua da Mauá. Chegaram, além desses policiais, mais 150 da Polícia Montada, Polícia Militar. E o comandante deu a ordem: "Dispersar." Ninguém atendeu. Houve um negro que pegou... tinha levado uma criancinha, botou assim a criancinha e disse: "Nós morremos todos, mas daqui não saímos." Uma coragem. E Laura continuou a falar. Então o comandante deu ordem de fogo. Ia ser um massacre horrível, porque os outros polícias que estavam na periferia também iriam atirar, e aquela massa estava concentrada em toda a estátua de Mauá e na entrada da avenida. Então, quando Laura ouviu - estava nos degraus da estátua - a ordem de fogo, que os soldados prepararam os trabucos para atirar, ela gritou, ela bradou: "Soldados, irmãos, não atirem nos irmãos operários." Os operários ouviram aquela voz - ela tinha uma voz aclamadora - pararam, olharam, e daí ela repetiu: "Soldados, irmãos, não atirem nos irmãos operários." Aí aquela massa operária, mulheres, homens, aquilo tudo correu e disseram: "Viva o soldado, viva o soldado." Os soldados não atiraram. Isso contribuiu muito para a deportação. Disseram: "Deporta, porque é mulher de revolucionário e ela é mais perigosa que o marido." [riso]

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.B. - Isaura Nepomuceno, mulher de Joaquim Nepomuceno, operário ferroviário.

M.C. - Ela também era militante?

O.B. - Também militante, do Comitê das Mulheres Trabalhadoras. A

mulher do... Os nomes... Mas é fácil ver os nomes. Uma série de mulheres, simples mulheres do povo. Nós preparávamos os discursos, elas decoravam e iam fazer os discursos. A princípio não sabiam falar e depois foram aprendendo. A princípio a gente tinha que escrever os discursos.

M.C. - Vocês do partido?

O.B. - É, do partido. Ela começava: "Eu, como mulher operária, mãe de família, tantos filhos, vim aqui ao Engenho de Dentro para despertar os trabalhadores." Uma coisa impressionante, isso já em 28. Nos portões das grandes empresas do Rio de Janeiro, mulheres trabalhando. Isaura Nepomuceno era uma dessas. A outra... Estou esquecendo os nomes.

*3ª Entrevista: 10.02.1977*

R.L. - Bom, Otávio, hoje a gente queria conversar um pouco sobre a fundação do partido, a gente começou a ver na última vez. Você lembra?

O.B. - Vamos ver.

"Partido Comunista do Brasil, PCB. Nasceu no Rio de Janeiro a 25 de março de 1922, sob a influência da revolução socialista de outubro de 1917 na Rússia, sob a influência da Internacional Comunista e da doutrina de Marx, Engels e Lenin. O Partido Comunista nasceu dos ensinamentos da primeira grande vaga de greves operárias e movimentos populares de 1917 e 1920 no Brasil. Duas origens. Surgiu como o produto e o herdeiro das tradições nacionais progressistas brasileiras, isto é, dos combates dos índios e negros contra o escravismo. Dos movimentos pela independência nacional, como o de Tiradentes, as lutas dos abolicionistas e republicanos. O Partido Comunista do Brasil representou um papel de educador no processo de desenvolvimento da consciência social, nacional e internacionalista."<sup>15</sup>

R.L. - Explica para a gente um pedaço dessas influências. Como é que foi, por exemplo, a influência da Internacional Comunista?

O.B. - Bem, através do Uruguai. O Nequete foi ao Uruguai e trouxe de lá uma série de publicações, em espanhol. Então Astrojildo leu esses materiais e outros camaradas leram. Através do Uruguai, porque havia lá o Partido Comunista.

O.L. - Então o Nequete é o primeiro a introduzir uma literatura marxista?

O.B. - Não, foi Astrojildo. O Nequete apenas foi um portador que trouxe essa literatura. Ele não tinha base teórica sólida, era um charlatão, que a três por dois citava Lenin sem pé nem cabeça. Para nos esmagar, entende? Porque nós não tínhamos lido Lenin. E ele citava Lenin a três por dois. Não tinha caráter, não tinha firmeza. Bastou uma simples prisão para ele se acovardar. Ele chegou a prisão, em julho de 1922. E pensava que aqui era como na Europa... [inaudível] parece que 14 presos. E disse: "Eu é que respondo por

---

<sup>15</sup> O depoente leu todo esse parágrafo.

toda essa gente." E o agente Pereira: "Quem é você? Como é que você se chama?" E ele: "Abílio Nequete." "Você é turco, não é? Seu turco sem-vergonha, vá-se embora do Rio de Janeiro, para onde quiser, e não fique mais aqui senão você será preso e levará uma surra."

No dia seguinte ele foi lá onde eu trabalhava, sentou-se na cadeira e disse: "Estou morto." Eu já sabia... [riso] Digo eu: "Morto por quê?" E ele: "São uns desgraçados, uns miseráveis, aqui eles andam como nós. No Rio Grande do Sul a polícia política anda fardada. Então a gente já sabe quem é a polícia política." [riso] Eu digo: "Aqui nunca andou fardada, polícia política nunca andou fardada, anda como nós, e muita gente se engana, pensando que são simples homens do povo."

R.L. - Agora, Otávio, o Foster Dulles diz que o Manuel Cendón era, daqueles fundadores, talvez o que tivesse maior formação marxista.

O.B. - Não tinha formação marxista, apenas não era anarquista. Ele esteve na Argentina muitos anos. E lá foi influenciado pelo Partido Socialista da Argentina e não representou, assim, um papel especial defendendo o socialismo no Brasil. Depois da fundação do partido, então é que ele ajudou o partido no sindicato. É exagero do Foster Dulles.

M.C. - Ajudou o partido onde?

O.B. - Depois que o partido nasceu, então, ele ajudou o partido. Por que ele nunca...

M.C. - Mas você falou que ele ajudou junto ao sindicato?

O.B. - No Sindicato dos Alfaiates, rua Senhor dos Passos. Ainda ontem passei por lá.

M.C. - E qual era a ligação do partido com esse sindicato?

O.B. - Bom, o partido trabalhou muito para reorganizar, já que os sindicatos tinham ficado esqueléticos depois daquelas derrotas, aquelas vitórias e derrotas. No final a massa abandonou. Conquistou o dia de oito horas, conquistou aumento de salários e, pronto, abandonou. Então o partido, sistematicamente, trabalhou para reorganizar os sindicatos.

M.C. - Mas mesmo na década de 20, durante o estado de sítio, essas conquistas foram mantidas?

O.B. - Em parte, porque o governo compreendeu que os operários iriam defender essas conquistas com greves. E pouco depois começaram as insurreições de Copacabana, de São Paulo, Coluna Prestes. E o governo não queria complicações com os operários, porque já tinha a pequena burguesia até aqui, viu? Lutando, luta armada.

M.C. - Quer dizer que em parte as oito horas foram mantidas...?

O.B. - A jornada de oito horas, o aumento dos salários e certas liberdades sindicais.

R.L. - Mesmo sob o estado de sítio?

O.B. - Mesmo sob estado de sítio. E também nós... [rindo] Aqui adiante,<sup>16</sup> eu conto um fato. Queríamos comemorar um 1º de Maio. Disseram: "O governo não vai permitir."

M.C. - Isso em que ano? Você se lembra?

O.B. - Só vendo aqui. Foi naqueles anos de estado de sítio, os primeiros anos, talvez 23 ou 24. Diziam: "O governo não vai permitir." Eu digo: "Vai permitir." Os operários ficaram assombrados e falaram: "Como você sabe?" Eu digo: "Muito simples, o governo já está brigando com essa gente toda de Copacabana, insurreição de São Paulo, a Coluna Prestes. Vai também brigar com os operários? Não vai brigar com os operários." Então nós manobrávamos. Os líderes dos sindicatos iam à Polícia, com a carinha boa, pedir licença para comemorar o 1º de Maio. Logo a Polícia dizia: "Mas nada de comunismo, nada de Partido Comunista." E eles: "Não, não, é uma comemoração dos operários, dos sindicatos etc.."[riso] A Polícia sempre deixou. Imagine: anos de estado de sítio, hoje não há mais nada disto, anos de estado de sítio. E sempre comemorávamos o 1º de Maio no mesmo lugar, na praça Mauá, junto à estátua de Mauá, que ficava na entrada da avenida. Sempre. Os sindicatos levavam aquelas bandeiras, vermelhas, muito bonitas. Havia os oradores sindicais. E, naquele meio, havia um representante do partido, que dizia: "Eu falo em nome do Partido Comunista do..." Era um escândalo. E depois ele desaparecia. Daí sempre a Polícia deixou.

M.C. - E, além do Sindicato dos Alfaiates, qual foi o outro sindicato que vocês tentaram organizar?

O.B. - Bem, nós penetramos e reorganizamos muitos deles: União dos Operários Metalúrgicos, União dos Operários em Fábricas de Tecidos, Centro Cosmopolita, Sindicato dos Alfaiates, Carvão e Mineral, Associação dos Marinheiros e Remadores. Fomos penetrando por toda parte. Sem licença, claro, da Polícia. [riso] E fazendo reuniões ilegais aqui, ali e acolá. Criando grupos, pequenos grupos de operários, para explicar as coisas mais simples. Por que o Brasil é um país semicolonial. O que é imperialismo? Quais são as características do imperialismo? Para que o Partido Comunista? Para que o sindicato? As coisas mais simples, mais elementares, que os operários não sabiam. Eu contei outro dia a confusão entre Império e imperialismo...[riso] Os operários disseram: "Camarada Otávio vem para aqui atacar o imperialismo, para quê? Isso já acabou desde tal ano..." Não sabiam muito bem "Há muito o Império foi liquidado, veio a República, então não precisa mais nada de imperialismo." [riso]

M.C. - Otávio, em todos esses sindicatos houve alguma resistência por parte, ainda, de elementos anarquistas?

O.B. - Por toda parte uma batalha tremenda, e, muitas vezes, eles se ligavam à Polícia para prender os militantes.

R.L. - Ligação dos anarquistas com a Polícia?

---

<sup>16</sup>Refere-se a um livro de sua autoria.

O.B. - Aí nós não chamávamos mais de anarquistas, chamávamos de anarcóides. Ligação dos anarcóides com a Polícia.

R.L. - Qual era a diferença entre os anarcóides e os anarquistas?

O.B. - Os anarcóides eram anarquistas degenerados, que se juntavam à Polícia, à burguesia, para nos liquidar, nos derrubar de qualquer forma. Eram anarcóides.

M.C. - Quem, por exemplo? Você lembra de alguém?

O.B. - Ravengar, no Centro Cosmopolita. Não sei o nome dele, era conhecido como Ravengar. Eram anarcóides. Foram eles que... A Polícia não sabia onde eu morava. Eles disseram: "Rua do Curvelo, número 11, vá lá." A Polícia foi lá, depois de dois anos e nove meses de perseguição, de 24 a 26, e me encontrou. Foram eles que me denunciaram. Anarcóides. Então a luta foi degenerando cada vez mais. E mesmo desde o começo, Oiticica e outros anarquistas não travaram a luta do ponto de vista de... Porque nós estendemos a mão para uma frente única de anarquistas e comunistas. E eles recusaram.

R.L. - Agora, Otávio, como é que era a estratégia de aproximação dos comunistas, nesta época, com relação aos sindicatos? Como é que isso era feito na prática?

O.B. - Havia comunistas que eram membros naqueles sindicatos. E eles serviram de correia de transmissão, de penetração, de infiltração.

R.L. - Já havia comunistas nesses sindicatos?

O.B. - Dentro dos sindicatos. Às vezes eram muito poucos, e nós pegávamos esses poucos e começávamos a politizar. Repetindo, repetindo, ensinando, dando alguns folhetos, quando sabiam ler. Às vezes não adiantava, não sabiam ler. E quando não tínhamos ninguém, nós íamos virar a cabeça dos operários. Virar a cabeça dos operários, ensinando os princípios de Marx, Engels e...

R.L. - Como é que vocês penetraram, fazendo conferências? Como é que era?

O.B. - Fazíamos conferências, reuniões ilegais. Às vezes ficávamos na porta da fábrica. Ficava, por exemplo, uma hora, na hora da saída, para encontrar um operário. João Borges Mendes era operário tecelão do Moinho Inglês. A primeira vez eu o encontrei, em 25, na redação do jornal *A Classe Operária*, junto à Light. Nós dissemos: "São as duas potências: a Light, de um lado; e nós – chamávamos jornal *A Classe Operária* – *A Classe Operária*, aqui. Pois bem, são duas potências. E, de fato, era o imperialismo e o socialismo mundial. João Borges Mendes foi lá ao jornal comprar um folheto. Quando ele ia saindo, por um acaso eu estava no jornal. Porque eu não ia, era um perigo. Eu estava fazendo o plano para... Eu digo: "É operário?" Ele disse: "Sou." E eu: "Onde trabalha?" E ele: "Moinho Inglês." Quando ele disse Moinho Inglês, para mim era como se ele fosse um barão, um ministro, um maçom. [riso] Eu digo: "Você pode perder um pouco..." Ele disse: "Posso." Comecei a conversar com ele e ficamos amigos. Mas depois o jornal foi fechado, e perdemos a ligação. Ele é que ia procurar-nos. Então, eu fui para o portão do Moinho Inglês, quatro horas da tarde, sentei-me numa pedra e

fiquei olhando um por um aquela massa enorme de operários, centenas, pelo menos centenas... um por um, até que ele apareceu. Eu digo: "Onde você mora?" Ele disse: "Moro aqui perto." E eu o acompanhei e reatamos. Às vezes era assim, com um esforço muito grande.

M.C. - Quer dizer, muitas vezes vocês tentavam contatos com operários que não necessariamente estavam sindicalizados?

O.B. - Nós chamávamos massas completamente virgens, era assim. Porque um dos erros de Astrojildo é que, naquela primeira etapa, ele foi procurar os anarquistas. Eram conhecidos, ele foi procurar o anarquismo. Mas esses homens vinham para cá com toda aquela ideologia e resto daquela ideologia, apenas a disciplina a que aprenderam e não serviam. Eu digo: "O partido vai virar... já é uma seita e ficará uma seita anos e anos e anos sem nenhum trabalho de base." Então, fui procurar toda essa gente e, depois, com esses operários, cujos nomes citei... Você não conseguiu a revista *Brasiliense* de São Paulo?

M.C. - Não, tenho que ver isso.

O.B. - Lá cito os nomes: fulano, beltrano, operários e trabalhadores em geral. Então com esses operários, fomos procurar as massas completamente virgens. Fizemos a lista das grandes empresas do Rio de Janeiro: tecido, metalurgia. E fomos procurar... com esses operários fomos fazer comícios. Conversar na hora do almoço e fazer comícios às quatro horas da tarde.

M.C. - Quer dizer que, na verdade, eram, vamos dizer, duas estratégias: uma de penetrar nos sindicatos que já existiam, e lá, às vezes, se travava uma luta com elementos anarquistas?

O.B. - Com os anarquistas! Às vezes acabava a luta em tiroteio. Um simpatizante do partido foi morto numa reunião no Sindicato dos Gráficos, e o anarquista Antonino, parece, foi morto também. Duas mortes, acabou em tiroteio. A Polícia foi que matou... Os anarquistas provocando, os amarelos provocando, acaba em morte - muito difícil. Foi uma luta desesperada de 22 a 26 contra os anarquistas.

R.L. - Em 26 os anarquistas saíram do movimento operário?

O.B. - Não saíram, mas estava esfacelado. Mesmo porque a Polícia de Bernardes expulsou uma parte para Clevelândia. E os estrangeiros expulsou para os seus países.

M.C. - Quer dizer, então, além da penetração nos sindicatos que já existiam, vocês começaram trabalhos junto às massas operárias, quer dizer, massas não sindicalizadas?

O.B. - Não, massas completamente virgens e, às vezes, analfabetas. Perguntavam: "Posso entrar para o partido?" Eu dizia: "Pode entrar." Ele falava: "Mas eu sou católico." "Pode entrar." Ele falava: "Eu sou protestante, sou espírita." Eu digo: "Pode entrar, lá dentro vocês vão aprender a ler, uma porção..." E, de fato: era um trabalho de anos e anos no meio dos operários para criar essa ossatura operária, que o partido criou, mas que custou um esforço tremendo. Católicos, protestantes e espíritas. E, às vezes,

não queríamos discutir religião, mas era preciso discutir religião, que, do contrário, eles iam para reunião religiosa e não às reuniões do partido. E macumbeiros, o diabo! Chegava a hora da macumba iam embora para a macumba, não iam ao partido. Então precisava-se travar uma luta, uma discussão tremenda para convencê-los que a macumba não tinha sentido. E assim, às vezes, a luta política se transformava em luta anti-religiosa. Porque, do contrário, não iam. Aí esses camaradas... Por exemplo, Cristiano Cordeiro criticava: "Mas isso é um perigo: travar a luta pelo materialismo dialético no meio de massas..." Mas o que fazer? Não iam, então, ao partido. A coisa era essa... Ainda preparei um folheto contra espiritismo, [riso] coisas contra a catolicismo, contra o protestantismo. Reli a Bíblia, pegava a Bíblia e metia na cabeça. E dizia: "Isto está errado. Cristo disse: Bem-aventurados os pobres de espírito..." Pobre de espírito não; rico de espírito. Assim, discutindo, discutindo. Mostrava outro trecho, Cristo disse: "A ninguém façais violência." Digo: "Mas isto é um absurdo. Então não vamos lutar contra a burguesia? Não é possível! Não vamos lutar contra o governo?!" Discussões tremendas até convencê-los.

M.C. - Desse trabalho anônimo junto às massas operárias, surgiram sindicatos novos além daqueles...?

O.B. - Assim eu não me lembro, mas surgiram sindicatos novos.

M.C. - Ligados ao partido?

O.B. - Ligados ao partido. Eu, no Engenho de Dentro, oficialmente havia um... na realidade não havia sindicato nenhum e surgiu um sindicato ligado ao partido. Sindicato dos Trabalhadores da Locomoção. Oficina de Reparação da Central do Brasil. Uma massa enorme, assim.

R.L. - Otávio, o trabalho do partido era feito principalmente em termos de sindicatos, ou vocês faziam trabalho diretamente nas fábricas?

O.B. - Bom, eu não era operário, então chamava esses operários na hora do almoço e íamos conversar com os operários ali na calçada. Nesse tempo era bóia-fria. Eles comiam o almoço deles na calçada. Trazia a bóia de casa. Não havia restaurante, nada. Então íamos conversar na hora do almoço com eles. Quando surgia mais um grupinho, aí íamos fazer comício às quatro horas da tarde.

R.L. - Vocês arrebanharam esses operários para fazer comício?

O.B. - É. E também, depois com o Bloco Operário e Camponês, aí eram... mulheres, simples mulheres do povo, como Maria Lopes e a mulher de Joaquim Nepomuceno, a Isaura Nepomuceno. Simples mulheres do povo, mulheres de operários. Preparávamos os discursos, e elas liam os discursos diante dos operários. A princípio os operários ficaram desconfiados: "São as amantes deles, eles trazem para cá." [riso] Mas depois elas se impuseram, então era aquele assombro para os operários. E Laura, o retrato dela, virou a cabeça de muitos operários completamente virgem politicamente. Ela falava e virava a cabeça.

R.L. - Então vocês procuraram canalizar esses operários para os sindicatos?

O.B. - Para os sindicatos.

R.L. - Para o partido diretamente?

O.B. - Não. Quando eles pediam para aderir ao partido, alegavam: "Eu sou analfabeto ou sou um católico, protestante..." Eu dizia: "Lá dentro você vai compreender tudo isso, pode aderir." Com os intelectuais não; éramos mais exigentes. Falava-se: "Você é católico. Mas que intelectual é você? Você não leu a Bíblia, você não estudou os livros de Marx, Engels e Lenin, como é que continua católico?" Aí era mais a exigência. E mesmo os intelectuais não queriam aderir de nenhuma forma. Falei com meio mundo, fui procurar meio mundo. Não queriam... Essa coisa de perder o emprego, andar procurando emprego e não encontrar. Depois prisão, ameaça de prisão sempre, quatro anos de estado de estado de sítio. Ninguém queria.

M.C. - E internamente no partido, como é que era organizada essa ação? Tinha o comitê de propaganda, como é que era?

O.B. - Tinha a CCE, Comissão Central e Executiva, nós chamávamos CCE.

[FINAL DA FITA 4-A]

O.B. - ...Comissão Central Executiva, e várias comissões: havia o tesoureiro, havia a agitação e propaganda, havia o trabalho sindical e o encarregado respectivo dessas tarefas dentro da CCE. E a CCE, mesmo com estado de sítio, sempre se reunia aqui, ali e acolá. Às vezes lá em casa, quando a Polícia não sabia, da rua do Curvelo 11. Era um casebre ameaçando cair, e, às vezes, a CCE se reuniu lá. Outras vezes na rua General Pedra, perto da Central do Brasil. Sempre nos reuníamos em todo o estado de sítio. E dirigíamos as lutas, traçávamos tarefas, tudo isso.

M.C. - Então voltando: além da CCE, quais eram os outros órgãos específicos ou subórgãos do partido?

O.B. - Bom, havia as futuras células, que, a princípio, eram organizações... Esqueci o nome, futuras... transformadas depois em células de partido aqui, ali e acolá. E nós procurávamos criar células de empresa e não células de bairro.

R.L. - Vocês não faziam trabalho de bairro?

O.B. - Não. Pelo seguinte: aquilo não tinha nenhuma coesão. A pessoa se mudava da moradia e pronto: abandonava a célula. Ao passo que com a célula de empresa ficavam sempre ali, naquela empresa...

R.L. - Cada fábrica uma célula?

O.B. - Isso, exercendo influência naquela empresa. Até ao ponto que houve coisas que hoje seriam impossíveis. Um dos órgãos do governo era o jornal *O País*, órgão... jornal

reacionário desgraçado, de tradição reacionária. E apoiava o governo 100%. Pois um dia os operários do jornal foram à direção e pediram para que o jornal *A Classe Operária*, que era um jornal de trabalhador, oficialmente fosse editado nas oficinas maravilhosas do *País*. E a direção olhou, sondou e consentiu. De modo que essa coisa quase impossível, o jornal do Partido Comunista...

R.L. - Era o jornal oficial do partido?

O.B. - Não era oficial, mas era oficioso, era de fato. Jornal revolucionário pelo seu conteúdo. A forma muito mansa, mas pelo seu conteúdo jornal revolucionário. Editado nas oficinas do jornal mais reacionário do Brasil talvez. [riso] Porque a direção compreendeu que aqueles operários fariam greve, iria dar embrulhada, e era hora da luta armada de Bernardes. Em 1925! Uma coisa hoje impossível, publicar um simples artigo quanto mais editar um jornal. Depois ele foi fechado, mas quando foi fechado já tinha feito grande parte do trabalho.

M.C. - Esses operários eram ligados ao Sindicato dos Gráficos ou não?

O.B. - Eram militantes da União dos Trabalhadores Gráficos e eram membros do partido. Entre eles, por exemplo: João da Ladéia, brasileiro, jovem, muito boa pessoa. João da Ladéia e outros. Coisas que nós conseguimos e que hoje seriam impossíveis.

R.L. - Otávio, então tem essas células...

O.B. - Esqueci como é que se chamavam, mas na revista *Movimento Comunista* talvez venha o nome.

R.L. - ...e essas células eram submetidas a quê?

O.B. - Bem, havia o comitê regional do Rio de Janeiro. Submetidas diretamente ao comitê regional. Como o comitê regional de São Paulo, de Pernambuco, vários comitês... e subordinados à CCE. E a CCE sempre intervinha aqui, ali e acolá. Naquele tempo não havia o culto à personalidade felizmente. Os operários tratavam os intelectuais de igual para igual e diziam as coisas. Diziam: "Eu não estou de acordo com a opinião do camarada fulano e tal. Estudou mais do que eu, mas não estou de acordo por isso e aquilo." E nós prestávamos muita atenção às opiniões dos operários. Porque, primeiro, o operário tinha um instinto de classe. Quando não tinha consciência de classe, tinham, pelo mesmo, o instinto de classe e, depois, eles viviam diretamente... não abandonavam a produção... diretamente ligados à produção. Então ouvíamos com muita atenção.

M.C. - Como é que você definiria esse instinto de classe?

O.B. - Pelo seguinte: um operário, pelas suas condições de vida, e sobretudo de trabalho, queira ou não queira, já tem instinto de classe. Quando nós chegamos com o marxismo, ele compreende rapidamente, sem dúvida, e aceita rapidamente...

R.L.- Então como é que você explica, por exemplo, que aqueles políticos, como você falou, demagógicos, como Maurício de Lacerda, tivesse mais penetração...?

O.B. - Influência na classe operária. É verdade, mas no Engenho de Dentro havia uma camada de pequeno-burgueses, funcionários, que era a grande base dele. E essa camada arrastava os operários, depois... antes não havia Partido Comunista, e pronto... Os operários tinham instinto de classe, mas não basta, é preciso a consciência de... A nossa luta era transformar esse instinto em consciência de classe e transformar os líderes sindicais operários em militantes políticos, em dirigentes políticos. Era uma batalha tremenda. O operário tem o instinto de classe mas não basta. Porque pelas condições de vida, eles... Lenin já falou a respeito. Parece que é no O que fazer, 1900 e pouco. Eles só atingem a luta sindical, não atingem a luta política. Então é preciso que a doutrina venha de fora, levada por intelectuais, por pequeno-burgueses ligados diretamente à classe operária. E não é por acaso, por exemplo, que países como a Alemanha, como a Inglaterra, como os Estados Unidos, o proletário se deixou levar pelos seus inimigos de classe. Até hoje na Inglaterra, não é por acaso. E muitos desses dirigentes trabalhistas da Inglaterra são ex-operários corrompidos pela burguesia, que deu tiro, deu dinheiro, deu, inclusive, títulos aristocráticos. Então não basta o instinto de classe. E daí a nossa luta para transformar o instinto de classe em consciência de classe. Agora eles, naquela vida, só tem o braço para vender, não tem mais nada, não tem propriedades, não tem nada. Eles só tem a perder as cadeias, então rapidamente eles procuram apreender o marxismo e, rapidamente, vão lutar por aquilo; ao passo que o intelectual fica numa discussão cheia de dúvidas, uma coisa pavorosa! E às vezes dura anos e anos. Eu digo: "Mas, fulano, eu discuti com você, você pendeu para a esquerda; e agora eu volto e você pendeu para direita. Não é possível." E era assim, aquele ziguezague desgraçado!

R.L. - Agora, Otávio, como é que a gente pode explicar por que o partido não conseguiu, historicamente, transformar o instinto de classe em consciência de classe e, por outro lado, como é que a gente explica, mesmo o partido tentando essa transformação, a predominância de intelectuais dentro do partido?

O.B. - Não digo predominância, pode-se dizer influência. Porque os intelectuais liam os livros de Lenin em francês e explicavam aos operários. E os operários... muitos deles eram analfabetos.

Depois, na história do partido há duas etapas. Uma etapa até 30. Veio a revolução soviética imediata, e os operários foram abandonando o partido, não queriam nenhuma revolução soviética. Porque eles sabiam, de antemão, que aquilo era impossível. E depois de 30 veio o culto à personalidade, e acabou-se. "Fulano disse..." Acabou-se.

R.L. - Prestismo, é o que você diz?

O.B. - Prestismo, o culto à personalidade até o delírio. Até gravar moedas, com efígie de Prestes. Eu digo: "Mas isso lembra Luís XIV, Luís XV, os imperadores romanos."

M.C. - Quem gravava...?

O.B. - O partido mandou gravar, fazer fiança, moedas assim, a efígie de Prestes.

R.L. - Então, quando você fala no seu livro, quer dizer, o partido como o portador da consciência de classe, você se refere à fase...?

O.B. - Até 30, até 29, 30. Porque veio a revolução soviética imediata, e a pequena burguesia, prestistas aderiram em massa. Em 45, então, turbilhão em massas. Os prestistas sabiam: "Prestes vai ser o primeiro- ministro, Prestes vai ser o ministro da Guerra, não sei o que..."

R.L. - Ministro da Guerra?

O.B. - É. "Ministro da Guerra, primeiro-ministro, vai ser o dono do Brasil." Em 45. E aderi em massa a pequena burguesia. Ao passo que os operários se encolheram. No nosso tempo não, o operário sabia: adere ao partido, daí a pouco está na cadeia, leva surra, leva socos, leva bolos. Houve caso de quarenta bolos. Nós recomendávamos: "Não adianta brigar na Polícia. Nossa briga é cá fora, na Polícia você está sozinho, é surrado e não tem quem defenda." Mas havia camaradas que eram... queriam dar prova de coragem. A Polícia dava dez bolos, então eles diziam: "Vocês são uns bandidos, vocês são uns infames, vamos lá para a rua que eu vou dar uma surra em cada um de vocês." E aí levava mais dez bolos. E no final tomava quarenta bolos e ficava algumas semanas até a mão desinchar, e aí soltavam. O crime deles: vender o jornal *A Classe Operária*. Isso foi no tempo de Washington Luís, foi no tempo de Getúlio Vargas.

De modo que os que eram operários iam às portas das fábricas e aos bairros operários conversar com as mulheres dos operários. Nós falávamos assim: "A senhora dá licença..." aos sábados e domingos. Ela falava: "Faz favor." E nós: "Nós somos trabalhadores e viemos conversar com a senhora." E começávamos a contar coisas que ela pudesse compreender. Naquele meio tempo ela dizia: "Os senhores querem um cafezinho?" E nós: "Oh, minha senhora, para nós é uma honra tomar o cafezinho da senhora." [riso] Aí, então, tudo mudava, com o cafezinho. Eu já sabia que tínhamos dobrado o cabo das Tormentas, que era o cabo da Boa Esperança, quando a dona da casa, operária, mulher de operário, oferecia cafezinho. Aí começávamos: Luta... O que é o Estado? O Estado é isso, assim, assim..." "Como é que se sabe?" E nós: "Qualquer greve, logo a Polícia, tropas do Exército intervêm para dar surra, prender os operários. Máquina do Estado. O que é o imperialismo? Por que o Brasil é um país semicolonial? O que quer dizer isto? O que são os monopólios? O que é o capital financeiro? O que é exportação do..." Tudo isso em linguagem elementar, as coisas mais simples. Anos e anos, quatro anos de estado de sítio, grupo de quatro, cinco - as visitas às casas dos operários, como na Gávea. Outras vezes, quando fui vereador, íamos com o meu amigo Joaquim Nepomuceno, ferroviário. Andávamos léguas nesses subúrbios, fazendo visitas a famílias de ferroviários. Dia de sábado, dia de domingo. Ele conhecia, era ferroviário. E assim; explicando, explicando... Então precisava ter força de vontade, nervos de aço e vontade de ferro.

M.C. - Essa idéia de instinto de classe, você com isso quer dizer que o operário tinha uma noção ou uma sensação de que ele era explorado, por exemplo?

O.B. - Elementar. Porque ele só tem o braço para vender, não tem mais nada, não possui mais nada. Trabalha em grandes empresas, trabalha no meio de máquinas, entende? Toda uma série de características e uma vida especial, que não tem o intelectual entre quatro paredes, artesão, individualista até ali, sempre confuso, chega a última coisa... E, quando, às vezes, me perguntavam: "Você já leu Wilhelm Reich?" Eu digo: "Agora eu li, mas antes não tinha lido." Quando cheguei da Europa me perguntavam: "Você leu Freud?" Eu digo: "Não, eu estudei Lenin e não Freud." Me perguntavam: "Você

estudou aquele russo que escreveu *Uma volta ao feudalismo?*" É fácil ver o nome dele. [riso] Volta, queriam que eu voltasse ao feudalismo. Um russo. Eu digo: "Não! Não li não. Eu li Marx, Engels, Lenin." "Pois vá ler." Fui à Biblioteca Nacional para ler. Bergson etc. O intelectual se agarra à última moda. É um dos erros terríveis do intelectual. Última moda - ele vai ler e fica discípulo. Em outro dia, uma discussão tremenda por causa de um livro de Wilhelm Reich. Devolvi. Falei mais de uma hora e disse: "Isso é uma porcaria por isso, isso." Ele não ficou muito convencido, é natural. Todos intelectuais são assim. Ficam vacilando a vida toda. Vacilando entre o proletariado e a burguesia, vacilando entre o materialismo e o idealismo filosófico, vacilando entre a ciência e a mística. Ao passo que o operário não. Aquelas condições de vida e trabalho impõem uma mentalidade especial. Quando chega ao marxismo, é a sopa no mel.

M.C. - Mas se é sopa no mel, por que foi tão difícil transformar esse instinto de classe em consciência de classe?

O.B. - Oh! Isso é um processo lento. Precisa cultura, e eles não tinham nem sequer o à-bê-cê. Muitas vezes iam aprender o à-bê-cê dentro do partido. E para ser marxista, é preciso cultura. Às vezes dizem: "Não estou de acordo com suas idéias." Eu digo: "Quem disse que o senhor poderia estar de acordo? Para adotar as minhas idéias, seria preciso estudar como eu estudei. O senhor não estudou. Como pode adotar as minhas idéias?!" Quando o sujeito, no fim das conversas, vinha me dizer isso, fico zangado e vou dizendo grosserias. Ou então eu dizia: "Quem é que lhe meteiu isso na cabeça? Eu sei que não foi o proletariado, não foi o Marx." E, às vezes, o sujeito no fim diz: "O senhor não me convenceu." E eu dizia: "E quem lhe disse que eu queria convencê-lo? O senhor está enganado. Nós vamos vencê-lo e não convencê-lo, que é muito diferente. Vencê-lo pelas armas, entendeu? Proletariado armado." [riso] O sujeito ficava danado e ia-se embora.

E houve um caso...

R.L. - Com quem você falou isso?

O.B. - Pequenos, médios e grandes burgueses.

R.L. - Grandes burgueses também?

O.B. - Sim, às vezes.

M.C. - Você só dizia grosseria para os burgueses?

O.B. - Sim. É claro! No fim eles diziam: "O senhor não me convenceu." Assim, arrogante. E eu: "E quem lhe disse que eu queria convencê-lo? Nós vamos vencê-lo." E ele: "Como vencê-lo?" E eu: "Sim, com o proletariado armado, assim, assim... aliados aos camponeses, aliados às massas da pequena burguesia urbana. É uma massa invencível: proletariado, camponeses, pequena burguesia urbana. Ninguém poderá vencer esta gente."

Mas às vezes há coisas cômicas. Encontrei um paulista na Livraria José Olímpio. E o paulista começou a cantar um hino a São Paulo. Que São Paulo é uma locomotiva, vinte vagões vazios... São Paulo produz isso e aquilo. O Brasil não produz nada, não sei

o quê, e uma porção de coisas. Então, quando ele acabou, eu rebati: "Mas São Paulo tem favelas, tudo isso foi arranjado por São Paulo, arruinando, empobrecendo todo o Brasil, desgraçando o Brasil, valorização do café, milhões, milhões e bilhões de contos, e o Brasil sustentando essa porcaria dessa valorização em proveito de São Paulo, dos grandes fazendeiros, dos exportadores de café, dos comerciantes de café. São Paulo... São Paulo roubando, saqueando todo o Brasil." O sujeito foi se zangando comigo e no fim botou o dedo perto do meu nariz e disse: "O senhor sabe com quem está falando?" Eu digo: "Não, o senhor não se apresentou." Ele disse: "O senhor está falando com um paulista de quatrocentos anos." Eu olhei, sorri e disse: "Mas que bobagem, paulista de quatrocentos anos... E o senhor sabe com quem está falando? O senhor está falando com caeté de dez mil anos." [riso] O sujeito foi-se embora, não quis mais conversa comigo. De fato, os índios há dez mil anos estavam no Brasil - os caetés em Alagoas. O sujeito foi-se embora. Pois bem, às vezes, a coisa era trágica e cômica... Caeté de dez mil anos.

M.C. - Otávio, só uma pergunta: nesse período já havia alguma, vamos dizer assim, ação organizada por parte da Igreja no sentido de criar sindicatos católicos?

O.B. - Não. A Igreja era reacionária até a medula. A Igreja auxiliou a reação em Alagoas contra mim. Depois, vendo o perigo, a gente penetrando aqui, ali e acolá, ela foi se organizando. Agora talvez em Minas, em algum estado desses, talvez a Igreja tenha feito alguma tentativa. Mas em geral não. Só depois, quando havia o perigo.

M.C. - Não havia nenhuma tentativa de criar não propriamente sindicatos, mas algo ligado ao cooperativismo?

O.B. - Apostolados da Oração. Essas coisas é que havia, viu? Centro de propaganda da Igreja, aquela cota, aquilo tudo por parte, uma máquina. Todo o país cheio desses Apostolados da Oração. Confraria de São Vicente de Paula, essas coisas meramente religiosas.

M.C. - E a ideologia cooperativista da Igreja?

O.B. - Da Igreja? Não me lembro de nenhuma cooperativa. Só me lembro do Sarandi Raposo em 23.

R.L. - Mas não tinha nada a ver com a Igreja?

O.B. - Nada, nada.

R.L. - Você falou, então, que existiam células, existia o comitê regional e acima dos comitês regionais, a CCE. Como é que era feita, por exemplo, a escolha do comitê regional? Eles eram indicados pelo comitê central ou eram eleitos pela base?

O.B. - Eram eleitos pela base. Havia o centralismo democrático. Não só a gente ouvia os intelectuais; ouvia os operários com muita atenção. Às vezes tinha de atendê-los contra a própria vontade, mas eles eram eleitos pela base. Havia o centralismo democrático. Daí a força do partido naqueles anos: no meio de quatro anos de estado de sítio desenvolver-se nas piores condições nacionais e internacionais. Porque uma das razões era esta: eles não podiam ler nem em português, quanto mais em francês ou

espanhol.

M.C. - A base que você está chamando são os operários organizados em células?

O.B. - Em células, é a base. Era a base do partido...

R.L. - Essas células eram organizadas por fábricas ou por sindicatos?

O.B. - Não tinha nada a ver com sindicato. Eram duas coisas: cada operário era membro da célula da sua fábrica respectiva e, ao mesmo tempo, era membro do sindicato.

R.L. - Quer dizer que ele atuava em dois lugares: na célula e no sindicato.

O.B. - Todo um ambiente que a gente cercava o operário. Cada operário que nos procurava era tratado com uma consideração, como se fosse, assim, o presidente da República. [riso] Eles se sentiam... E depois havia uma coisa impressionante: havia muito negro naquela época e eles eram tratados de... Ficavam assombrados como eram tratados por nós. Havia aquela fraternidade com os negros, aquilo tudo. Consideração e fraternidade. Então eles se sentiam orgulhosos, assim, no meio de intelectuais e tratados daquela forma. Isso ajudava muito à consciência, ao desenvolvimento do instinto de classe em consciência de classe. Mas, também, coitados, quando eram presos, [riso] eles apanhavam por serem comunistas e apanhavam por serem negros. Apanhavam duas vezes. Era uma desgraça. Apanhavam por ser negro no período de Bernardes, de Washington Luís, de Getúlio Vargas, quer dizer, o sujeito apanhar por ser negro! Diziam: "Isto é um negro sem vergonha... Seu negro... É comunista? Comunismo é chicote. A Princesa Isabel foi a desgraça do Brasil. Acabou com isso; era chicote, entrava na cadeia com chicote." Ao passo que no nosso meio era assim... Havia, por exemplo, uma reunião, nós encontrávamos um desses militantes do partido ou mulheres, íamos abraçá-los e tudo isso. Causava aquela impressão. Comentavam: "Fulano, dirigente do partido, está abraçando aquele simples operário lá na base." Isso causava...

M.C. - Havia muitos militantes negros?

O.B. - Muitos negros. E muitos amigos íntimos, comunistas, eram negros. Como Joaquim Nepomuceno, como o... Bem, só vendo, depois os nomes deles aqui.

R.L. - Quer dizer, vocês estavam mais preocupados em criar uma vanguarda operária?

O.B. - Operária. Uma das nossas falhas... Nós não podíamos compreender toda a teoria leninista sobre os camponeses. Então não demos aos camponeses a devida atenção. Uma das grandes falhas do partido. Mas fizemos este esforço; meter Lenin na cabeça de simples operários.

R.L. - Vocês não desenvolveram nenhuma tentativa nessa época com relação aos camponeses?

O.B. - Bem, alguns documentos meus.

R.L. - Mas em termos do trabalho político?

O.B. - Houve o seguinte... Eu me esqueci; Laura é que sabia. Aí no estado do Rio, numa zona, ela sempre ia bater lá - levava não sei quantas horas de viagem -, falar com aqueles camponeses. E houve em Sertãozinho, Ribeirão Preto, naquela zona toda, um camarada, Teotônio de Souza Lima. Uma maravilha. Era um fogueteiro, fabricava foguetes. O homem era uma dedicação extraordinária. Ele leu, por acaso, o jornal *A Classe Operária*, em 25, e aderiu ao partido. Então ele, fogueteiro, tinha um sindicato em Sertãozinho, estado de São Paulo e organizou esta coisa extraordinária: marcha de verdadeiros camponeses, colonos das fazendas de café, em direção à cidade de Sertãozinho para fraternizar com os operários. Uma coisa extraordinária.

A outra coisa foi em Juiz de Fora. Reuni um grupo de operários e fomos aos arredores de Juiz de Fora, uma zona de fazenda de café. Penetramos lá. Fizemos comícios dentro da fazenda de café, e aqueles colonos assinaram um abaixo-assinado ao ministro da Justiça, protestando contra o fechamento do nosso jornal *A Classe Operária*. Em 1925. Mas essas tentativas tiveram a falha de não serem sistemáticas, metódicas, planificadas. Apenas em Sertãozinho.

M.C. - E em Campos, no estado do Rio?

O.B. - Bem, Campos... Aí não são camponeses, são operários agrícolas das usinas. Penetramos nas usinas, viu? Eu mesmo penetrei e levei os amigos, os companheiros de Campos, José Marcílio e outros. Fomos lá dentro das usinas. Mas eles eram trabalhadores urbanos, não fizeram trabalho no meio dos camponeses. Uma subestimação da importância do camponês. De modo que foi um trabalho não sistemático, não metódico.

R.L. - E o partido, inclusive, não tinha um programa para os camponeses?

O.B. - Não tinha. Até hoje não tem programa agrário. E não é fácil, que para isto eu propus, ficou no papel. Levei dez anos propondo mandar jornalistas aos estabelecimentos agrícolas. Não iriam fazer propaganda nenhuma. Iriam apenas estudar as condições de vida e trabalho. O que é o seringal? Ele responderia. O que é a zona da castanha do Pará? O que é a zona do babaçu? O que é a zona da cana-de-açúcar? Os sertões do Nordeste, as fazendas de cacau, as fazendas de café de São Paulo, de Minas e do Paraná. O que é a estância do Rio Grande do Sul? O que são as fazendas de gado de Mato Grosso? Daria o quadro das condições de vida e trabalho. Publicaria esses materiais no jornal do partido, *Imprensa Popular*. Travaríamos a discussão sobre a base desses materiais e prepararíamos o programa agrário. Levei dez anos pregando isso inutilmente.

M.C. - Isso em que época?

O.B. - De 46 a 56. Dez anos assim. Porque eu sou teimoso, cabeçudo, insistindo, insistindo.

R.L. - E o partido sempre combatendo isso, refutando?

O.B. - Não, indiferente.

R.L. - Você, quando foi vereador em 46, defendia esses princípios de que você está falando?

O.B. - Vários, vários deles defendi. Eu não defendi mais porque fui proibido de fazer discursos.

R.L. - Como é que você situaria a diferença da sua atuação como vereador em 29 com sua atuação em 46?

O.B. - Um abismo. Em 29 eu tinha plena liberdade do partido. Carlos Lacerda disse ao Dulles e o Dulles publicou - todos os meus materiais eram lidos porque estavam sob controle do partido. Primeiro, o partido controlar antes de eu ler - mentira. Nunca o partido leu um só dos meus discursos! Eu fiz por conta própria. Escrevia para poder...

M.C. - Isso em 29?

R.L. - Em 29.

O.B. - ...escrevia para poder melhorar o estilo, a forma, tudo isso, concentrar os dados. Mas nunca o partido controlou um único dos meus discursos. Mentira de Carlos Lacerda. [riso] Mas esse era sem-vergonha... Pois bem...

R.L. - Em 46...

O.B. - Em 46 fui proibido de falar. Não podia fazer nenhum, nenhum discurso. Todos os discursos que fiz em 46, fiz violando a disciplina.

R.L. - Você tinha que submeter os discursos...

O.B. - Não podia! Não, não submetia nada.

R.L. - Você não podia falar?

O.B. - Nada! Só para votar e bater palma. Cansei de dizer: "Eu não me presto para votar e bater palma." Minha tarefa ...Eu fui eleito pelos operários. Não houve...

R.L. - Mas todos os 18 vereadores do partido?

O.B. - Não. Havia a direção que controlava. E a ordem era essa.

R.L. - Quais eram os vereadores que podiam falar?

O.B. - A totalidade dos outros.

R.L. - Menos você?

O.B. - Menos eu. Eu digo: "Eu não me presto para isso." Cansei...

R.L. - E por que essa discriminação com você?

O.B. - Era desde o primeiro momento que cheguei. Eu notei logo a discriminação. Há um artigo meu que se intitula "A política de quadros" - publicado na *Imprensa Popular*, quando o partido abriu discussão em 56 - em que eu denunciei tudo isso, mostrando o absurdo disso. Não queriam que eu fizesse nenhum, nenhum discurso.

M.C. - E como é que surgiu a sua candidatura?

O.B. - Contra a vontade deles. Porque aquela massa toda, que tinha votado em mim em 28, estava garantida. Mas a direção do partido achava que só os velhos operários é que iriam votar em mim. Foi um escândalo quando...

R.L. - Quem era: o Arruda, Prestes?

O.B. - Todos, todos, toda a direção. Não escapava ninguém.

M.C. - Mas de que forma, como é que eles acabaram permitindo que você se candidatasse?

O.B. - Contra a vontade. A pressão das massa. Perguntavam: "Por que Otávio não é candidato?" Primeiro, Prestes disse que ele ia ser candidato a senador, mas depois tramaram e escolheram João Amazonas. Depois para vereador. A massa fez pressão. Todo mundo perguntava; "porque ele não é candidato?" Contra a vontade. E foi uma surpresa desagradável para a direção, quando eu vim em terceiro lugar numa chapa majoritária. Foi um escândalo! Porque achavam que só aquela gente antiga é que ia votar em mim.

M.C. - E nessa época o Arruda era muito importante?

O.B. - Oh! Parecia um capataz de fazenda de café. Gritava com todo mundo. Dava gritos assim. Eu cheguei de lá... mas trabalhei sob a direção de verdadeiros gigantes da história como Dimitrov. Dimitrov é hoje considerado um gigante da história universal. O homem que trava uma batalha no tribunal nazista de Leipzig e ganha a batalha sozinho. Nem os outros, dois búlgaros... Pois bem, trabalhei sob a direção de gigantes da história, e eles sempre me trataram de igual para igual. Cheguei aqui, vi aquilo! Arruda dando gritos. Parecia um capataz de fazenda de café. Pro diabo!

M.C. - E como é que o Arruda conseguia se manter assim na...?

O.B. - Isso é uma história... para não ser gravada.

R.L. - Você não quer gravar essa história?

O.B. - Não. Isso dá em briga.

R.L. - Dá em briga?

O.B. - Dá em briga. E depois eles aproveitaram para me expulsar como traidor.

Por denunciar um segredo do partido.

M.C. - Mas isso aí as pessoas já escrevem.

R.L. - Por exemplo o Basbaum chega a falar.

O.B. - Basbaum escreveu em parte, mas ele pactuou com tudo isso, e eu não pactuei. Vivi brigando.

R.L. - O Basbaum pactuou com isso?

O.B. - Pactuou!

R.L. - O grupo baiano?

O.B. - Sim, pactuou! No fim é que veio a sabedoria. Ele recebeu a ordem: "Vá lá à reunião do comitê de repatriação de Laura Brandão e proponha a liquidação do comitê e da propaganda toda." E ele foi e propôs, prestou-se a isso. Eu não me presto, nunca me prestei a essas coisas. Brigava e dizia: "Eu não vou." Quando Ademar de Barros foi visitar a *Imprensa Popular*, meio mundo correu, e falaram: "Vamos tirar fotografia ao lado de Ademar, vamos também." Eu disse: "Eu não vou, não sei quem é Ademar de Barros." E digo: "O que eu sei, não recomendo." E não fui.

R.L. - Você falou na *Imprensa Popular*. Você conheceu Aydeho Couto?

O.B. - Demais. Não era nada.

M.C. - Ele não era uma pessoa importante?

O.B. - Era importante pelo cargo, mas não estudou nada, não sabia nada. Desses jornalistas pequeno-burgueses.

Pois eu digo: "Eu não vou." Quantas vezes na hora do expurgo de Stalin - uma coisa terrível, quatro anos -, e eu na Internacional sustentando: "Não há nenhuma condição para nenhuma insurreição armada no Brasil." Poderia ter sido liquidado. E sustentei, em 35, até o último momento sustentei.

R.L. - Você estava informado que ia eclodir o movimento aqui?

O.B. - Sabia. Via, por exemplo, os apelos do secretário do partido no jornal *A Classe Operária*, apelos à revolução, apelos à insurreição, às armas, tudo isso. Eu digo: "Isso é uma provocação." Sustentei. Podia ter sido liquidado na hora do expurgo e queriam me liquidar naquela hora. Brasileiros infames. Um dia contarei tudo isso. Iriam aproveitar o expurgo de Stalin para me liquidar.

R.L. - Já que você não quer contar essa história para a gente...

O.B. - É, isso depois.

M.C. - Depois você conta a história do Arruda, porque essa história é difícil de a gente entender.

R.L. - Com o gravador desligado você conta.

O.B. - No correr de uma semana o sujeira passa... Você não é ninguém e passa a ser o dono do partido. É uma história desesperadora. Houve gente que se suicidou, não agüentou. Eu agüentei.

R.L. - Eu queria saber, voltando então para 22, como é que começa a se consolidar a organização interna do partido, como é que ele começa a constituir células...

O.B. - Bem, ele vai penetrando nos sindicatos, reorganizando os sindicatos, conquistando bons militantes sindicais. Ele vai penetrando nas fábricas, nos bairros operários, na Gávea. Nas Laranjeiras tinha uma fábrica de tecidos importante naquele tempo - foi liquidada. Lá no Engenho de Dentro, no cais do porto, entre os marinheiros e remadores. Penetrando aqui, ali e acolá. E criando camaradas que aderiram ao partido, sabendo que não iam ser vereadores nem deputados, sabendo que iam pegar cadeia, que levariam surras na cadeia. Então, aquela dedicação total e absoluta. Trabalhavam de dia. De quatro horas da tarde até de manhã, iam trabalhar para o partido, ou então até meia-noite. Uma dedicação total. E ficavam firmes até o fim, até a morte. Os que morreram ficaram firmes até a morte. Porque nós não íamos enganar: "Vote em nós, apoie e você será vereador, deputado." Nada disso; é cadeia, é cadeia, fome e desemprego.

M.C. - Otávio, nessa época, havia dentro do partido, alguma dissidência, alguma oposição a esse tipo de trabalho?

O.B. - Não. Só em 28, mais ou menos, o Joaquim Barbosa.

R.L. - Até 28 não houve nenhuma briga...?

O.B. - Nada, nada. Havia, assim, discussões, incompreensões, mais nada.

R.L. - E até essa época nunca houve prática de expurgo dentro do partido?

O.B. - Não, não. Houve uma vez: o secretário da Federação dos Trabalhadores. Porque ele roubou e foi expulso. Coisas assim.

R.L. - Mas expurgo ideológico?

O.B. - Nenhum expurgo ideológico. Isso não houve.

R.L. - Isso só em 30?

O.B. - Só expurgo... Joaquim Barbosa. Mas eles desertaram, eram 48 que desertaram. Eles mesmos desertaram. Mandaram um abaixo-assinado dizendo: "Desde esse momento consideramo-nos desligados do Partido Comunista." Foram eles que desertaram. Expurgo em 30 com o estado soviète. Era um ambiente muito... muita luta, coragem, bravura...

M.C. - E, nessa época, Otávio, o Partido era muito ligado a órgãos comunistas internacionais ou ele...?

O.B. - Recebíamos materiais da Internacional Comunista.

M.C. - Mas não havia uma interferência muito grande em termos de linha?

O.B. - Não, isso começou em 30.

R.L. - Em 30?

O.B. - Em 30. Interferência começou em 30, quando a Internacional criou o Bureau Sul-Americano em Buenos Aires.

R.L. - Que tipo de material era?

O.B. - Bom, eram documentos da Internacional Comunista. Artigos diversos sobre a situação internacional, discussões a respeito do problema colonial, e havia a revista *La Correspondance Internationale* de Paris, em francês. Uma pena ela ter desaparecido. Era uma revista oficiosa da Internacional, oficialmente não era nada, não tinha nada, nada, mas ela conseguiu uma coisa excepcional, porque os comunistas de cada país escreviam sobre seu país. Um mês, dois meses depois, a gente sabia. Tal acontecimento na Índia ou na China, na Indochina. Hô Chi Minh. Li muito artigo de Hô Chi Minh. Naquele tempo ele assinava Nguyễn Ai Quoc. E, assim, eu aprendi muitas coisas sobre a Indochina aqui no Rio de Janeiro. Então, árabes escreviam sobre os países árabes, e franceses, ingleses, alemães. Era um revista maravilhosa. Nunca vi uma revista tão importante assim. Não era, por exemplo, um russo que escrevesse sobre a China ou sobre a Índia. Eram chineses sobre China, hindus sobre a Índia e assim por diante.

M.C. - Eu só não consigo entender uma coisa: se nesse período não havia praticamente nenhuma, vamos dizer assim, oposição ideológica dentro do partido no Brasil e ele definia uma linha de ação mais ou menos independente - uma linha de ação que tinha surgido de uma discussão interna de vocês, brasileiros, em relação ao Brasil - como que, de repente, em 30, quando a Internacional começa a ditar uma política diferente, há uma mudança tão abrupta? Quer dizer... se havia tanta coesão antes...

R.L. - O que houve com essa coesão?

O.B. - Bem, em 29 houve uma reunião em Niterói, e Leôncio Basbaum não conta a história direito. O Basbaum tornou-se o crítico esquerdista entre aspas, e o partido começou a escorregar para a esquerda entre aspas. Bom, a Internacional viu que o prestígio ia tomando conta do partido. Então, achou que isto era oportunismo de direita e resolveu combater o prestígio como inimigo principal. E toda aquela luta que nós travamos antes contra o imperialismo, tudo isso foi considerado como oportunismo de direita. Eu fui condenado como oportunista de direita na luta contra o imperialismo, na luta contra tudo isso.

R.L. - Quer dizer, oportunismo de direita era basicamente a tática do Bloco Operário e Camponês?

O.B. - É. De modo que a direção do partido foi liquidada em cinco minutos por ordem do Bureau Sul-Americano.

R.L. - Isso foi em 29 ou 30?

O.B. - Em 30. Começou o esquerdismo entre aspas em 29. A direção do partido foi liquidada em cinco minutos numa reunião em Niterói. O Bloco Operário e Camponês, organização de massas, foi liquidado, e o partido ficou sem direção, sem nada. Então, os aventureiros foram penetrando no partido. Já não era mais o verdadeiro partido, e muitos operários abandonaram o partido. José Cazzine disse: "Não estou de acordo com os soviets." Foi embora. Era militante, operário metalúrgico, muito devotado.

R.L. - E que explicação o partido deu às suas bases, quando liquidou o Bloco Operário?

O.B. - Não deu nenhuma explicação; explicação era a revolução soviética imediata. Era um documento da Internacional Comunista e do Bureau Sul-Americano. Eu agüentei 16 discursos me condenando porque fui um obstáculo à vitória da revolução soviética imediata no Brasil. O próprio Dulles diz lá, e é verdade, que eu tive que fazer a autocrítica dos erros reais e dos erros imaginários. [riso]

R.L. - Essa reunião dos partidos comunistas em Buenos Aires foi a que você sofreu esses 16 discursos?

O.B. - Dezesseis discursos atacando, atacando...

R.L. - Nessa mesma reunião, não houve um problema com Mariategui, peruano?

O.B. - Não sei.

R.L. - Parece que as teses dele foram condenadas também.

O.B. - Sei que a linha do partido foi condenada como oportunista de direita. Meu livro *Agrarismo e industrialismo* foi condenado, e eu acusado de ter impedido a vitória da revolução soviética imediata.

M.C. - Mas na virada de estratégia do partido, não houve nenhuma oposição por parte das células, dos comitês regionais, o partido e outras áreas?

O.B. - ...estava esfacelado.

R.L. e M.C. - Por quê?

O.B. - A Aliança Liberal foi arrastando elementos de toda parte: prestistas, pequeno-burgueses, intelectuais, meio mundo. Eu tentei resistir na conferência de Buenos Aires. E, por isto, o fogo todo foi concentrado contra mim. Agüentar 16 discursos... Mas quando eu olhei, eu estava sozinho. Astrojildo capitulou em cinco minutos.

R.L. - Quer dizer, antes da Internacional mandar as ordens, o partido já estava esfacelado?

O.B. - É.

R.L. - Quer dizer que o esquerdismo começou antes das ordens da Internacional?

O.B. - Começou em 29. E Leôncio é uns dos responsáveis.

R.L. - Quer dizer que não foi a partir da Internacional? Veio de dentro do partido?

O.B. - O esquerdismo. Mas aquilo tudo muito confuso. Agora, em 30, vi: eram documentos especiais me atacando e condenando toda aquela linha. Achava que o Bloco Operário e Camponês era um outro partido comunista, que havia um perigo extraordinário de transformar-se em partido comunista. Liquidaram o verdadeiro Partido Comunista.

M.C. - E quem representava ou quem sustentava essa linha esquerdista dentro do partido?

O.B. - Leôncio Basbaum, antes; depois veio o Fernando Lacerda, meteu-se a teórico, uma desgraça.

R.L. - Que depois atacou o Leôncio Basbaum?

O.B. - É. Depois brigaram os dois... Está lá no livro. Uma coisa vergonhosa o que Fernando Lacerda fez em São Paulo: tirava simples operários da base para votar no comitê central.

M.C. - Sim. Então Basbaum, Fernando Lacerda. Quem mais?

O.B. - Astrojildo foi um joguete nas mãos dessa linha toda.

M.C. - Mas você está falando só de pessoas da cúpula do partido?

O.B. - É.

M.C. - E nas bases?

O.B. - A base não fez nada. A base foi-se esfacelando. E Fernando dizia: "É assim mesmo, é assim mesmo... nova linha revolucionária, vamos criar soviets." Quê! Criar soviets... Quando olhei na conferência, ele já tinha lido o documento me atacando em nome da Internacional. Eu tentei reagir, mas, quando olhei, estava sozinho. E eles ameaçaram de me expulsar imediatamente como traidor. Eu vi a coisa tão preta, que então, declarei que eu, por disciplina, aceitava a nova linha e queria defender a nova linha. Por disciplina.

M.C. - Agora, Otávio, e fora do Rio de Janeiro, onde mais que o...?

O.B. - Souza Barros de Pernambuco foi contra. Escreveu um trabalho contra. O Josias Leão, também era do partido, escreveu, assinou o documento. Foram expulsos imediatamente. Quem se opôs à nova linha foi expulso imediatamente.

M.C. - Não, não. Mas não era bem isso que eu ia perguntar, não. Fora do Rio de Janeiro, onde mais que o partido tinha conseguido criar bases?

O.B. - Pernambuco, um pouquinho São Paulo, interior de São Paulo, Campos, Niterói. O partido foi-se esfacelando, os operários foram abandonando. Os pequeno-burgueses trataram de se arranjar na vida. Josias Leão foi ser cônsul. José Jobim, que era secretário do jornal *A Classe Operária*, foi ser cônsul também. Danton Jobim também. Meio mundo foi abandonando.

R.L. - Danton Jobim é o mesmo de hoje?

O.B. - É o mesmo de hoje. Cada um queria fazer carreira, então foram abandonando o partido. E outros se encolheram, outros se encolheram.

M.C. - Mas você fala que eles foram abandonando já depois da virada, depois de 30?

O.B. - É, depois da linha de sovietes.

M.C. - Quer dizer que, na verdade, a linha anterior do partido ainda não estava inteiramente consolidada? Tanto que ela foi muito facilmente esfacelada.

O.B. - Você sabe, a gente tinha... um espécie de mística da Internacional Comunista, viu? [riso] A Internacional Comunista dizia, e a gente cumpria. Isto teve um lado positivo, porque, de outra forma, não teria havido nada no mundo - sem essa disciplina. Mas tem o lado negativo; o culto à personalidade da Internacional, o respeito rigoroso à Internacional em vez de discutir com ela. [riso] Agora, os que discutiram foram expulsos como traidores, de modo que era muito difícil. A gente era metido numa tal embrulhada, que não tinha solução e tome derrotas, tome derrotas. Daí as derrotas, quantas derrotas da Internacional... Por que Hitler subiu? Não era obrigatório Hitler subir. Derrotas... A Internacional dizia, e nós cumpríamos.

R.L. - Otávio, nessa época aí, o Prestes aparece com aquela liga de ação revolucionária.

O.B. - É uma coisa maluca, sem pé nem cabeça. Ele mesmo, depois, renegou-a. Nós criticamos severamente Prestes. Há entrevistas minhas a *O Jornal*, de Chateaubriand, mais uma ou duas entrevistas e há uma outra que saiu no livro de Basbaum, segundo volume. Você conhece? História do Brasil.

M.C. - A *História Sincera da República*?

O.B. - É. No segundo volume, ele transcreve. *O Jornal* não quis, então foi publicado em manifesto. Aí eu mostro que os erros de Prestes com essa liga de ação revolucionária e com a linha dele... Não aceitava o Partido Comunista, não aceitava nada....

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

R.L. - Outra coisa que eu queria saber: qual era a prática que vocês propunham para os sindicatos, que tipo de atividades táticas?

O.B. - Bem, defender as reivindicações imediatas. Lutar para praticar, para... Como é que se chama? Para levar à prática a Lei de Férias. Bernardes deu, [riso] mas lutamos anos e anos e Bernardes escamoteou. Não aplicava a Lei de Férias. Conquistar leis, leis que Getúlio depois deu, chamando para ele as vantagens. Lutamos anos e anos. Reforçar os sindicatos, consciência de classe. Criar federações, Federação dos Gráficos, Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. Preparar a confederação que fundamos em 29. E aquela esperança: transformar os líderes sindicais em líderes políticos. E para isso recomendar: "Leia o Manifesto Comunista de Marx, leia isso, leia aquilo, aquilo outro." Infelizmente - uma de nossas falhas - não tínhamos dinheiro e, como edição, publicamos muito pouca coisa. Mas nos jornais onde pudemos, publicávamos muitas coisas, muitas, muitas coisas, onde conseguíamos. Na seção operária dos jornais burgueses, como *O País*, publicávamos uma quantidade de materiais. Onde tivemos uma brecha, e, assim, manifestos avulsos. Anos e anos...

R.L. - Essa luta que você falou contra os anarquistas, era uma luta em torno de que princípio, de que posições?

O.B. - Bem, primeiro que os anarquistas não aceitavam a teoria do Estado, que sem o Estado para a transição entre o capitalismo e o comunismo, seria impossível a revolução. Então a primeira coisa: a defesa do Estado. E citávamos o livro de Lenin, *O Estado e a revolução*. Tínhamos em francês ou em espanhol. Segundo: o anarquismo pregava a greve geral, mas depois não sabia o que fazer. O que fazer depois da greve geral? Não sabiam. Então as greves eram esmagadas, como na Espanha, na Itália, por toda a parte. Terceiro: o anarquismo queria que no futuro fossem pequenas comunas agrícolas, cada uma trabalhando por conta própria. Um federalismo horrível, sem nenhuma centralização. E nós achávamos que essas comunas não valiam nada que nem chegariam a nascer, que a burguesia... Não queriam o Estado, não queriam o Exército, nem Polícia, nem tribunais, então a burguesia esmagaria logo. Sem o Exército vermelho, a revolução não teria esmagado a contrarrevolução. Uma discussão em torno da Tcheka: é necessário ou não criar Tcheka. Eu tive que escrever um artigo mostrando todos aqueles grupos contra-revolucionários, e exércitos contra-revolucionários que o Exército vermelho esmagou e que a Tcheka acabou de esmagar. Tomou uma defesa tremenda... Drzjzinsky era muito odiado, porque era o chefe da Tcheka.

R.L. - Mas não haveria, nesse medo dos anarquistas, alguma coisa... talvez bem fundada? Por exemplo, eles tinham um temor muito grande de que essas formas de polícia política se voltassem...

[FINAL DA FITA 4-B]

O.B. - ...escrevi um livro inteiro, *Rússia proletária*. O livro tem muitas falhas do ponto de vista do marxismo, mas preconiza a ditadura do proletariado, defende a Tcheka, a revolução na Rússia, tudo isso. E as respostas dos anarquistas foram muito falhas teoricamente. José Oiticica respondeu que eu não tinha sido... inclusive dá um caráter pessoal à luta política que nós travamos, teórica, política, ideológica. Ele dava um caráter pessoal: "Otávio Brandão não conseguiu ser vereador, não conseguiu ser intendente, nem deputado, nem senador, nem ministro e agora abandonou o anarquismo." Marques da Costa, que escrevia na seção operária do jornal *A Pátria*, jornal burguês, também, muitos ataques pessoais. E Canelas, que rompeu com o partido, foi expulso, também aderiu a esse grupo. Então uma luta no terreno pessoal, muito fraca ideologicamente, nada de sério. Isso contribuiu para desmoralizá-los. Eles não tinham respostas.

R.L. - Agora, em termos imediatos da ação operária, quais eram as diferenças entre anarquistas e comunistas?

O.B. - Da ação operária?

R.L. - É, em termos imediatos na atuação dos sindicatos...

O.B. - Bem, eles pregavam um Estado ideal...

R.L. - Não, isso em termos teóricos; em termos mais gerais, em termos da luta cotidiana.

O.B. - Bem, quando eram anarquistas, defenderam as greves, lutaram pelos sindicatos. Depois viraram anarcóides, então eram somente ataques ao Partido Comunista, à Rússia, à revolução. Foram degenerado.

M.C. - Enquanto eram anarquistas....

O.B. - Enquanto eram anarquistas, quer dizer, até 20. Até 1920, eles sustentaram as greves, defenderam os operários, foram para a praça Mauá, brigaram com a Polícia, tudo isso. Foram presos. Em 20! Depois com... 22 em diante começou a degenerescência.

M.C. - E nesse aspecto, Otávio, a luta prática, vamos dizer assim, em níveis imediatos... até 20, enquanto eles estavam defendendo greves, lutando pela jornada de oito horas... a tática, vamos dizer assim, era mais ou menos igual a dos comunistas.

O.B. - Mas não havia comunistas na época.

M.C. - Eu sei, mas os comunistas posteriormente.

O.B. - Bem, com a diferença que os comunistas sempre se deixaram levar por princípios, sempre foram guiados por princípios. E eles, aquilo era stiririna, era espontâneo. Eles liam Bakunin, Kropotkin, Sebastião Faure, Malatesta, [inaudível] Aquilo era espontâneo. A base teórica deles era muito falha. Depois, esses homens apareceram na hora da maré enchente - 1917. Antes eram pequenos grupos, em São Paulo e no Rio de Janeiro, de italianos, de portugueses.

R.L. - Quer dizer que não era possível uma frente comum entre anarquistas e comunistas?

O.B. - Eles recusaram.

R.L. - Eles queriam... recusaram... os anarquistas.

O.B. - Antes de eu aderir ao partido. Eu... no período de transição do anarquismo para o comunismo, publiquei um artigo na *Voz do Povo*, 1920, pregando a frente única dos anarquistas e comunistas. Citando o canto da Internacional: "Paz entre nós, guerra aos senhores." Eles recusaram categoricamente, e o jornal *A Plebe* atacou-me.

R.L. - Leuenroth.

O.B. - É. Atacou-me, recusando. Ele disse: "Entre Marx e Bakunin é impossível haver uma frente única." E foram, então, perdendo toda aquela influência, aquelas bases, aquilo tudo. A maioria do partido naquele primeiro período era de ex-anarquistas.

R.L. - Então a luta de vocês era contra os anarquistas e contra os amarelos, na década de 20?

O.B. - Bem, depois a luta contra o Sarandi Raposo, era reformismo...

R.L. - Você contou para a gente.

O.B. - Depois veio a luta contra os... mas sempre a luta contra os amarelos. E fomos intensificando, sobretudo em 26. De 22 a 26 fomos intensificando a luta contra os amarelos, contra o oportunismo de direita até a traição dos amarelos, contra o oportunismo de esquerda, esquerda entre aspas, os anarquistas - duas formas de oportunismo.

R.L. - Onde é que os anarquistas eram mais fortes?

O.B. - Construção Civil e Sapateiros.

R.L. - Depois da fundação do partido é que estou perguntando.

O.B. - É.

R.L. - Construção Civil e Sapateiros?

O.B. - Sapateiros. Tinham alguma influência nos outros sindicatos.

R.L. - E vocês conseguiram ganhar influência nesses dois sindicatos?

O.B. - Só em parte, porque os comunistas não aplicaram a linha do partido. Queriam resolver aquilo... [riso] Tivemos que proibir categoricamente de dar tiros, queriam matar os anarquistas. Uma luta...

R.L. - Queriam matar os anarquistas?

O.B. - É, não aplicaram a linha nos dois sindicatos. Então, foram criar um sindicato perfeito, violando a linha do partido.

R.L. - O que houve com esse sindicato?

O.B. - Nada!... [riso] Era com eles mesmos, os comunistas, formar o sindicato perfeito. Diziam: "Eu não me misturo com porcaria de gente, com esses anarcóides desgraçados." [riso]

R.L. - Quer dizer, então, que não foram só os anarquistas que não quiseram fazer a frente única?

O.B. - Mas, escuta, os anarquistas, estou falando em 20, na *Voz do Povo*, que eu propus abertamente, em 20. E, depois de 22, os comunistas não queriam se misturar com os anarquistas.

R.L. - Então era de ambas as partes?

O.B. - É, então no Sindicato dos Sapateiros, da Construção Civil perdemos a batalha e, por isto, os próprios comunistas não aplicaram a linha do partido.

R.L. - Então o partido propunha a frente única?

O.B. - Propunha a frente única, não brigar com eles: "Afinal de contas são operários, não vale a pena brigar com eles." E eles diziam: "Não! Não me misturo..." [riso] Agora, a química moderna descobriu o isótopos a torto e a direito, não é? Quer dizer, nem na química há os quimicamente puros. Agora imagine a sociedade dos quimicamente puros - uma embrulhada.

R.L. - E a linha da Internacional? Ela permitia a frente única com anarquistas?

O.B. - Permitia frente única. Bom, na Europa eram os sociais-democratas. Os anarquistas foram perdendo terreno na Rússia, por toda parte. Era frente única, sobretudo com o social-democrata. Como aqui não havia, viu? Então, frente única com os anarquistas eles não quiseram.

M.C. - Otávio, qual era a posição do partido, nesse período, ao movimento já bastante definido dentro do Congresso Nacional - basicamente na Câmara - no sentido de se criar uma legislação trabalhista?

O.B. - Nós sempre fomos favoráveis, e o programa do Bloco Operário e Camponês levantou essas questões, e à porta das fábricas sempre levantamos. Leis, leis trabalhistas, leis para os operários, para as mulheres. Sempre.

M.C. - Mas havia algum movimento ou alguma tentativa de aproximação do partido em relação a esses políticos que defendiam esses projetos?

O.B. - Somente Maurício de Lacerda, mas não conseguimos. Imagine, "*rempli de soi-même*", dizem os franceses. Cada um desses sujeitos era cheio de si mesmo. Julgava-se o líder, o chefe, o tal. E nos tratava como uns vermes que se arrastavam pela... A auto-suficiência, auto-satisfação e sobretudo auto-estupidez destes políticos como Bergamini, Maurício de Lacerda, todos. Auto-suficiência... E não eram nada, não tinham base teórica nenhuma, não estudaram nada. Apenas vaidade. E impediam a conscientização da classe operária, sempre a reboque deles, votando neles, e eles políticos profissionais a vida inteira, a vida inteira, reeleitos... E viam em nós um perigo. Sabiam que nós iríamos eleger representantes no Parlamento e não iríamos permitir a classe operária a reboque deles a vida inteira. Houve a Lei de Férias...

M.V. - Então, um negócio que não consigo entender é esta política de frente única do partido às vezes...

O.B. - Não propusemos frente única a esses sujeitos. Propusemos a anarquistas na classe operária. Porque os anarquistas tinham influência na classe operária.

M.C. - E o tenentismo?

O.B. - O tenentismo já muito depois. Primeiro que no nosso tempo não se chamava tenentismo, isto foi invenção de depois de 30. Eles mesmos se classificavam como revolucionários. A Coluna Prestes era uma coluna revolucionária. Não se chamava tenentismo, isto foi inventado depois de 30.

R.L. - Virgílio Santa Rosa.

O.B. - É. Pois bem, então nós fizemos várias tentativas para nos ligarmos à Coluna Prestes. Antes em 24, em São Paulo, o João da Costa Pimenta foi procurar Isidoro e propôs o apoio do Partido Comunista, dos operários gráficos, armá-los ou dar armas aos operários. E Isidoro teve medo, preferiu desertar a entregar armas aos operários - esta aí a pequena burguesia. Cleto Campelo tomou as armas no Recife, vários comunistas, padeiros participaram da coluna de Cleto Campelo. Morreram de armas na mão, o dedo no gatilho, lutando contra as tropas da Polícia. No interior, combate de Topadas. Inclusive um padeiro comunista, tem o nome dele aí nesse trabalho. Quer dizer, tentativa para nos ligarmos à Coluna Prestes, participação da insurreição de Cleto Campelo. Fomos procurar Isidoro em São Paulo, e Isidoro teve medo dos comunistas. Mesmo porque o Isidoro se deixava levar pelo Macedo Soares, futuro ministro das Relações Exteriores. E o Macedo Soares dizia: "Os operários agitam-se já, e as aspirações bolchevistas estão aparecendo." Isidoro também ficou com medo, porque era uma massa operária enorme. E os operários pediram armas a Isidoro.

Agora, Lei de Férias, nós mobilizamos os sindicatos para a Lei de Férias ser aplicada. Bernardes baixou a Lei de Férias, mas nunca aplicou.

M.C. - Certo... Nunca aplicou.

O.B. - Só Getúlio depois. Lutamos por isso tudo. Leis trabalhistas, como não? Reivindicações imediatas: aumento dos salários, quantas vezes; defender o dia de oito horas, liberdades sindicais. Havia dezenas de sindicatos com influência nossa. Eu era convidado para... imagine... hoje ainda sou... Dezenas de sindicatos no Rio e em Niterói

me convidaram para fazer conferências lá. E eu fui e fiz conferências. Antes como anarquista, depois como comunista. Com estado de sítio e tudo mais.

M.C. - Agora, no período em que você era anarquista, os anarquistas de maneira nenhuma tentavam apoiar o movimento que já existia na época no sentido de promover uma legislação trabalhista?

O.B. - Eles pensavam na revolução, a greve geral, a ação direta. E depois da greve geral? [riso] Não sabiam o que fazer. Diziam: "Nada de Estado." E eu falava: "Mas sem Exército não é possível, sem Polícia não é possível, sem tribunal, sem Marinha não é possível." E eles: "Não! Não... Nada de Estado."

M.C. - Otávio, quer dizer que essa linha de frente única do partido nesse período... com os movimentos revolucionários, mais tarde chamados...

O.B. - Com os anarquistas em 20, depois em 22 um ódio, mas um ódio cego.

Oiticica um homem... um grande erudito. Pois bem, Oiticica nunca estudou o marxismo. Era íntimo de minha Laura. Minha Laura foi professora dos filhos dele. Pois eu voltei da Rússia, e ele nunca quis... A mulher ainda me visitou, e eu visitei a esposa. Ele nunca me procurou para saber da vida de Laura lá na Rússia. Era aquele ódio, ódio cego. Eu morava na Urca. Eu o encontrava, falava: "Bom dia." "Ele não respondia - ódio cego. E eu, no livro em que o critiquei, tratei-o assim com delicadeza - ele, Fábio Luz, o Carvalho.

M.C. - Mas, Otávio, do ponto de vista dele, você era um traidor.

O.B. - Era um traidor. Mas isso é típico do fanático, cego, sectário, que se coloca no centro do sistema solar e pensa que todo o sistema solar gira em torno dele. [riso] A cegueira dá nisto.

R.L. - Mas não houve isso, por exemplo, dentro do partido com relação às pessoas que rachavam, que cindiam, como Joaquim Barbosa e outras pessoas?

O.B. - Bom, aí foi a luta, uma luta tremenda...

R.L. - Mas não deixou de ser também uma luta...

O.B. - Sim, mas depois eles desertaram e foram considerados traidores.

R.L. - Sim, mas do ponto de vista do movimento anarquista, a sua saída, por exemplo, pode ser pensada como deserção.

O.B. - Como deserção, uma traição, tudo isso. Como é que é?... Felisberto de Carvalho, não... Como é?

R.L. - Florêncio de Carvalho.

O.B. - É. Florentino de Carvalho! Eles gostavam muito de mim, mas depois acabou-se tudo.

R.L. - Otávio, como é que foi sua adesão ao Partido Comunista?

O.B. - Minha adesão?

R.L. - É.

O.B. - Só explicando em parte.

R.L. - Está explicado aí?

O.B. - Está. Vamos por partes. Vocês fazem cem perguntas, e eu tenho que responder, porque ela diz: "Não compreendo." Como não... O que é que não compreende? [riso] Intelectual...

M.C. - Não é intelectual. É que é difícil de a gente entender.

O.B. - Bom, você não viveu...

R.L. - Intelectual é muito confuso, não é, Otávio?

O.B. - Viu? Não é fácil compreender. Eu vivi. Vivi e sofri na própria pele.

R.L. - Por isso nós estamos aqui te perguntando isso tudo.

O.B. - Tanta amargura. Meu ano de 21, ano de crise, aquela crise. Bom, de um lado, uma alegria extraordinária, era lua-de-mel com Laura. Mas deu toda aquela crise, aquele sofrimento profundo. Eu escrevi uma poesia em 21 que mostra bem o meu estado de espírito. "Crucificado", é o título, apareceu no folheto "Apelo à nacionalidade brasileira". Com Cristo com uma tocha revolucionária e o mapa do Brasil no fundo. Diz: Clamar e não ouvir/ bradar em vão/ Abrir olhos de sonho para a vida/ invocar almas novas para a lida/ e só tatear na fria solidão/ Aspirar a um além inatingível/ procurar novos ritmos, novas lutas/ e por prêmio de esforço tão terrível/ Só merecer a frieza de almas brutas/ Assim é a vida amarga do profeta/ A rolar entre tantas almas vis/ Martirizado pela dor secreta/ Crucificado pelo seu país. Está aí, 1921, uma crise tremenda.

Em 22, na segunda metade, quando li os livros de Marx, Engels e Lenin então, compreendi... Crucificado pelo seu país, e hoje continua a mesma coisa [riso] - crucificado pelo seu país.

R.L. - Você passa a fazer parte do Comitê Central a partir de 23, não é?

O.B. - É. Aí já tinha o prazo, precisava um prazo determinado, 23, e fiquei até 30.

R.L. - Até 30. Você participa do II Congresso do partido. Como é que foi esse congresso? Quais foram as principais teses?

O.B. - As teses foram inspiradas no meu livro *Agrarismo e industrialismo: luta entre os latifundiários e a burguesia*, no sentido do capitalismo no Brasil, os pequeno-

burgueses a reboque da burguesia, e uma frente nacional antiimperialista. Você pega o livro do Astrojildo e vem todo o texto lá. Todo, ou, pelo menos, o principal, o livro *Formação do PC*, nisto o livro serve - esses velhos documentos.

R.L. - Quer dizer, é a partir desse congresso que o partido começa a pensar na possibilidade de uma tática eleitoral, não é?

O.B. - Uma tática política para a luta armada, a princípio, já que a Coluna Prestes andava por este interior. Então, nós pregávamos: frente única, proletariado, camponeses, pequena burguesia urbana e burguesia industrial contra o imperialismo.

R.L. - E, para vocês, quem eram os representantes dessa burguesia industrial?

O.B. - Frente única, proletariado, camponeses, pequena burguesia urbana e burguesia industrial.

M.C. - Pois é, é isto que não consigo entender. Porque, antes, você tinha dito que a frente única era só em relação aos anarquistas e aos movimentos revolucionários.

O.B. - Não, mas isso... os anarquistas não quiseram - 1922 - não quiseram. Isso daí é o II Congresso, 24.

M.C. - De 24, sim.

O.B. - E havia a Coluna Prestes..

M.C. - É, eu sei. E o que a burguesia está fazendo aí na frente única e a pequena burguesia?

R.L. - Quem era essa burguesia?

O.B. - Quem era essa burguesia? É um pouco difícil responder no passado, viu? Mas nós víamos os pequeno-burgueses se revoltando por toda parte: em Copacabana, Rio de Janeiro; em São Paulo, em 24, com Isidoro; no Rio Grande do Sul com Prestes, a marcha da Coluna Prestes, os pequeno-burgueses. E nós sabíamos que os pequeno-burgueses sempre fazem o jogo ou do proletariado ou da grande burguesia, porque eles não podem ter uma política própria. Então, nessas condições, a pequena burguesia estaria a serviço da grande burguesia brasileira. Assim, individualmente, nós não poderíamos citar...

R.L. - Quem eram os representantes políticos da burguesia industrial, por exemplo?

O.B. - Eu não posso citar, não me lembro. Havia uma série de tipos, mas eles, em geral, estavam sempre com o governo. Mas essa pequena burguesia vem fazer o papel da burguesia, e nós deixamos a porta aberta para a burguesia para a luta contra o imperialismo. Porque o imperialismo subjugava essa burguesia, roubava, explorava, saqueava, não só o povo, também essa burguesia. Daí essas revoltas da pequena burguesia, e a grande burguesia tratava de escamotear essas revoltas em proveito dela, grande burguesia. Como lá em São Paulo o Macedo Soares tentou isso com

Isidoro. Individualmente não me lembro quem é que poderia. Deixamos a porta aberta para a grande burguesia industrial.

M.C. - Vocês fizeram alguma tentativa de penetração nas entidades de classe da burguesia, como, por exemplo o Centro Industrial do Brasil?

O.B. - Não. De antemão o Centro Industrial, as associações comerciais sempre se reuniram para votar moções ao lado de Bernardes. Era inútil procurar essa gente.

M.C. - Quer dizer que nessa frente única havia mais, talvez, um desejo de aliança com a burguesia do que uma possibilidade real de aliança com a burguesia?

O.B. - Com a burguesia sim, mas com a pequena burguesia havia. O diabo é que Prestes no final - o Basbaum conta - aceitou, mas os outros refugaram. Todos os outros refugaram. Não quiseram nenhuma frente única com o Partido Comunista. Então Prestes - já era 30 - lançou o manifesto de maio e, depois, em 34 aderiu ao Partido Comunista.

M.C. - Otávio, antes de a gente entrar em perguntas sobre, vamos dizer assim, a tática ou a estratégia eleitoral do partido, eu queria recuar um pouco e fazer umas perguntas sobre o cenário político do Rio de Janeiro, do ponto de vista eleitoral. Você chegou ao Rio em 19. Estou fazendo o estudo para 1917 e descobri que em 1917 havia dois partidos muito importantes que elegiam os seus candidatos para o Conselho Municipal. Eu queria saber se você ainda conheceu esses partidos, que eram a Aliança Republicana e o Partido Autonomista Republicano. Eram partidos do Rio de Janeiro.

O.B. - Houve uma reação republicana contra Bernardes - Nilo Peçanha. Mas parece que foi 21 ou 22. Esses eu não conheço.

M.C. - Você não lembra nada, vamos dizer assim...

O.B. - Aliança Republicana, nada.

M.C. - Nada; e nem lembra nada do tipo de política que se fazia no Rio...?

O.B. - Reformismo, viu? Promessas aos operários, enganando os operários, conciliação de classe - o reformismo mais independente.

M.C. - Mas havia muita mobilização operária no sentido de apoiar este ou aquele candidato?

O.B. - No Engenho de Dentro. Os operários e funcionários do Engenho de Dentro votavam nesses politiqueiros.

M.C. - Só no Engenho de Dentro ou em outros lugares também?

O.B. - Em outros lugares, feito Engenho de Dentro, votavam nesses politiqueiros. Eles faziam promessas, defendiam os operários contra a Polícia quando havia alguma desordem, e conquistavam apoio... Sempre tinham lá a sede do partido, os cabos eleitorais. Havia muito cabo eleitoral, todos, todos. Por exemplo: Azevedo Lima, em

São Cristóvão. Ele era médico dos operários de São Cristóvão. Então aquela massa operária votou sempre no Azevedo Lima. Ele era eleito e reeleito, eleito e reeleito. É um caso concreto. O Bergamini no Engenho de Dentro; o Azevedo Lima em São Cristóvão. Cada bairro tinha seus politiquinhos. E eram pequeno-burgueses, às vezes eram revoltosos. O Azevedo Lima defendeu muito as insurreições em São Paulo, tudo isso. Às vezes eram revoltosos que pensavam tomar o poder.

M.C. - Você conheceu um sujeito chamado Ernesto Garcez?

O.B. - Não.

M.C. - Ele foi intendente em 17 e propunha toda uma política de legislação trabalhista.

O.B. - Eles prometiam muita coisa, mas ficava tudo no papel, a própria lei... Não consegui... Fizemos muitas reuniões para aplicar na prática a Lei de Férias. Ficou tudo no papel.

M.C. - Agora, Otávio, além dos operários no Engenho de Dentro, onde mais havia articulações operárias de apoio a candidatos dos partidos burgueses?

O.B. - Eu disse: lembro de São Cristóvão e Engenho de Dentro.

M.C. - Basicamente essas duas regiões?

O.B. - Esses dois, mas era por toda parte. A Câmara Municipal se enchia de pequeno-burgueses, instrumento da grande burguesia, inclusive instrumento da Light. Havia um Batista Pereira - não é o genro dele, Rui Barbosa, um outro Batista Pereira de Irajá -, o sujeito sempre reeleito pelos trabalhadores de Irajá. Quando a Light tinha seus projetos, era o Batista Pereira que propunha. E, por sinal, foi o Batista Pereira que propôs uma indicação, que foi aprovado pela Câmara, proibindo a publicação dos meus discursos e dos discursos de Minervino. Então, já em dezembro de 29, nos Anais da Câmara, publicado lá; "O senhor Otávio Brandão fez um discurso." Foi o Batista Pereira, a Light diretamente.

R.L. - Partindo de dezembro de 29, eles não transcreviam mais...?

O.B. - Dezembro de 29, não publicam mais... Em dezembro de 29 e em 30 não publicavam mais nada. Saía lá "O senhor Otávio Brandão fez um discurso." Há nos Anais da Câmara. Eu briguei, falei... era o Batista Pereira.

R.L. - E que tipo de argumento ele...?

O.B. - Ah! Ele diz que era um desaforo muito grande, dois agentes de Moscou estarem ali dia e noite, bombardeando a Assembléia, que era um desrespeito à Assembléia. Está lá tudo publicado. O Leôncio, no livro dele, diz que eu estava em acordo com a burguesia. Eu digo: "Este Leôncio tem coisa de bobalhão. Está aí o acordo com a burguesia: eu sempre no xadrez... Eu e Minervino presos a três por dois, e, às vezes, no meio de tiroteio.

Minervino era uma bravura. Eu perguntava: "Como é, Minervino? Arsenal

de guerra é zona militar. Vamos falar lá?" E ele: "Vamos." Homem de uma coragem, de uma bravura extraordinária. Há uma fotografia que saiu na *Pátria*, no meio do tiroteio da Polícia na praça do Teatro Municipal, e Minervino apenas se encostou à porta de ferro do teatro. Apenas se encostou, cercado de policiais depois do tiroteio. Não correu. Uma bravura.

M.C. - Quer dizer, Otávio, que se havia tanta articulação operária no sentido de apoiar esses candidatos, isso ainda em 17, 18, ainda num período de ascensão do anarquismo, esta ascensão atingia setores de certa maneira restritos do operariado carioca?

O.B. - É. As fábricas de tecidos atingiu, sobretudo as fábricas de tecidos. Aquela massa ia para a rua do Acre, em frente ao sindicato e falava do sindicato. Aquela massa toda espalhada na rua Acre. Mulheres, muitas mulheres, menores, tudo, tecelões, fiação e tecelão, só isso.

M.C. - Nessa época você acompanhava o movimento operário de outros estados?

O.B. - Pelas leituras, pelo jornal *A Plebe*. Havia o jornal do Canelas em Pernambuco, esqueci o nome. O que havia eu lia.

M.C. - Como é que era o movimento no Rio Grande do Sul?

O.B. - Não sei. Sei que houve greves gerais no Rio Grande do Sul. Conquistaram o dia de oito horas, aumento de salário. Mas, assim, um quadro não tenho.

M.C. - E em São Paulo?

O.B. - Bom, em São Paulo havia o jornal *A Plebe*, que exerceu influência muito grande; Edgar Leuenroth; prisões; perseguições. Greves gerais em São Paulo, parava tudo.

M.C. - E lá, também, os operários apoiavam candidatos a eleições?

O.B. - Não sei. Primeiro que não havia eleições. Houve eleição pela primeira vez conosco. Houve três batalhas para a gente triunfar: primeira batalha para a votação; segunda batalha para não anularem as seções em que tivemos votos; e terceira batalha para o reconhecimento na Câmara.

M.C. - Não havia eleições, não havia candidatos de esquerda.

O.B. - Não, não havia eleições. Havia bico de pena e havia o reconhecimento. E, com o reconhecimento, o Washington Luís, por exemplo, mandava cassar... Bernardes mandava cassar. Irineu Machado, senador, foi eleito pelo Rio de Janeiro, mas o reconhecimento foi dado a Mendes Tavares, que era o homem de Bernardes. Sempre, mas sempre, por todo o país assim. Era o PRP, em São Paulo, o PRM em Minas Gerais. De fato nunca houve eleição.

M.C. - No Rio esse problema acontecia muito porque o distrito federal era uma cidade...

O.B. - Muito. Depois, havia a corrupção. Os cabos eleitorais corrompiam muito o eleitor. E havia a gratificação, esta coisa terrível. Diziam: "Meu médico, vou votar nele." O Azevedo Lima. Aquela massa de São Cristóvão votava em Azevedo Lima. Era "o meu médico", pronto, acabou. Por gratidão. Agora, eu conheço casos... O meu vizinho votou num homem de Arena por gratidão. Coisas assim. Até hoje! Não é consciência.

R.L. - Bom, Otávio, eu queria saber como é que surgiu a idéia do Bloco Operário e Camponês. Ela foi uma decisão tirada pelo partido ou correspondeu a algum tipo de decisão da Internacional?

O.B. - Não, foi o partido. A Internacional, naquele tempo, intervinha muito pouco. De tempos em tempos mandava uma recomendação qualquer. Nós vimos que o estado de sítio ia terminar - quatro anos -, e, então, Leônidas de Resende colocou à nossa disposição o jornal dele, *A Nação*, que não aparecia durante o estado de sítio. Então traçamos um plano: um jornal diário, *A Nação*; tirar *A Classe Operária* como semanário, aí com a linha do partido, ao passo que *A Nação* seria uma mistura; e criar uma organização política para participar das eleições. Tínhamos participado antes, com Joaquim Barbosa como candidato a intendente, mas foi derrotado. Então verificamos que se precisaria ter uma organização própria, eleitoral, para eleger vereadores e deputados. Isto foi mais ou menos em 26 que decidimos, a CCE decidiu. Então, em 27, logo no começo, preparamos o programa, Astrojildo publicou o programa e lançamos a idéia pelo jornal diário *A Nação*, convidando Azevedo Lima, Maurício de Lacerda e quem quisesse aderir ao Bloco Operário. Era só Bloco Operário. Maurício de Lacerda recusou. Aliás, já tinha brigado comigo na casa de saúde na rua...

M.C. - É, você nos contou. Você foi procurá-lo e ele não quis....

O.B. - Fui procurá-lo e ele: "Mas quem é você para me tratar assim?" "Não estou intimidando ninguém. Eu estou lembrando, convidando, tudo isso." Eu saí e digo: "Esse sujeito não vale nada, isso é um bestalhão. Não se pode nem conversar com ele, sempre de cima para baixo." Ele recusou e lançou a candidatura de Prestes para dividir o primeiro distrito em que eu e o João Jorge da Costa Pimenta, operário gráfico, líder sindical, era o candidato. E dividiu. Por isto o Pimenta não foi eleito intendente. No segundo distrito, Azevedo Lima tinha votação própria, tinha eleitores próprios de vários anos, era o médico daquela gente toda e aderiu ao Bloco Operário e foi eleito.

R.L. - Mas ele concordava com os princípios do Bloco Operário?

O.B. - [riso] A coisa é tão engraçada, que, um dia, no meio de um discurso dele, ele pregou a ditadura do proletariado para o Brasil. Eu tive que ir a ele: "Azevedo Lima, por favor, não repita isto. O regime não pode ter nenhuma ditadura do proletariado. Nós ainda tratamos de formar uma frente única com Deus e com o diabo, um saco de gatos tremendo, por favor não diga mais isto não." [riso] É assim.

R.L. - Mas como é que ele muda tão rápido de idéia?

O.B. - Pequeno-burguês é assim. Na prática pequeno-burguês é assim. Pode ser uma pessoa muito honesta. Depois, descobrimos que ele tinha velha amizade com Júlio Prestes, que ia ser o presidente da República. E no correr de uma semana, ele

deu o salto: de representante do Bloco Operário na Câmara a apoiar a candidatura de Júlio Prestes. No correr de uma semana. [riso] Então o expulsamos como traidor, ele me...

R.L. - Ele era o presidente do Bloco Operário?

O.B. - Parece que era o presidente, eu era o secretário. Então ele me descompôs muito e tudo isso, mas eu já era vereador, não precisava mais dele.

R.L. - Então vocês dizem que criaram o Bloco Operário como uma frente eleitoral, não é?

O.B. - É.

R.L. - E além desse trabalho eleitoral, que tipo de trabalho vocês desenvolveram na bandeira do Bloco?

O.B. - Bem, depois, em 28, reorganizamos o Bloco Operário como o Bloco Operário e Camponês e procuramos esses camponeses aqui, ali...

R.L. - Só para me situar: o Bloco Operário trabalhou em 27 para a candidatura do Azevedo Lima?

O.B. - E.

R.L. - Eleito o Azevedo Lima, ele se desarticula?

O.B. - Não, bom, ele... assim meio... porque o jornal *A Nação* em agosto foi fechado pela Polícia. Claro que perdemos posições.

Agora, em 28, a CCE decidiu reorganizar o Bloco Operário como Bloco Operário e Camponês e procuram camponeses aqui, ali e acolá. Fomos para o sertão carioca, fomos pelo estado de Rio. Laura foi várias vezes lá. E em Sertãozinho, estado de São Paulo, Ribeirão Preto. E aí todo um trabalho político. Ainda ontem passei por lá: é na rua da Constituição, esquina da praça da República. Olhei assim, aquele cantinho, era só uma saleta. Então às quatro horas da tarde, abríamos as portas, e aquele massa das fábricas ia para lá. Muita, muita gente ia pra lá. E, durante o ano inteiro, fizemos propaganda junto a esses operários.

R.L. - Vocês tinham uma atuação similar à atuação do partido, parecida com a atuação do partido, só que legal?

O.B. - Legal. Porque vimos que como Partido Comunista não iria para frente. Não poderia, seria logo fechado.

R.L. - Então, em termos de posição política, em termos de palavra de ordem, não havia diferença com relação ao partido?

O.B. - Bom, porque o partido era mais avançado, palavras de ordem mais revolucionárias. E o Bloco só podia avançar até certa altura. Precisávamos ter cuidado para ele não ser fechado.

M.C. - O Bloco era registrado?

O.B. - O Bloco não era registrado, mas custou várias cadeias, minhas, de Astrojildo. Perguntavam: "O que vocês estão fazendo aqui?" E nós: "Eleição." E eles: "E o Partido Comunista?" E eu respondia: "Eu não sei. Eu não sei, não sei..." E o partido continuava a viver a sua vida própria. E o Bloco com aquela preocupação oficial de eleições...

M.C. - Exato, mas o Bloco era registrado como partido legal?

R.L. - Era um partido legal.

O.B. - Eu não me lembro. Eu não me lembro se registramos.

R.L. - Como é que era a forma de organização do Bloco Operário e Camponês?

O.B. - Bem, tinha os comitês nos sindicatos, nas fábricas. Chegou a ter uns sessenta comitês.

R.L. - No Rio de Janeiro?

O.B. - Não, no Rio e nos estados, mas sobretudo no Rio. Nós chegávamos, era uma coisa maravilhosa. Chegávamos na Central do Brasil, há lá uma seção, que se chamava "Rotunda", porque era redonda. E as locomotivas paravam ali para os ferroviários limparem.

M.C. - Isso em 28?

O.B. - Em 28. Nós entrávamos ali, não pedíamos licença, íamos para a Rotunda, subíamos numa locomotiva e falávamos àquela massa trabalhadora, dentro da Central do Brasil. Depois nunca mais foi possível isto. Dentro das fábricas, nós entrávamos, não pedíamos licença.

R.L. - Vocês organizavam comitês de fábricas. Isto não se confundia com as células do partido?

O.B. - Não, porque "*tout le monde e son père*" poderia aderir aos comitês; e ao partido não.

R.L. - Então havia casos, por exemplo, de fábricas em que havia célula do partido e comitê do Bloco Operário?

O.B. - É. O comitê do Bloco Operário abarcava os membros, nessas fábricas, do partido e operários sem partido.

R.L. - Uma coisa mais aberta, bem mais aberta.

O.B. - Mais aberta. Ficou estabelecido apenas apoiar o programa do Bloco Operário. A única condição, mais nada. E tinha essa sede. Então, a luta era manobrar para poder conservar o Bloco Operário legal, do contrário...

R.L. - E, Otávio, a linha política do Bloco Operário e Camponês era decidida como?

O.B. - Reivindicações imediatas, essas coisas, leis trabalhistas.

R.L. - Sim, mas como é que ela era decidida, pelo Partido Comunista ou...?

M.C. - Pelo partido.

O.B. - Fabricada pelo partido, mesmo porque a direção toda estava na mão do partido.

R.L. - A direção do Bloco Operário e Camponês pertencia ao partido?

O.B. - Era. Eram todos. Não havia nenhum perigo de traição. Eram operários garantidos, a direção do Bloco - chegar ali e olhar. Então o partido preparou o programa, publicou o programa, melhorou depois, quando virou Bloco Operário e Camponês. E fizemos muita propaganda em torno, distribuindo manifesto. A cada operário que ia lá à sede do Bloco, nós dávamos um exemplar, folhetos, manifestos. Quatro horas da tarde, ali perto da Central do Brasil, aquele massa vinha, vinha... E nós o ano inteiro. E criando eleitores próprios, esses operários iam ser eleitores próprios.

M.C. - O que significa ser um eleitor próprio? Como assim?

O.B. - Não era fazer um apelo; eram operários conscientes que iam votar conscientemente no Bloco Operário. E que tinham se transformado em eleitores pelo Bloco Operário.

M.C. - Sim, porque muitos desses operários, mesmo tendo pela Constituição direito de voto, não eram eleitores nessa época, não é?

O.B. - A maioria esmagadora não era. Não acreditava nas eleições. E nós dizíamos: "Vai votar, e será respeitado. Se o governo não respeitar, nós pararemos o Rio de Janeiro." E o governo ficou com medo. Diziam: "Esses sujeitos são doidos." E nós dizíamos: "Não precisa nenhuma ordem do partido nem ninguém. Quando chegar a notícia, simples notícia, de que os dois vereadores eleitos não foram reconhecidos, parai todas as fábricas do Rio de Janeiro." Claro que a Polícia sabia que não podíamos parar todas as fábricas, mas uma parte poderíamos parar, porque tínhamos força. Tínhamos força em Real Grandeza, fábrica Aurora, na Gávea, no Engenho de Dentro. E o quarto delegado Oliveira Sobrinho era contra, não queria que fôssemos reconhecidos, mas a pressão foi muito grande, dos operários e mesmo de grupos burgueses. Por exemplo: eu soube que o Prado Jr. não...

R.L. - Você falou para a gente que ele defendeu seu reconhecimento.

O.B. - Ele disse: "Devem ser reconhecidos." Perguntaram: "Por quê?" E ele: "Porque eles nunca virão aqui me aborrecer; e os outros sempre vêm fazer pedidos." Prado Júnior. Era o prefeito do Rio de Janeiro. Família Prado. E nós ameaçávamos: "Se não formos reconhecidos, pararemos o Rio de Janeiro." E eles falavam: "Esses sujeitos são doidos, e eles vão..."

R.L. - Quer dizer, vocês rearticularam o Bloco Operário e Camponês em 28 em função das eleições para intendente?

O.B. - Bom, não dizíamos que era em função das eleições, era em geral. Agora, o Bloco ajudou as greves. Minervino, eleito vereador, foi dirigir a Confederação Geral do Trabalho. Começamos a percorrer os estados, agitando os operários - primeiros vereadores comunistas. Minervino era operário, eu não era operário, era intelectual, mas Minervino era operário marmorista. Ele mostrava as mãos, aquelas mãos cheias de calos, aqueles calos tremendos. Ele dizia: "Eu sou operário e aqui está a prova." Pronto [riso], virava a cabeça dos operários. E era o vereador, tratado com muita coisa... Então os estados... Houve a greve dos gráficos em São Paulo, nós ajudamos muito.

M.C. - Mas ajudaram de que forma?

O.B. - Dando dinheiro quando a greve estava meio perdida. Os grevistas não tinham mais crédito. O dinheirinho de Laura, das crianças - 15 ou 16 contos, era o patrimônio delas pela lei -, mandamos para São Paulo, e os operários recuperaram o crédito. Laura foi lá falar, e houve um comício no Rio de Janeiro. Vieram soldados para dissolver a tiro, a bala. Ia ser uma matança tremenda...

M.C. - Ah! Você contou que ela estava falando...

O.B. - Ela virou a cabeça dos operários, brandando: "Soldados irmãos não atirem nos irmãos operários." Os operários se voltaram, e aquela mulher muito bonita, toda de branco com um manto azul. Diziam que era a Nossa Senhora, os místicos. E os soldados se voltaram, e ela repetiu: "Soldados irmãos não atirem nos irmãos operários." Os soldados baixaram as armas, e o comandante deu a ordem de ir embora....

R.L. - E como é que foi a atuação de vocês como vereadores, você e Minervino?

O.B. - Bem, era muito difícil. Havia um grupo da futura UDN, Getúlio Vargas. Era Seabra, Maurício de Lacerda, Leitão da Cunha. E a maioria era de reacionários, partidários do governo, mas reacionário burro que não enxergava nada de nada.

R.L. - A maioria da Câmara?

O.B. - Era a maioria da Câmara. Eu dizia: "Este governo do Washington Luís está podre." E eles: "Podre está Vossa Excelência." Um deles ia sempre armado e falou: "Um dia eu perco a paciência, não aturo mais este sujeito e vou fechar a boca dele com um tiro." Era um ambiente assim de provocações. Eu estava falando da tribuna, havia uma banca com uma tampa para a gente guardar livro, qualquer coisa ali. E eu estava falando, e eles com a banca assim: pá, pá, pá... Eu digo: "Senhor presidente, não me deixam falar." E eles: pá, pá, pá... O presidente, então, suspendia a sessão.

R.L. - Isso era comum quando você e Minervino falavam?

O.B. - Comum... A princípio, Marcílio bancava representante de Prestes. Arranquei a máscara de Maurício. Houve uma reunião da diretoria em Niterói e eu fui. E Maurício aproveitou a minha ausência para convidar o povo do Rio de Janeiro a votar em Getúlio Vargas. Até então tinha uma certa linha, contra Getúlio e contra Júlio Prestes. Tinha uma certa linha. E nesse momento arrancou a máscara. Quando voltei, perguntei: "O senhor Luís Carlos Prestes autorizou Vossa Excelência a convidar o povo do Rio de Janeiro a votar em Getúlio Vargas?" Ele estourou comigo: "Não aceito imposições." Digo: "Não estou impondo nada, estou perguntando." E naquele meio, ele disse... Isto está nos Anais, mas lá os Anais não dão bem a idéia. "Não aceito, não sei o quê." e retirou-se da sala. E mais uma vez os verdadeiros do governo, para salvar Maurício de Lacerda, que era adversário, batendo assim, não me deixaram... E eu falei: "Senhor presidente, por favor, não me deixam falar." O presidente suspendeu a sessão.

R.L. - Gozado, no livro dele, *Segunda República*...

O.B. - Eu não li não, mas sei que há muita porcaria...

R.L. - ...ele diz que foi ele que ajudou Otávio Brandão e Minervino de Oliveira a se iniciarem como vereadores.

O.B. - Mentira! Quem ajudou um pouco foi Azevedo Lima, pagando esses operários que queriam ser eleitores.

M.C. - Pagando como?

R.L. - Não, ajudando vocês como vereadores, dentro da Câmara e não em termos de eleição.

O.B. - Qual o quê! Ele só fazia atacar a Polícia, atacar o governo, isso sempre capitulando. Precisava dinheiro para ser eleito, entende? Aqueles papéis, aquelas coisas, requerimento.

M.C. - Ah, sim...

O.B. - E ele pagava, era o deputado do Bloco Operário, pagava... Como é que se chama? O aluguel. Foi isso que devemos.

M.C. - O Rio era dividido em primeiro distrito e segundo distrito. Que divisão era esta?

O.B. - Primeiro e segundo. O segundo eram os subúrbios, proletariado, essa massa. E primeiro distrito era Gávea; aqui, o centro da cidade, os funcionários públicos.

M.C. - Engenho de Dentro era primeiro ou segundo distrito?

O.B. - Era segundo distrito.

R.L. - Você foi eleito pelo primeiro distrito?

O.B. - Fui eleito pelo primeiro distrito.

M.C. - Quer dizer, a grande concentração operária estava no primeiro ou no segundo?

O.B. - No segundo distrito.

M.C. - Nos subúrbios?!

O.B. - É, nos subúrbios. Essa massa toda de operários era dos subúrbios.

M.C. - Os têxteis. Mas tinha muita fábrica têxtil na Gávea?

O.B. - Na Gávea, e a Gávea pesou na minha eleição.

M.C. - Quer dizer, também havia uma grande concentração operária no primeiro distrito?

O.B. - Só na Gávea, um pouquinho nas Laranjeiras. Eu não li o livro, mas sei que tem uma porção de mentiras. Fui eleito vereador e, então, precisava de Maurício de Lacerda para quê?

R.L. - É o que ele conta, lá.

O.B. - Ele era orador, e eu também era orador. E tinha Minervino para garantir [riso]. Mas era uma coisa terrível - aqueles reacionários e burros. Eles estavam certos de que Washington Luís terminaria o governo e viriam quatro anos de marmelada de Júlio Prestes.

R.L. - Bom, até março de 30, a atuação de vocês na Câmara se pautou pela crise...

O.B. - Dezembro de 29. Criticava: "Nem Júlio nem Getúlio"

R.L. - E depois de dezembro?

O.B. - Depois de dezembro, a Câmara só veio a se reunir em junho. Era assim: só de junho a dezembro.

R.L. - E de junho a outubro, como é que foi a atuação de vocês?

O.B. - De 30?

R.L. - De 30.

O.B. - "Nem Júlio, nem Getúlio", agentes do imperialismo assim, assim... Na realidade só podemos atuar de junho a dezembro de 29. Mesmo em dezembro, vem nos Anais: "Sr. Otávio Brandão fez um discurso." Atacamos muito o imperialismo, defendemos as reivindicações imediatas, levantamos as reivindicações dos camponeses

e fizemos muito o trabalho que se chama extraparlamentar, nas fábricas, nos bairros operários. Chegava lá, era o vereador... Porque os operários têm aquela confiança: "Ah! Depois de eleito..." -, não conheci aquela massa? - "nunca mais virá aqui." Porque sempre era assim. Diziam: "Todos são assim." E nós fomos a primeira exceção. Chegávamos lá e falávamos: "Fulano de tal, vereador eleito pelo Bloco Operário e Camponês." Abriamos aquela faixa vermelha com as letras brancas: "Parai! Assisti ao comício do Bloco Operário e Camponês." Aquela massa parava. Então, muito trabalho extraparlamentar.

R.L. - Projetos de lei?

O.B. - Projetos, toda uma série de reivindicações imediatas.

R.L. - Mas de junho de 30 até o fechamento...

O.B. - Não pudemos fazer nada, nada, nada. Nada foi publicado, nada, nada... Então recorremos ao método: o sujeito falava e nós interrompíamos. Naquele tempo não se precisava pedir licença, era uma maravilha. O sujeito falava, e eu interrompia. E o sujeito dizia: "Mas, por favor, não estrague o meu discurso." Era assim. Coisas gozadas: saía o que o sujeito dizia, mas minha intervenção não saía, os meus apartes não saíam. E assim foi até 3 de outubro. Em 3 de outubro fui para a casa de correção.

R.L. - Eu queria saber o seguinte: o Bloco Operário Camponês foi dissolvido quando?

O.B. - Em 30.

R.L. - Em que época de 30, em que mês?

O.B. - Bem, depois... houve essa... Quando Astrojildo chegou de Moscou, já veio com essas coisas...

R.L. - Antes da revolução?

O.B. - Antes.

R.L. - Você ainda era vereador?

O.B. - Era. Porque não houve revolução nenhuma, houve um golpe armado. Aí começam as discussões...

[FINAL DA FITA 5-A]

O.B. - ...nas fábricas a gente entrava diretamente. Entrei diretamente na Imprensa Nacional. Imagine! No meio dos linotipos entrei com Azevedo Lima e falei, lá dentro. Entrei na Rotunda da Central do Brasil. Uma outra vez dentro da Central do Brasil, mas não na Rotunda, porque poderia parecer até uma provocação. Em uma série de empresas nós entrávamos sem pedir licença aos patrões, aos capatazes e falávamos aos operários.

Força, força, e os operários apoiavam. E se os capatazes se metessem àquela hora, apanhariam, porque nós não éramos de brincadeira. Mandaríamos dar surras: "Surras nesses miseráveis. São cachorros da burguesia." Tínhamos coragem e gente corajosa ao nosso lado, como Minervino de Oliveira. Nunca vi Minervino tremer.

R.L. - Quando começa a ficar claro que haveria um golpe ou uma revolução, em 30, qual era a posição do partido?

O.B. - Sovietes, soviets. Foi se desligando das massas, perdendo a base, perdendo tudo, se decompondo, se desagregando.

R.L. - Mas o partido não tenta uma ligação com Antônio Carlos, em Minas Gerais?

O.B. - Não, Antônio Carlos prometeu, mas ficou tudo no papel. Depois não tínhamos confiança, sabíamos que era um safardana, que não valia nada.

M.C. - Não, mas se ele prometeu, houve uma tentativa.

O.B. - Um demagogo... Qual o quê! Sabíamos que toda essa gente estava podre. Todos eles nos perseguiram barbaramente. E da noite para o dia bancaram de revolucionários. Muito engraçado - Bernardes revolucionário. Uma mascarada miserável esse 30. Getúlio também. Ih!... Fez tanta sujeira contra nós no Rio Grande do Sul.

M.C. - Como assim no Rio Grande do Sul?

O.B. - Greves esmagadas por Getúlio e pelos seus... Deportação de Chester, que era um estudante comunista.

M.C. - Isso em que época?

O.B. - Quando ele era presidente, governador do Rio Grande do Sul.

M.C. - Ainda em 28, 29?

O.B. - Nos Anais da Câmara, os meus discursos denunciam toda uma série de crimes de Getúlio. Recebeu vinte milhões de dólares do banco White and [inaudível] de Nova York. Declarou, em *O Jornal*, uma admiração por Mussolini. Ele disse: "Se eu for eleito para o governo, procurarei fazer no Brasil o que Mussolini está fazendo na Itália." Assim... E greves esmagadas, deportações, toda uma série de deportações, começando por esse jovem, Chester. a mascarada mais infame de toda a história do Brasil - 1930.

R.L. - O partido começa a propor soviets em 29?

O.B. - Em 30. Em 29, esquerdismo entre aspas.

R.L. - Você falou que essa reunião...

O.B. - Em Niterói.

R.L. - Não, a reunião de Buenos Aires...

O.B. - Sim, foi em 30.

R.L. - Houve toda aquela condenação. Essa reunião foi só sobre o Partido Comunista do Brasil?

O.B. - Não, os outros partidos da América do sul. E a linha, a mesma: sovietes.

R.L. - E com relação a esses outros partidos comunistas da América do Sul, houve o mesmo tipo de pressão?

O.B. - Aderiram em massa. Aderiram em massa.

R.L. - Mas houve o mesmo tipo de pressão da Internacional contra esses partidos?

O.B. - Não. Contra essa linha? Aderiram em massa. Ninguém se levantou para protestar contra essa linha. Vinha da Internacional... Eram partidos sectários, menos o partido da Argentina [riso], que defendeu a ditadura do proletariado até 30, para a Argentina. Não se estudou nada da Argentina.

R.L. - Mas veja só: no caso brasileiro, Astrojildo capitulou; você sofreu aquelas críticas todas; Sousa Barros foi expulso...

O.B. - Eu tentei resistir. Bom, isso foi já no Brasil - Sousa Barros.

R.L. - Por um lado, o partido adotou a tática de sovietes imediatos; mas, por outro lado, parte da direção foi excluída. Certo?

O.B. - A direção foi liquidada.

R.L. - E com relação aos outros partidos, também na América Latina, houve...?

O.B. - Aderiram em massa à nova linha e ficaram eles mesmos com aquele sectarismo crônico.

R.L. - Por isso é que eu perguntei naquela hora sobre Mariátegui.

O.B. - Não sei. Não sei a história. Sei que Mariátegui foi um dos fundadores do partido, tinha idéias muito progressistas, era um homem muito doente. Fez tentativas para compreender o Peru. Mas morreu logo, estava muito doente, numa cadeira. E depois aquele grupo sectário da Internacional não poderia compreender a importância dos intelectuais na América Latina. Uma linha sectária de sovietes. Então os intelectuais não têm nada a fazer numa revolução soviética imediata. O único aliado do proletariado são os camponeses, os pobres. Diziam: "Mesmo o camponês pobre é um perigo, porque ele quer a pequena propriedade; e a pequena propriedade engendra, insensivelmente, a grande propriedade, a volta ao capitalismo." [riso] Mesmo o camponês pobre é um perigo. Era assim que se dizia. Tanta burrice! Burrice... Anos depois, 36, Dimitrov mandou chamar-me e recomendou: "Esqueça tudo quanto lhe disseram sobre a

revolução soviética imediata no Brasil. Isto é uma asneira." Mas isso já foi em 36, começo de 36.

R.L. - Um pouco tarde...

O.B. - Tarde demais. Anos perdidos, quatro anos.

R.L. - Agora, como é que a Internacional conciliava, por exemplo, a posição de soviets imediatos e o apoio, por exemplo, a Prestes?

O.B. - Bom, porque Prestes foi marchando para a esquerda. De revoltoso pequeno-burguês para membro do partido e, depois, dono do partido. Mas a princípio era luta contra o prestismo.

R.L. - Luta contra o prestismo?

O.B. - Luta contra o prestismo era obrigatória. Quando eu fui acusado de instrumento do prestismo, com os meus trabalhos fiz toda uma série de críticas aos pequeno-burgueses.

#### [INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.C. - Então, Otávio, eu queria saber o seguinte: que você me explicasse porque as pessoas tinham direito a oito votos. Você já falou isto numa entrevista anterior.

O.B. - Em 1928 a lei permitia para cada eleitor oito votos. Ele podia votar de caixão, isto é, num só candidato, como os operários votaram em massa em mim, assim. Ou podia votar em oito diferentes candidatos ou em sete, em seis - em quantos ele quisesse. Então houve aquela votação em massa de operários, cada um com oito votos, a mulher com oito votos, e o resultado é que nós triunfamos - Minervino e eu.

M.C. - Agora, essa legislação eleitoral da época era para o Brasil inteiro ou só para o Rio?

O.B. - Eu não me lembro.

R.L. - Por que oito votos?

O.B. - Isso, porque eles esperavam... Havia aqueles cambalachos; por exemplo: Bergamini e Maurício de Lacerda; Bergamini e fulano e beltrano e sicrano. Entre eles, pequeno-burgueses e grandes burgueses. Então, com esse direito de oito votos, eles podiam rachar, dar quatro votos, por exemplo, a Maurício de Lacerda e quatro votos a Bergamini. Então isto facilitava os cambalachos entre os politiquinhos da pequena, média e grande burguesia. Como isto saiu às avessas - pela primeira vez dois comunistas vereadores -, eles anularam isso.

R.L. - Nunca mais repetiram?

O.B. - Acabou.

M.C. - A legislação foi mudada?

O.B. - Foi mudada.

R.L. - Não houve eleição...

M.C. - Não houve mais.

R.L. - Só para presidente.

O.B. - É assim. Não houve mais. Desliga isso.

[FINAL DO DEPOIMENTO]